Diário de Lisboa

ANO 55.º/18-897 • 4$00

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **José Cardoso Pires**

SEXTA-FEIRA 20 OUTUBRO 1975

GARANTE O ALTO-COMISSÁRIO

Angola não será para um único movimento

Com a aproximação do 11 de Novembro, data marcada para a independência de Angola, agudiza-se a situação político-militar naquela ex-colónia, actualmente alvo da atenção de uma missão da O.U.A., que procura conciliar os três Movimentos de Libertação.

Em entrevista concedida ao nosso colega «O Século», o alto-comissário, almirante Leonel Cardoso, admitiu que seja possível a transmissão de poderes, por Portugal, a dois desses Movimentos, «mas nunca a um só».

Por seu turno, Jonas Savimbi, presidente da U.N.I.T.A., declarou em Nova Lisboa que, se não fosse encontrada já uma plataforma de acordo entre os três Movimentos, a independência seria declarada unilateralmente por cada um deles, o que levaria a «dois, senão três, Governos, e isso será uma tragédia».

Notícias vindas de Luanda informam que «nos círculos próximos do alto-comissário, diz-se que Portugal, caso não haja acordo entre os dois campos, possivelmente confiará em 11 de Novembro o processo de Angola às Nações Unidas».

Por seu turno, na sua entrevista a «O Século» o alto-comissário anuncia «uma evolução espectacular para fins deste mês», mas não adianta pormenores.

POSSÍVEL INVASÃO PELO NORTE

LUANDA, 20 (ANOP/FP/R/«DL») — «Com a aproximação do dia 11 de Novembro, o povo angolano prepara-se para assumir as suas responsabilidades de povo livre dentro do condicionalismo herdado de uma situação colonial específica e de um período de descolonização em que a potência colonizadora, foi incapaz de ultrapassar o papel de intermediário, que foi o seu, na época de exploração colonial-imperialista» — declarou o dr. Agostinho Neto, presidente do M.P.L.A., em mensagem ontem dirigida ao povo angolano.

Aquele líder angolano adiantou, na sua comunicação, que «organizações ditas nacionalistas preparam uma invasão de Angola pelo Norte» e culpou «determinados responsáveis portugueses», de cuja «hesitação e por vezes mesmo colaboração» se aproveitaram as mencionadas forças.

Entretanto, falando para a Comissão de Conciliação da O.U.A. (Organização de Unidade Africana) que já se encontra no Ambriz, onde a F.N.L.A. instalou provisoriamente a sua sede, Holden Roberto declarou que as suas forças esperavam entrar em Luanda amanhã, terça-feira. Esta notícia é desmentida pelo M.P.L.A., que assegura a defesa da capital angolana e conta com o apoio das massas populares.

F N L A «TRANQUILIZA» OS PORTUGUESES

Num comunicado publicado em Kinshasa, a Frente Nacional de Libertação de Angola dirige um apelo «patriótico e amistoso» a todas as populações angolanas e portuguesas no sentido de não se envolverem nos combates que opõem «a F.N.L.A. aos grupos armados apoiados pelo social-imperialismo».

A propósito das informações provenientes de Luanda dando conta dos receios de cidadãos portugueses se verem apanhados entre dois fogos com a aproximação das forças do E.L.N.A., o comunicado precisa que «a F.N.L.A. dá combate às tropas do M.P.L.A. e não às populações civis, sejam elas angolanas ou portuguesas».

«Os portugueses que vivem em Angola — prossegue o comunicado — são amigos e irmãos. Os dirigentes da F.N.L.A. jamais tiveram em mente perseguir as populações por motivo da sua opção política. Angola precisa da energia de todos os seus habitantes, tanto negros como brancos, para construir uma nação racialmente harmoniosa e economicamente próspera».

A terminar, o comunicado da F.N.L.A. «alerta as Forças Armadas Portuguesas contra uma nova intervenção ao lado do Movimento Popular de Libertação de Angola».

FINDA A MISSÃO DA O U A

A comissão da O.U.A., após ter contactado o M.P.L.A. em Luanda e a U.N.I.T.A. em Nova Lisboa, deve partir hoje, segunda-feira, do Ambriz. Durante a sua estada na cidade controlada pela F.N.L.A., a delegação da O.U.A. falou com Holden Roberto, que lhe mostrou dois roquetes de 122 m/m, de fabrico soviético, que disse fazerem parte de 500 mísseis terra-terra que o M.P.L.A. lançou sobre as forças da F.N.L.A.

Demba Paku Zola, membro do directório político da F.N.L.A., declarou que as relações da sua organização com a O.U.A. «são mais excelentes do que nunca, dadas as influências exteriores que se têm exercido no seio de algumas instituições africanas, designadamente o Comité de Libertação». Manifestou entretanto a esperança de que o inquérito da missão da O.U.A. «se traduza em conclusões imparciais» as quais não sejam ditadas «por qualquer preocupação de paternalismo ou outras motivações». A F.N.L.A. — concluiu — «rejeita qualquer falsa solução que venha a ser imposta por forças exteriores, ainda que africanas».

MANHÃ DE NEVOEIRO

Esta manhã (e já as nove horas tinham passado) os aviões não aterravam nas pistas da Portela. Nevoeiro, pois claro. No Tejo, unicamente os caciilheiros com radar conseguiam a travessia. Os outros só se tornaram operacionais às 11 horas. E na Linha de Sintra? Na Linha de Sintra os comboios abrandaram a marcha, pelo que houve centenas e centenas de pessoas atrasadas nos empregos. Na Ponte 25 de Abril, os veículos tiveram de afrouxar a marcha. Tudo, enfim, muito cauteloso. Nos jardins, ao longo das áleas, os vultos esfumavam-se. Aqui, do «DL» não se vislumbrava o rio. Nevoeiro, em suma, nevoeiro...

Costa Gomes recebe três brigadeiros

O Presidente da República recebe esta tarde os brigadeiros Passos Esmeriz, Agostinho Ferreira e Oliveira Rodrigues. Embora nada tenha sido divulgado quanto aos motivos desta audiência, julga-se que a mesma estará relacionada com os comandos da G. N. R., P. S. P. e G. F., cargos para os quais os três brigadeiros, ao que se diz, estão indigitados.

Recorda-se que Passos Esmeriz foi comandante da Região Militar do Porto antes de Eurico Corvacho e Agostinho Ferreira desempenhou interinamente o cargo de comandante da Região Militar do Norte depois de Corvacho sair e antes de Pires Veloso entrar.

Da agenda de hoje do Presidente da República consta ainda uma entrevista à revista italiana «Panorama» e a entrega de credenciais do embaixador de Chipre.

Audiência de Fabião a militares do Porto

Militares do C.I.C.A.P. e do R.A.S.P. estão em Lsiboa, onde se avistarão com o general Fabião. A visita tem como finalidade informar o chefe do Estado-Maior do Exército de que os militars responsáveis a R.M:N. não estão a ace .r a proposta do C.E.M.E. quanto a essas duas unidades.

A delegação vinda a Lisboa denunciará, segundo sabemos, «os saneamentos à esquerda que o comandante da Região está a fazer», através do envio para casal de licença registada, de militares progressistas. Será abordado ainda, nesse encontrro com o general Fabião, o problema do destacamento militar a instalar no C.I.C.A.P.

Entretanto, a futora licalização desta unidade continua em estudo. Segundo um matutino portuense, é possível que oo C.I.C.A.P. venha a funcionar nas instalações do 1.º Grupo de Companhias de Administração Militar (G.C.A.M.), na Póvoa de Varzim.

PLENÁRIO DA RENASCENÇA GRÁFICA

UNIDADE NA LUTA CONTRA PRESSÕES DO MINISTÉRIO

Perante a pressão que tem vindo a ser feita aos órgãos de Informação com intervenção do Estado, através do ministro da Comunicação Social, os trabalhadores da Renascença Gráfica, reunidos em plenário na tarde de sábado passado, numa demonstração nítida de unidade existente entre todos, decidiram por **unanimidade** recusar as pressões do ministro da Comunicação, por maioria (com duas abstenções e ninguém contra) apoiar a justa luta dos trabalhadores de «O Século» e por **aclamação** reiterar o seu incondicional apoio à acção desenvolvida na Renascença Gráfica e no «Diário de Lisboa» pelo administrador por parte do Estado, engenheiro Gonçalves Pereira, ao director e director-adjunto do «DL» dr. Ruella Ramos e José Cardoso Pires, respectivamente.

Foi ainda aprovada uma moção de apoio «às lutas que vem sendo desenvolvidas pelos camaradas do jornal «República» e «Rádio Renascença».

A reunião que visou eleger os representantes da R. G. que hoje às 10 da manhã com os seus camaradas de outros jornais estatizados ou com intervenção estatal, se foram encontrar com o ministro Almeida Santos e o secretário de Estado da Informação, tenente-coronel Ferreira da Cunha, teve no seu ponto uma intervenção

Continua na pág. 2

CAP. ANDRADE E SILVA NA REFORMA AGRÁRIA

(Pags. centrais)

20 PÁGINAS

Nacional

RENASCENÇA GRÁFICA EM PLENÁRIO

Continuação da pág. 1

do administrador por parte do Estado que informou os trabalhadores dos contactos que tivera com o ministro Almeida Santos, numa reunião, convocada para o efeito, com os administradores por parte do Estado.

Reafirmada a unidade dos trabalhadores que foi o ponto forte da reunião simultaneamente com o repúdio às pressões do sr. ministro da Comunicação Social, a comissão que hoje se encontrou no Palácio Foz com Almeida Santos ficou veiculada ao propósito de repúdio através de uma proposta aprovada que no seu ponto três avança a necessidade de denúncia de Almeida Santos que em todo o processo agora desencadeado contra os órgãos estatizados «pretende evitar a divulgação das lutas dos trabalhadores, fardados e não fardados, nos quartéis e nas oficinas, contra a exploração, contra a intervenção estrangeira em Portugal e contra o fascismo e os que o apoiam».

MOÇÃO DE REPÚDIO

«Os trabalhadores da R. G. recusam as ameacas do ministro da Comunicação Social que, atacando a liberdade de Imprensa de uma forma nitidamente chantagista, ameaça concretamente os trabalhadores de lhes tirar o sustento e oferece a oportunidade de uma divisão que não interessa ao avanço do socialismo em Portugal.»

A moção foi aprovada por unanimidade pela R. G. T. da Renascença Gráfica.

MOÇÃO DE APOIO

«Os trabalhadores da Renascença Gráfica, proprietária do «Diário de Lisboa», reunidos em plenário no dia 18 de Outubro de 1975, considerando que o jornal «O Século» está a ser o primeiro alvo da chantagem do sr. ministro da Comunicação Social, decidem manifestar o seu total apoio aos trabalhadores desse jornal, que «dizem não, à intimidação chantagista do ministro da Comunicação Social», conforme moção aprovada por esses trabalhadores no plenário de 16 do corrente.»

MOÇÃO DE CONFIANÇA

«Os trabalhadores da Renascença Gráfica, reunidos em plenário para analisar a situação decorrente das tentativas do ministro Almeida Santos visando amordaçar a Imprensa, exprimem o seu apreço à forma digna, corajosa e honesta como o administrador eng. Gonçalves Pereira defendeu os interesses do «Diário de Lisboa», dos seus trabalhadores e de todos os trabalhadores em geral, no decorrer da reunião entre o referido ministro e os administradores dos jornais com intervenção estatal.

Reafirmam a sua confiança ao eng. Gonçalves Pereira cuja independência ao serviço do «Diário de Lisboa» e da causa da Revolução e dos trabalhadores se tem situado acima de todas as flutuações políticas e conferem-lhe toda a representatividade para intervir por eles nesta luta ao seu nível de responsabilidade.

No mesmo sentido os trabalhadores da Renascença Gráfica exprimem também o seu voto de confiança e apreço ao director e director-adjunto, dr. António Ruella Ramos e José Cardoso Pires pela firmeza com que intransigentemente têm sabido defender a independência e carácter progressista do «DL», devotado à defesa das massas trabalhadoras e do progresso do País.»

A moção foi aprovada por aclamação.

SETÚBAL: DOIS DIAS VIOLENTOS

Concluído o inquérito aos incidentes de 7 e 8 de Março

A inexistência de «facto algum que constitua motivo de reparo à actuação da P. S. P.», eis uma das conclusões a que chegou a comissão encarregada pelo CEMGFA de proceder a um inquérito aos incidentes que se registaram na noite de 7 para 8 de Março deste ano na cidade de Setúbal. As conclusões constam dum comunicado ontem distribuído pela Presidência da República. O comunicado é do seguinte teor:

1 — Atendendo à inequívoca gravidade de que se revestiram os acontecimentos, em Setúbal, de 7 para 8 de Março de 1975, dos quais resultaram um morto e vários feridos graves entre a população civil e as forças da Polícia de Segurança Pública, daquela cidade, além de elevados danos materiais em bens públicos e privados, foi em tempo determinada pelo Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas a realização de um rigoroso inquérito por intermédio da Polícia Judiciária Militar.

2 — Concluído agora o respectivo processo depois de exaustiva averiguação dos factos, impõe-se das conhecimento público das suas conclusões.

3 — Os acontecimentos em causa desenrolaram-se em duas fases distintas, consistindo a primeira na obstrução ao comício do Partido Popular Democrático, e a segunda na tentativa de assalto à primeira esquadra da P. S. P. de Setúbal.

4 — Os factos carreados para o processo vieram demonstrar insofismavelmente, que ambas essas fases foram objecto de uma cuidada organização destacando-se, porém, na segunda, uma nítida manobra de elementos agitadores que, explorando de forma eficaz o ressentimento popular contra a intervenção da P. S. P. no pavilhão do Clube Naval Setubalense, conduziram a população a um confronto com as forças da ordem visando o desprestígio da corporação, fim este bem patente nos panfletos distribuídos logo na manhã seguinte dia 8, nos quais se exigia o «desarmamento e dissolução imediata da P. S. P. e G. N. R.» (sic.).

5 — Esses elementos, disseminados na multidão, em pequenos grupos claramente referenciados, tiveram o apoio de atiradores postados em locais escolhidos que, a partir de um preciso momento, começaram a disparar sobre a esquadra e os agentes que se encontravam na rua.

6 — Todos os civis feridos por tiros, foram-no em consequência de ricochetes, sendo de notar que ricochetearam todos os projecteis que atingiram a parede da esquadra (em número de vinte e oito).

7 — O projéctil que atingiu um civil, na fronte, causando-lhe a morte, revela-se, em face do diâmetro do orifício de entrada, ser de um calibre inferior ao de qualquer arma utilizada pela P. S. P..

8 — Vários outros indícios se depreendem do processo, demonstrando que foram usados pelos manifestantes armas de diverso calibre, sendo de assinalar que durante o tiroteio foi referenciado um civil, na Rua do Mercado, deslocando-se em corrida e empunhando uma espingarda G-3.

9 — É falso que, como chegou a ser divulgado, a P. S. P. tenha feito uso de metralhadoras sobre a população. O que se verificou foi um graduado da P. S. P. ter feito, com fim intimidativo e para obstar o avanço de algumas centenas de manifestantes sobre a esquadra, duas rajadas de pistola-metralhadora para o ar, com pontaria muito alta, por cima do Mercado Municipal, consumindo um total de 8 cartuchos.

10 — Não se demonstra, pois, a existência de facto algum que constitua motivo de reparo à actuação da P. S. P. de Setúbal.

O seu comandante distrital, apesar do grave risco que corria, tentou dialogar, várias vezes como manifestantes, persuadindo-os a não atacarem a esquadra.

As armas de fogo só foram usadas pelos agentes em último extremo, quando foram pessoalmente atacados e era iminente a invasão da esquadra, tendo o seu tiro cessado logo que os manifestantes se afaastaram.

11 — Por todas estas razões foi mandado arquivar o processo de inquérito sem qualquer procedimento disciplinar ou criminal, conntra os agentes da P. S. P. intervenientes na ocorrência.

12 — É deliberadamente que, sem comentários, se deixa à opinião pública do país tirar destes factos as conslusões que merecem, sublinhando-se apenas que a provocação de situações semelhantes, além de vítimas a que pode dar origem, constituiria excelente oportunidade para actuação das forças interessadas em destruir a revolução.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA REFUTA ACUSAÇÕES CONTRA MELO EGÍDIO

Um comunicado da Presidência da República refuta várias acusações feitas pelo jornal «República» ao brigadeiro Melo Egídio, comandante do A. M. I.

E o seguinte o texto do comunicado da Presidência da República:

«O jornal «República» no seu número 15.826, de 15 de Outubro de 1975, publicou um artigo denominado **Melo Egídio? Consultte-se a Frelimo»**, no qual, através de graves acusações ao brigadeiro Nuno Viriato Melo Egídio se pretende ostensivamente descreditar o agrupamento militar para cujo comando este oficial foi recentemente nomeado.

Tais acusações são inteiramente falsas.

O referido oficial foi, efectivamente, governador do distrito do Niassa, entre 1966 e 1972 mas não criou, nem teve interferência na criação das milícias chefiadas pelo indivíduo de nome Roxo, o qual não foi seu «guarda-costas».

É falso ter esse militar «dependido» do eng.º Jorge Jardim, pessoa com a qual teve escassos contactos, apenas de carácter oficial e com a qual, a certa altura, veio mesmo a incompatibilizar-se.

É igualmente falso ter feito o «saneamento» de portugueses ou de quaisquer outros que se quisessem fixar no Niassa para ali trabalhar honestamente, hipótese que toca as raias do absurdo, se se considerar o subdesenvolvimento no distrito do Niassa; com uma vez e meia a superfície de Portugal e uma população de menos de 300.000 habitantes.

É mais uma vez falso ter este oficial estado em Lourenço Marques, aquando do assalto ao Rádio Clube de Moçambique em 7 de Setembro do ano passado; altura em que ele desempenhava as funções de comandante da zona operacional de Tete, para as quais fora nomeado, por escolha, já depois do 25 de Abril.

Finalmente é falso que a Frelimo tenha manifestado, vez alguma, o seu desagrado em relação à actuação daquele oficial em Moçambique.

Pelo contrário, é do domínio público o elogio que o presidente Samora Machel lhe dirigiu, através do jornalista Aquino deBragança e reproduzido no semanário «Expresso» em 26 de Outubro de 1974, segundo o qual, o referido oficial fez «um trabalho impecável na inserção da Frelimo no Sul, para a defesa das fronteiras» (fim de transcrição).

É ainda de referir o significativo convite, dirigido pessoalmente ao coronel Melo Egídio pelo comandante Chipande, actual ministro da Defesa Nacional da República Popular de Moçambique, para assistir às cerimónias da independência.

E o curioso é que, finda a sua comissão em Moçambique, foi conferido ao então coronel Melo Egídio um bem elucidativo louvor, em que se considera que «a forma superiormente inteligente, dedicada e corajosa como comandou as suas forças, foi factor decisivo para vencer a reacção organizada, que pretendia opor-se ao processo de descolonização, e permitir a instauração do clima de paz e tranquilidade social em que vive Moçambique» (fim de transcrição).

De salientar, ainda, que em assembleia de delegados da Arma de Infantaria, foi o aludido oficial eleito, no passado mês de Agosto, para director da Arma, funções que continua a desempenhar.

As grosseiras falsidades contidas neste artigo do jornal «República» não merecem mais consideração.

Pena é que, para se atingir fins inconfessados, mas que são de evidência cristalina para todo o público, se não coíbam os jornais de acolher nas suas colunas a calúnia e a mentira.

O caso em apreço já mereceu a promoção do respectivo procedimento penal, através do foro competente.»

Costa Gomes visita Itália e Jugoslávia

O Presidente da República portuguesa, general Francisco da Costa Gomes, visitará Roma no próximo dia 22 — anunciaram simultaneamente em Roma e Lisboa, fontes oficiais. O Presidente da República, que será acompanhado pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, Ernesto Melo Antunes, encontrar-se-á com o Presidente da República Italiana, Giovanni Leone, e com o Presidente do Conselho de Ministros, Aldo Moro. Está previsto também um encontro entre os ministros dos Negócios Estrangeiros italino, Mariano Rumor, e o seu colega português.

O general Costa Gomes aproveitará esta sua ida a Roma e será recebido em audiência privada por Sua Santidade o Papa Paulo VI, no mesmo dia, na cidade do Vaticano.

O Ministério dos Negócios Estrangeiros, entretanto, emitiu um comunicado, divulgado simultaneamente em Belgrado, anunciando que o general Costa Gomes e a senhora D. Maria Estela Costa Gomes, visitarão oficialmente a Jugoslávia de 23 a 25 de Outubro, correspondendo a um convite formulado pelo Presidente da República Socialista Federativa da Jugoslávia, marechal Tito. Da comitiva do presidente da República farão parte os conselheiros da Revolução brigadeiro Pezarat Correia e capitão Sousa e Castro.

Fogo no "Expresso" Madrid-Lisboa

Devido a um pequeno foco de incêndio registado a bordo de uma das suas carruagens, o comboio expresso Madrid-Lisboa ficou retido várias horas na localidades fronteiriça espanhola de Valência de Alcântara, durante a madrugada de ontem.

Devido ao incidente, cujas origens são ainda desconhecidas, os passageiros foram conduzidos à fronteira portuguesa, onde embarcaram num comboio improvisado para o efeito, que os trouxe para Lisboa e para o Entroncamento.

CIDADE MARGINAL

Três réus na morte do ourives de Tires

Os presumíveis assassinos do ourives de Tires já têm rosto e um cariz definido: Mário Rocha, de 23 anos, tanoeiro, natural de Arcos de Valdevezes; Francisco Avelino, de 22, electricista, natural de Viana do Castelo; e Joaquim Lançada, de 20, também electricista — todos com largos cadastros, onde pontificam os assaltos à mão-armada. Portanto, nada de político, se bem que a criminalidade marginal seja já em si um problema com profundas implicações políticas. Mas quando escrevemos nada de político, apenas pretendemos frisar que os seus autores (apesar de um deles, no momento do crime, empunhar uma G-3) não eram militantes da esquerda revolucionária, como na altura certa direita logo «boatou», ao tentar esboçar uma nítida ligação entre os assassinatos de delito comum ultimamente ocorridos e o desvio de armas em Beirolas. A detenção dos três arguidos aconteceu junto ao cemitério da Amadora quando uma patrulha do Batalhão de Comandos os surpreendeu a tentarem esconder, num monte de feno, uma espingarda caçadeira automática de cinco tiros e a já célebre G-3. A elaboração do processo já foi entregue à Polícia Judiciária.

DENTADAS NO POLÍCIA

Denunciado por um casal, o vendedor ambulante José Cunha, de 35 anos, que, minutos antes, tinha assaltado um armazém de pronto-a-vestir, na Travessa de S. Domingos, tentou a fuga agredindo o polícia perseguidor à dentada e à cabeçada. Mas a intervenção de vários populares levou à sua detenção frente ao Café «Gelo», no Rossio. Palavras de José Cunha: «Como é que um homem se não roubar pode ser vendedor ambulante!».

CINCO GALINHAS E VINTE CARTUCHOS

O pedreiro Luis Baptista, de 60 anos, disparou vários tiros de caçadeira sobre dois ciganos que lhe tentavam roubar algumas galinhas do seu quintal, no Bairro da Picheleira. E tão empenhado estava em afugentar os intrusos que não hesitou em fazer fogo sobre tudo o que se movia, incluindo um polícia que só por sorte não foi atingido por um dos projécteis. E no final do incidente Luis Baptista tinha gasto vinte cartuchos e ficado sem cinco galinhas.

post scriptum

«Os sacrifícios sempre foram para o povo»

O VI Governo, no intuito de melhorar a situação, resolve o regresso, ou antes a manutenção do sistema capitalista, pedindo empréstimos aos países ocidentais.

Esse sistema foi já experimentado por nós durante centos de anos, com bons resultados para as minorias de aristocratas e burgueses, mas foi péssimo para o povo trabalhador, a quem sempre se tem pedido e exigido sacrifícios, o que continua.

Depois de ano e meio de revolução, em que era inevitável o agudizar da crise económica, quem respondeu à chamada do aumento de produção?

Julgo que só os operários e, principalmente, os agricultores alentejanos, os quais até se mostram orgulhosos de terem produzido trigo suficiente para o consumo e até para exportação.

Orgulhosos do seu trabalho útil, mas queixosos de falta de apoio do Estado.

Por princípio socialista a Banca foi nacionalizada e «posta ao serviço do povo».

Naturalmente que o crédito não pode ser atribuído indiscriminadamente, mas parece um acto de má administração dar de preferência crédito aos latifundiários, que nunca exploraram devidamente os seus terrenos. E, como essa posse lhes está a ser contestada devidamente, e ainda porque se não forem muito fiscalizados, os lucros porventura obtidos irão a caminho do estrangeiro, que garantias oferece tal gente?

Os que trabalham bem as terras, devidamente organizados, darão mais garantias de reembolso dos empréstimos, que não devem ser-lhes negados.

Mário Rodrigues Antunes — Loures

RTP: homenagem ou difamação?

A RTP, no dia 8 de Outubro, resolveu transmitir um documentário, cuja finalidade era a de dar a «conhecer» ao público a biografia do heróico revolucionário guerrilheiro comandante Che Guevara, visto ser o dia do 8.º aniversário da sua «morte».

Vi o programa... e fui seguindo indignadamente todas as suas fases. Sim, indignadamente! Porque aquele filme não passou de uma nojenta difamação...

Aquele documentário não foi, pois, destinado a dar a conhecer ao público a vida de um homem verdadeiramente revolucionário que foi o Che, mas sim a de tencionar dar à vida heróica do Che uma trajectória jocosa com critiquices mesquinhas, com comentários sem fundamento algum, fraudes essas, fabricadas pelos «senhores» reaccionários dos países fascistas, social-democratas e principalmente pelo imperialismo norte-americano. Realmente é doloroso que a RTP, que se diz tão progressista, tivesse servido esse reaccionarismo.

Finalmente só me resta acrescentar, que nunca observações difamatórias serão capazes de desvalorizar aquele homem, que além de ser Homem foi guerrilheiro e que para além de guerrilheiro foi revolucionário, o mais alto escalão da espécie humana.

Julieta M. O. Fitas — Lisboa

Então, e os outros?

Regressado da Guiné e desempregado logo de seguida ao abrigo da lei de «outros tempos» encontrava-me a receber o subsídio que o Estado concedia a todos os **despedidos sem justa causa (!?...)** até aqui tudo bem (mais ou menos).

Mas o subsídio só tem o prazo de 6 meses, findo o qual acabou-se o subsídio; então, pergunto eu: Estará isto bem? Se estamos desempregados durante 6 meses, a partir desse prazo não continuamos desempregados? Porque não continuam a dar (ao menos) os 2000$00 mensais que fazem falta a muitos chefes de família? E se a mulher desse chefe de família não trabalhar, cair doente, ou ganhar pouco? Pergunto eu: Como se vai viver?

Está certo que olhem pelos retornados de Angola, mas já agora fica aqui o apelo a quem de direito, que olhem também pela situação dos **desempregados sem justa causa** (já que permitiram esses despedimentos após o 25 de Abril sim, porque com 2000$00 **vegetávamos,** sem os 2000$00 (morremos?).

Acho que seria razoável prolongarem o prazo de subsídio enquanto durar esta situação de desemprego, da qual não tivemos culpa alguma. Estou a pedir muito?

É preciso recordar que esta situação é a de muitos chefes de família ou será que temos que começar a pedir pelos jornais e Rádio, **donativos para os desempregados sem justa causa?**

Jaime Gomes da Silva — Lisboa

PONTO UM

Spinola, estratego de mão dura, abriu o capítulo «Democracia» com alguns avisos à Informação e a partir dele não houve Governo que não alertasse o País contra os abusos, censuras, sectarismos, omissões, sensacionalismos, manipulações, praticados pela Imprensa. Com isso parece que se pretendia corrigir em liberdade uma profissão traumatizada por dezenas de anos de opressão — e mais: procurava-se atenuar à luz pública os erros dos próprios Governos.

Claro, os partidos, alguns partidos, exploraram o mote. Na classificação de cada facção política só era «independente» o jornal que «dependesse» dela ou que não contrariasse os seus esquemas. E assim os periódicos não tardaram a ser crucificados em comícios, queimados em autos-de-fé e erigidos em «casus belli» de cruzada internacional. Uma poderosa máquina de promoção, trabalhada aos níveis da militância e das alianças do partidarismo, passou então a dominar o mercado da Imprensa, lançando jornais, reforçando outros servindo-se para isso dos mais diversos meios de pressão, desde a palavra ao fogo e da boicotagem à guerrilha sindical. Desde a exploração da dependência económica de cada periódico à divisão das redacções e dos trabalhadores.

Neste estado de coisas, nesta histeria colectiva insistentemente cultivada, não terão tido os governantes a sua parcela de responsabilidade? Não terão eles, com tantos remoques à Imprensa, contribuído para avalizar a psicose de descrédito que alguns grupos políticos se empenhavam em criar à volta dela?

E qual dos governantes tentou explicar à Nação que o problema dos jornais não era apenas uma deontologia, uma questão de objectividade, mas um problema de integração revolucionária? Qual deles apontou, para isso, a situação real dos diferentes periódicos e o espaço relativo que lhes cabe na economia, no trabalho e nos movimentos financeiros do Estado, tantas vezes contraditórios?

Não. O que se fez em matéria de esclarecimento público sobre o «caos da Informação» foi pouco e superficial. Condicionamentos de base, como o agravamento dos custos do papel e da energia, aumentos salariais e diminuição da receita de publicidade, não só não tiveram até agora a indispensável divulgação como, além disso, foram iludidos na prática com a autorização de novos jornais. Sabendo que a Imprensa está declarada sector em crise, massacrado com as acusações com que continuamente ela é alvejada e vendo surgir novos jornais, uns atrás de outros, o homem da rua pensa que a crise se localiza na falta de independência jornalística e na má administração dos dinheiros com que o Estado a apoia. Isto e mais nada.

Entretanto confunde-se ainda mais a opinião geral desfocando o problema para um ângulo aparentemente espectacular: o dos jornais com intervenção estatal. Aqui, sim, fala-se de dinheiro — e do nosso, de todos nós. Dá-se então ao País uma imagem de empresas ruinosas, depradadoras do magro erário de que dispomos e sanguessugas inclementes do trabalho dos portugueses. O público fica esclarecido. Dum lado há os jornais impressos com o suor dos contribuintes, do outro os privados, os que têm de subir por si à custa de melhor informação porque desapoiados. Muito simples.

Mas as definições simplistas têm o seu tempo de saturação e só avolumam as contradições que contêm sempre que submetidas a análise. E é essa análise que, antes do mais, o ministro Almeida Santos tem de enfrentar na hora política da «reindependência» de informação em que está apostado. Primeiro a clarificação das relações financeiras do Estado com cada jornal, sejam quais forem os canais, directos ou indirectos, em que elas se processam; depois, sim, podemos ir aos parágrafos da eeeexpressão, à entrelinhas do pluralismo, à formalização das responsabilidades.

Para já, talvez fosse oportuno começar por se esclarecer o bom contribuinte que, aparte, provavelmente, dois jornais da tarde — e na melhor hipótese só dois — toda a Imprensa diária, com ou sem intervenção do Estado, acusa «deficits» substanciais. Que, portanto, não é o sectarismo, nem as manipulações nem as suspeições atribuídas à má informação que estão na base dos saldos negativos e que, pelo contrário, foi até o ostensivo apoio partidário que levou à situação de excepção os dois casos apontados.

Em segundo lugar, e em rigor da verdade, teria o ministro Almeida Santos que confirmar que não são os jornais sem intervenção estatal aqueles que registam menos prejuízos. O «Diário de Lisboa», por exemplo, apresenta um dos saldos negativos mais baixos de toda a Imprensa diária e mesmo esse resultado deficitário provém em grande parte de investimentos que o transformaram numa das empresas mais bem equipadas e dimensionadas no sector das artes gráficas. De resto, para que conste e faça nota, desde o 25 de Abril, o «DL» apenas utilizou o aval do Estado em cerca de 5 mil contos.

Só por isto já a distinção de periódicos com e sem comparticipação estatal se demonstra retórica e artificial. É uma metáfora do confusionismo, um *leit motiv* de curta elongação.

A ideia de que a uns o Estado paga ou avaliza e que a outros vira costas é desmentida pela prática. Na realidade, se toda a Imprensa recorre à Banca e se a Banca está nacionalizada, quem alimenta afinal todos os periódicos?

Essa diferenciação formalista não a criou o ministro Almeida Santos, bem o sabemos. Mas agora que está sobre ela e em empenho de decisões, seria conveniente repensá-la. Não o fará, evidentemente. Usou-a já para subjugar ao seu Governo uma coisa que pertence ao Estado de todos nós: o direito à expressão, desvinculado do poder económico.

Nesse objectivo é bem mais fácil ao ministro confundir ou manter a confusão do que aclarar. Lógico, evidente. Mas mesmo assim em vão. Porque não há retórica que suporte a palavra de um independente que só concebe a discordância do semelhante desde que não se oponha à opinião do Governo, isto é, à dele.

Será preciso lembrar que na maior parte da Europa e da América os jornais, sem distinções, recebem largos subsídios oficiais e que nem por isso morreu a imprensa de oposição? Ou alguma vez Watergate teria sido possível se a linha Almeida Santos estivesse em vigor no consulado de Nixon?

Diário de Lisboa
Fundado em 1921
Prop. da Renascença Gráfica, S. A. R. L.

As herdades colectivas do Alentejo lutam com falta de mão-de-obra

PORTALEGRE, 20 — «As leis da Reforma Agrária garantem aos trabalhadores o direito à posse da riqueza que só eles criam. Para acabar com o atraso do País e a exploração dos trabalhadores é necessário andar para a frente com a Reforma Agrária, correndo com os latifundiários parasitas e entregando a terra a quem a trabalha». É deste teor uma das moções aprovadas no decorrer do I Encontro dos Trabalhadores das Herdades Colectivas e novas Cooperativas do distrito de Portalegre, ontem efectuado em Benavila (Avis).

A leitura das conclusões, após, durante a manhã, terem sido diversos os temas tratados, por secções, relativos à Reforma Agrária, permitiu que fosse denunciadas manobras de grandes agrários em Elvas e fosse exigido o reconhecimento imediato das Unidades Colectivas de Produção.

Uma moção nesse sentido referia que «as novas explorações colectivas dos trabalhadores necessitam de fortalecer a sua organização, debatendo frequentemente os seus problemas em assembleias gerais e na ajuda às suas comissões directivas. Também é necessário melhorar a organização e a coordenação entre as comissões de trabalhadores em diversas explorações colectivas, criando comissões coordenadoras ao nível de concelho e até de distrito».

Foi, igualmente, referido que existe uma zona onde estão ocupados 150 mil hectares de terra em que escasseia a mão-de-obra, que os trabalhadores não devem descontar mais que 6,5 por cento para as Caixas, e que, pela primeira vez há muitos anos, não há desempregados entre os rurais no Alentejo, porque «a riqueza está nas terras que são de todos os que as trabalham».

OS TRABALHADORES NÃO SE DEIXARÃO ENGANAR

Outras das conclusões apresentadas no encerramento dos trabalhadores assinalava que os trabalhadores «repudiam vivamente as manobras dos reaccionários que procuram pôr em causa as expropriações dos latifundios. Dizem que os trabalhadores andam a roubar as melhores terras, as máquinas, os gados. Isso é uma afronta aos trabalhadores, porque toda a riqueza criada que está nas herdades é fruto do duro labor de quem trabalha a terra e durante muitos anos foi roubada aos trabalhadores.»

O trabalhador Manuel Pinho orientou os trabalhos que tiveram a participação de representants dos Sindicatos dos Trabalhadores Agrícolas do distrito (Portalegre), Liga dos Pequenos e Médios Agricultores e um substancial grupo de delegados das herdades colectivas, assim como do presidente da Comissão Revolucionária de Apoio à Reforma Agrária e técnicos do Grupo de Apoio Técnico à Reforma Agrária.

Um trabalhador de Campo Maior referiu as manobras dos intermediários, mancomunados com os grandes agrários na tentativa de rebaixarem os preços dos produtos comprados às unidades colectivas. «Mas os trabalhadores», salientou aquele interveniente, «organizados e bem vigilantes, não se deixarão enganar por tais manobras e exigem o justo preço por aquilo que com tanto esforço produziram.»

Igualmente decidido foi que «o produto criado em cada ano, uma parte deve ser destinada a melhorar as condições de vida dos trabalhadores» e que «os fundos realizados serão para investir na compra de máquinas e de fertilizantes, na construção de obras de rega e na ampliação das herdades ocupadas».

Em ÁGUEDA, o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na Agência Conde — Rua Luís de Camões

Nacional

CÂMARA MUNICIPAL DO CONCELHO DE LOURES

AVISO

Faz-se público que se acha aberto concurso público, pelo prazo de 20 dias, contados a partir do dia seguinte ao da publicação deste anúncio no «Diário do Governo», para adjudicação da empreitada de «Reparação da E. M. 541 lanço entre a E. N. 374 (Casal do Andrade) e Fanhões alargamento e rectificação do troço entre Casainhos e Fanhões — 2.ª fase: pavimentação e revestimento betuminoso».

A base de licitação é de 658 000$00.

O processo da empreitada pode ser examinado todos os dias úteis, durante as horas normais de expediente, nos Serviços Técnicos de Obras do Município.

Os concorrentes deverão possuir alvará de empreiteiro de obras públicas, correspondente à IV categoria ou da subcategoria da categoria e da classe que cubra o valor da proposta apresentada.

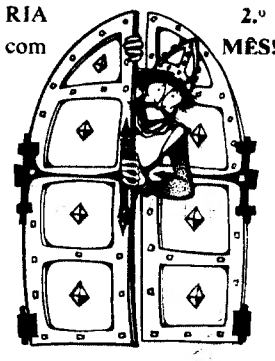
A Caução provisória é de 16 450$00.

A abertura das propostas realizar-se-á perante a Comissão Administrativa na primeira reunião ordinária que se seguir ao termo do prazo fixado neste anúncio. A Comissão Administrativa reúne todas as quartas-feiras, pelas 10 horas no edifício dos Paços do Concelho.

Paços do Concelho de Loures, 10 de Outubro 1975.

O Presidente da Comissão Administrativa

José Augusto Gouveia

ADÓQUE
grupo de teatro
(ao Martim Moniz)
Tel. 87 42 80
HOJE
Às 20.30 e 22.30 horas
UMA REVISTA À PORTUGUESA PARA O POVO PORTUGUÊS!
A.C.A. DOS CARDEAIS
RIA com 2.º MÊS!

— UM NÚMERO QUE É UM ENTALANÇO!...
HENRIQUE VIANA EM «MARTIM MONIZ»
(Não ac. men. 18 anos)

Em ALJUSTREL o DIÁRIO DE LISBOA vende-se no CAFE ALIANÇA

Em ALTER DO CHÃO o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na TIPOGRAFIA TRIUNFO Rua do Álamo 12

PROSSEGUE CAMPANHA DO P.P.D.

. . Dois comícios assinalaram a actividade pública do P. P. D. neste fim-de-semana: um em Aveiro, no sábado, outro em Faro, no domingo. Ambas as sessões (naturalmente pela expressão populacional dos locais onde se realizaram) tiveram a presença e a palavra de Francisco Sá Carneiro. Tanto o secretário-geral do P. P. D. como os restantes oradores deixaram que as suas intervenções se assinalassem pelas características dominantes da actividade pública da organização nos últimos tempos: apoio ao VI Governo e a certos sectores do M. F. A., violentas críticas ao Partido Comunista Português e à generalidade da Esquerda Revolucionária, utilização de argumentos relativos à representatividade e não de uns e outros em relação à população portuguesa.

. . Francisco Sá Carneiro, em Aveiro, disse que «só a verdade é revolucionária» e que «não esperámos (nós, P. P. D.) que o comunismo nos viesse dizer que a verdade é revolucionária». Referindo-se à situação político-militar, o secretário-geral do P. P. D. declarou que se espera novo «golpe de esquerda». E aludiu a rumores segundo os quais estaria a preparar-se o regresso de Vasco Gonçalves, de par com a promoção de Rosa Coutinho e Otelo a postos-chave na condução do processo político português. Falou ainda do que chamou as «ligações do P. C. P. a Moscovo, e fez um pouco (ou mais) de demagogia com os retornados de Angola.

. . A sessão foi muito concorrida e terminou com uma marcha sobre o Destacamento Militar de Aveiro. Junto aqui, Sá Carneiro leu uma moção de apoio ao VI e ao brigadeiro Charais.

. . Não foi muito diferente a sessão de Faro, segundo os relatos que nos chegam. Falaram diversos oradores e, depois, Sá Carneiro. Criticou quem havia noutros lugares criticado anteriormente e ainda Durand Clemente e Otelo, diz-nos um relato que «pelas suas atitudes antes de 25 de Abril». E criticou ainda o chefe do Estado-Maior pelas audiências que a Álvaro Cunhal tem concedido.

. . Uma constante de Aveiro para Faro: o P. P. D. também não quer nada com o P. C. P. Objectivo prioritário, fazer com que os comunistas saiam do Governo. Não devem ser muito outras as intenções que presidem à efectivação da presente campanha.

"POLITYKA" OUVIU O GENERAL ALTINO

A social-democracia pode contar com o governador dos Açores

. O general Altino de Magalhães, governador e comandante militar dos Açores acaba de confessar em entrevista concedida ao semanário polaco «Polityka», a sua simpatia pelos regimes sociais-democratas. Nessa entrevista, o general afirma que os acontecimentos registados em Lisboa conduzirão a um socialismo do tipo da Europa Ocidental, como o da Suécia ou da República Federal da Alemanha, evolução essa que conta com o seu apoio.

A julgar pelas declarações do general, presentemente tudo se encontra calmo nos Açores, continuando, no entanto, a fazer-se sentir a presença de forças extremistas que exigem a independência do arquipélago. Estas forças não são populares — acrescentou — devido ao seu carácter decididamente reaccionário, que as levou este ano a desencadear uma campanha anticomunista. Nesta altura — disse ainda — convir-lhes-ia conseguir o apoio dos militares.

Do ponto de vista do general ao «Polityka», importa para os Açores a descentralização e concessão de maior autonomia, notando-se igualmente a necessidade de investimentos. Não há, contudo — disse — créditos disponíveis, e deveria haver um aumento nos vencimentos da população.

Tais medidas contribuiram, na opinião do general Altino de Magalhães, para diminuir a emigração para os Estados Unidos e Canadá.

Carlucci recebido nas Necessidades

. O embaixador dos Estados Unidos, Frank Carlucci, foi recebido pelo secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros. Foram tratados assuntos relacionados com o desenvolvimento das conversações havidas em Washington, entre o ministro dos Negócios Estrangeiros e o secretário de Estado norte-americano, Henry Kissinger, tendo sido ainda abordados outros aspectos das relações entre os dois países.

Aquele membro do Governo também recebeu o vice-ministro dos Transportes da República Democrática Alemã, Wolkmar Winkler, presidente de uma delegação deste país que negociou, com uma delegação portuguesa, o acordo de Transportes Aéreos entre Portugal e a R.D.A.

EMBAIXADOR DO CHIPRE

Em cerimónia que decorreu, a meio da manhã, no Palácio Nacional de Belém, o embaixador de Chipre em Lisboa, Polys Modino, apresentou credenciais ao Presidente da República, general Costa Gomes.

SINDICATO DOS ENGENHEIROS TÉCNICOS DO SUL

Sede. R. do Jardim do Regedor n.º 37-2.º

Telef. 36 35 24 — Lisboa 2

CONVOCATÓRIA

CAIXAS DE PREVIDÊNCIA

Convocam-se todos os trabalhadores pertencentes a este Sindicato, que desenvolvam as suas funções nas **Caixas de Previdência,** para uma reunião a efectuar na Sede deste Sindicato no dia 23 de Outubro de 1975, pelas 21 horas, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

I — Situação da Previdência

NÃO FALTES

Lisboa 18-10-75

A DIRECÇÃO

VÍTOR CRESPO NA RTP

. O ministro da Cooperação, comandante Vítor Crespo, fala hoje ao País, através da Televisão. A sua intervenção terá lugar em suplemento ao Telejornal das 20 e 30 e integra-se no programa de informação do Governo, recentemente anunciadas.

Na quinta-feira, dia 23, comparecerá na televisão o ministro Jorge Campinos, seguindo-se-lhe no dia 27, o ministro Vítor Alves.

Delegação da C.E.E. debate auxílio a Portugal

. Chega hoje a Lisboa uma delegação daC omissão da C.E.E., chegiada pelo director geral adjunto das Relações Externas, sr. R.Kergorlay, que vem efectuar conversações dom uma delegaao portuguesa, na sequeência das decisões tomadas peo Conselho de Ministros da C.E.E., reunnnnnidos no Luxemburgo com a preseença dos ministros portugueses dos Negócios Estraangeiros e do Comércio Internoo.

O objectivo das conversações é o de estudar as modalidades de concreticação do aucílio económico e financeiro da C.E.E. a Portugal, nomeadamente nos sectores da renegociação do acordo já existente entre o nosso País e a Comunicade, da ajuda financeira exceptzional, e do apoio aos rrtornados de Angola.

MÁRIO SOARES AO "GIORNALE"

"S.U.V." é "subversão"

. «Não existe alternativa à esquerda do VI Governo» — afirmou Mário Soares na entrevista concedida a Mario Cervi, enviado especial a Lisboa do «Giornale».

Disse o «leader» do P.S. que «apoia completamente o VI Governo Provisório, porque não há outro modo de vencer a crise e salvar a Revolução».

Aludindo aos S.U.V. (Soldados Unidos Vencerão), Mário Soares afirmou que esse movimento «pratica uma autêntica subversão na estrutura das Forças Armadas».

Criticou o P.C.P., cuja política considera «ambígua». A respeito da Conferência dos Partidos Socialistas e Comunistas de Portugal, França, Espanha e Itália, Soares acentuou que o Partido Comunista Português fez saber, através da Imprensa, que não tenciona participar».

FORÇA AÉREA

Sargentos em 5.ª sessão

No Centro de Sociologia Militar prosseguiu esta manhã a assembleia de Sargentos da Força Aérea que entra assim na sua quinta sessão de trabalhos.

Poucas têm sido as innfoorrrrmmmmações prestadas aos órgãos da Informação mas fovvmulgado que, no final seria feito um comunicado.

A longa maratona parece justificar-se pelo facto dos sargentos estarem a reestruturar completamente a sua Comissão Coordenadora e considerarem de grande responsabilidade todas as decisões tomadas, o que obriga a uma análise profunda das mesmas.

Embora lentamente, parece no entanto que os trabalhos avançam no sentido de dotar a classe de sargentos da Força Aérea com órgãos capazes de a representarem numa perspectiva revolucionária correcta, ou seja, lutando ao lado do povo trabalhador.

MINISTÉRIO DO EQUIPAMENTO SOCIAL E DO AMBIENTE

Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos

Direcção dos Serviços de Aproveitamentos Hidráulicos

DIVISÃO DE OBRAS

REGULARIZAÇÃO DO BAIXO MONDEGO

CONCURSO PÚBLICO PARA ARREMATAÇÃO DA EMPREITADA DE CONSTRUÇÃO DO AÇUDE-PONTE DE COIMBRA

Anuncia-se que até ao dia 2 de Dezembro de 1975 se encontra aberto concurso público para arrematação da empreitada acima referida.

O acto público realizar-se-á pelas 15 horas do dia seguinte ao anteriormente indicado, na Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos, situada em Lisboa, na Rua de São Mamede (ao Caldas), n.º 23.

PREÇO BASE	136 000 000$00
CAUÇÃO PROVISÓRIA	3 400 000$00

ALVARÁS EXIGIDOS:

FUNDAÇÕES DO AÇUDE: VII categoria ou 3.ª subcategoria da VII categoria;

AÇUDE: II categoria ou 4.ª subcategoria da II categoria;

PONTE: III categoria ou 2.ª subcategoria da III categoria e classes correspondentes aos valores parcelares dos respectivos trabalhos, de acordo com os preços da proposta.

O projecto, o programa de concurso e o caderno de encargos poderão ser examinados na Divisão de Obras da Direcção dos Serviços de Aproveitamentos Hidráulicos desta Direcção-Geral, situada em Lisboa, na Rua de São Mamede (ao Caldas) n.º 23, em todos os dias úteis e nas horas de expediente.

Lisboa, em 16 de Outubro de 1975

O ENGENHEIRO SUBDIRECTOR-GERAL
(a) **Estêvão Mendonça Lamas de Oliveira**

Nacional

C.D.S. PREPARA-SE PARA "ASSUMIR O PODER"

PORTO, 20 — (Delegação) — «O C. D. S. define-se como partido da oposição. Ora, em qualquer democracia, a oposição desempenha duas funções principais: a primeira é criticar os actos do Governo, a segunda é preparar-se para assumir o Poder. O C. D. S. como partido da oposição que é, e como responsável que se preza de ser, prepara-se para passar da oposição para o Governo através duma grande vitória nas próximas eleições» — afirmou a dado passo do seu discurso, proferido no último sábado no comício do Estádio das Antas, o secretário-geral do C. D. S., dr. Freitas do Amaral. Os muitos milhares de pessoas que quase enchiam o recinto aplaudiram vibrantemente as palavras do dirigente do C. D. S., vendo-se entre a assistência bastantes bandeiras do P. P. D. pois que uma representação do Partido do dr. Sá Carneiro compareceu também no Estádio das Antas.

Das palavras de ordem gritadas destacamos: «Por uma classe igual só com Freitas do Amaral», «Portugal será belo com Galvão de Melo», «Salvemos Portugal com Freitas do Amaral», «Galvão tem paciência, mas tens de ir à Presidência», «Abaixo o comunismo», etc..

Nas suas palavras, Freitas do Amaral, insistiu na qualificação de «partido da oposição» para o C. D. S.. e abordou uma série de pontos relacionados com a situação política e militar do País (Assembleia Constituinte, Educação, Informação, Economia, Finanças, Descolonização, Política, Interna e Externa, etc.), terminando com a enumeração de três objectivos prioritários para o desenvolvimento da política do seu Partido: confirmação da Nação portuguesa como elemento do mundo Ocidental («Portugal manter-se-á lealmente na N. A. T.O.» e «ligar-se-á o mais depressa possível ao Mercado Comum») consolidação da democracia pluralista e, por último, «polarização de todos os esforços do Governo e da administração pública em torno dos objectivos prioritários da prosperidade individual e da justiça social».

Entretanto, Freitas do Amaral, havia-se referido à Assembleia Constituinte («temos a elaboração de uma Constituição marxista», onde se ataca a propriedade privada, o ensino particular e o papel da Igreja na formação dos portugueses) ao «sectarismo ideológico» da Informação, à «desorganização das empresas, desemprego, e subida do custo de vida», ao «esvaziamento da fazenda pública» e à depreciação da nossa moeda no plano internacional, para afirmar a propósito da descolonização: . «No sector dos antigos territórios ultramarinos, em vez duma descolonização digna e justa, temos a tragédia das guerras tribais, o drama dos refugiados, o escândalo da entrega pura e simples à influência dos colonialismos chinês e soviético, como ainda agora os nossos governantes se preparam para repetir, fazendo dádiva, ainda que indirecta, de Angola ao M. P. L. A.».

Freitas do Amaral, afirmou ainda: «Feito o balanço à Revolução e apurado um saldo tão negativo, resulta evidente por que motivo o C. D. S. é, e quer ser, um partido da oposição.

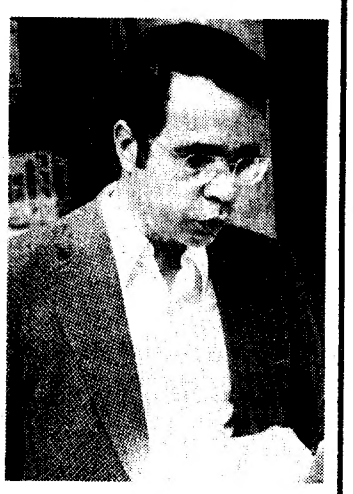
GALVÃO DE MELO E A «TRADIÇÃO ANTIGA»

Antes do general Galvão de Melo, que antecedeu o discurso do secretário-geral do C. D. S., falaram os engenheiros Azevedo Coutinho e Walter Cudell, uma representante da Juventude Centrista e o eng.º Amaro da Costa. Galvão de Melo referiu-se ao domínio «por um só partido» dos meios de comunicação (citou a Televisão, a Rádio, a Imprensa, o Teatro e o Cinema tendo a assistência gritado «Não à Taxa»). Depois de perguntar se foi «para isto a Revolução de Abril», Galvão de Melo acrescentou: «Com a Revolução de Abril pretendeu-se reconduzir os portugueses ao encontro da tradição antiga. Pretendeu-se que os portugueses voltassem a identificar-se com a dignidade dos seus ilustres antepassados».

Depois de se referir aos «militares atarefados em fazer política», o general Galvão de Melo, antigo responsável pela Comissão de Extinção Ex-PIDE, perguntou ao Governo a dado passo do seu discurso no Estádio das Antas: «Quantos milhares de portugueses estão presos? Quantos para mais de um ano e sem sequer saberem porquê? É justo? É coerente com as liberdades democráticas anunciadas pela Revolução? E aqueles que foram julgados, e, contra eles, não se provou culpa?»

Ora diga-nos

TEM ARMAS EM CASA?



. Comunicado recente do chefe de Estado-Maior das Forças Armadas solicita às populações que entreguem nos quartéis as armas que eventualmente tenham em seu poder. Esclarece-se, por outro lado, que as autoridades receberam ordens no sentido de se investigar onde se encontram as armas há pouco desaparecidas de unidades militares e de prender quem for portador de material de guerra. A medida é susceptível de interpretações várias, tendo até em conta que há bem pouco tempo, entidade responsável de determinado partido político (PPD), (cujas intenções democráticas pendem só para o lado dos capitalistas e seus lacaios) afirmou publicamente poder «armar 50 mil homens».

«Não tenho armas em casa, mas estou de acordo com a medida. As pessoas que tenham armas em casa pode não saber disparar para o melhor sítio — respondeu o bancário António Brioso.

«Por um lado acho bem, por outro lado não. Podem-se ter armas em casa por motivos reaccionários e por motivos revolucionários. Se se é a favor da revolução, acho que se pode ter armas em casa desde que se esteja dentro da lei — foi a resposta de Alfredo Nunes, bate-chapa.

«Não, não tenho armas em casa — assim começou a resposta do trabalhador-estudante José de Azevedo. — Mas não concordo com o comunicado nos termos em que ele é exposto. As armas que estão nas mãos dos populares não devem ser retiradas, a bem da paz. Note-se que paz, aqui, significa revolução e não social-democracia. Não quero também aqui deixar de lembrar que no Chile, em situação paralela, houve um apelo semelhante no sentido da entrega das armas».

prefira confecções woolmark portuguesas

confecções steca, lda.

porto

"STECA"

Ao país o que é do país

ESPIPAL

Apoio à economia nacional

A indústria têxtil é uma das que mais trabalhadores emprega no nosso país. A confecção constitui um sector importantíssimo daquela actividade. Assim, promover a confecção Portuguesa, é impulsionar eficazmente a economia nacional.

Controlo de qualidade Woolmark

A presença do controlo Woolmark significa, para a Confecção Portuguesa, a garantia de um padrão de qualidade a nível verdadeiramente internacional. A confecção Woolmark Portuguesa é uma realidade nossa ao serviço de todos.

Exija as Confecções Woolmark Portuguesas

Ao fazê-lo, terá a garantia de que o artigo que compra foi rigorosamente testado e controlado. O símbolo da Woolmark é o sinal do seu bem-estar. A confecção Woolmark Portuguesa é um factor do bem-estar de todos nós.

WOOLMARK
PURA LÃ VIRGEM

Fabricado em Portugal

Câmara Municipal do Concelho do Seixal

EDITAL

EUFRÁZIO FILIPE GARCEZ JOSÉ

PRESIDENTE DA COMISSÃO ADMINISTRATIVA DA CÂMARA MUNICIPAL DO SEIXAL

FAÇO SABER que de harmonia com a deliberação da mesma Câmara, tomada em reunião de 16 de Outubro de 1975, se recebem propostas, em carta fechada, para adjudicação da obra de Abastecimento de água às povoações de Fogueteiro, Torre da Marinha, Arrentela, Paio Pires e Seixal — Equipamento Electromecânico.

A base de licitação é de 2.562.200$00 e o depósito provisório na importância de 31.550$00, deve ser efectuado na Caixa Geral de Depósitos Crédito e Previdência com guias preenchidas pelos concorrentes, tudo conforme Programa de Concurso e Caderno de Encargos patentes na Secretaria Serviços Técnicos, onde podem ser consultados em todos os dias úteis, durante as horas do expediente. A abertura de propostas terá lugar na primeira reunião de Câmara que se efectuar, decorridos 20 dias, a contar da publicação do respectivo anúncio no «Diário do Governo», reservando-se a Câmara o direito de abrir a licitação verbal entre os proponentes e ainda o de não adjudicar, se assim o julgar conveniente, nos interesses do Município, devendo ser selada pelo respectivo proponente a que tiver a adjudicação.

E para conhecimento geral se publica o presente e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares do costume.

Paços do Concelho do Seixal, 16 de Outubro de 1975.

O Presidente da Câmara
Eufrázio Filipe Garcez José

C.P. — CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

AVISO

CONCURSO

★

Até às 17 horas do dia 12 de Novembro de 1975, estes Caminhos de Ferro aceitam propostas para a exploração de uma cantina, esplanada e arrecação na estação de Coimbra, bem como, de um pavilhão destinado à venda de artigos regionais e de pastelaria no vestíbulo da mesma estação.

A anuidade mínima a oferecer pela exploração destas instalações é de 50 000$00 e as respectivas propostas deverão ser feitas com base no programa do concurso e condições contratuais, que os interessados poderão consultar nas seguintes estações e locais:

Coimbra
Serviço Comercial
da Região Norte

PORTO (SÃO BENTO)

Serviço Comercial
da Região Centro

LISBOA (ST.ª APOLÓNIA)

Serviço Comercial
da Região Sul

BARREIRO

Serviço Comercial
de Passageiros
Estação de Santa Apolónia,
1.º andar

LISBOA-2

As propostas deverão ser feitas em carta fechada dirigida ao Serviço Comercial de Passageiros dos Caminhos de Ferro Portugueses, Estação de Santa Apolónia, 1.º andar — Lisboa-2, acrescentando-se àquele endereço, no invólucro, o seguinte:

«Proposta para a exploração de uma cantina, esplanada e arrecadação na estação de Coimbra, bem como, de um pavilhão destinado à venda de artigos regionais e de pastelaria no vestíbulo da mesma estação».

ORDEM DOS ADVOGADOS

PRESIDÊNCIA

Comunico a todos os Colegas que a eleição dos 4 advogados que farão parte da Direcção da Caixa de Previdência da Ordem dos Advogados será efectuada, nos termos da Portaria n.º 603/75, de 13-10, por sufrágio directo de todos os beneficiários ordinários da classe A no pleno gozo dos seus direitos.

Ainda em conformidade com o estabelecido na citada Portaria, as candidaturas ser-me-ão apresentadas, como Bastonário da Ordem, até 25 do corrente mês, devendo ser subscritas por um mínimo de 60 beneficiários ordinários da classe A no pleno gozo dos seus direitos e acompanhadas de declaração de aceitação dos candidatos e da indicação do presidente proposto.

Usando da faculdade que me é conferida no art.º 4.º da aludida Portaria, designo o dia 5 de Novembro próximo para a assembleia geral que elegerá os 4 advogados acima referidos. A assembleia funcionará na sede da Ordem, das 10 h às 20 h. O voto, que é secreto e obrigatório, poderá, entretanto, ser exercido por correspondência.

Os demais termos da eleição estão regulados naquela Portaria, n.º 603/75, para a qual remeto todos os Colegas.

Lisboa, 14 de Outubro de 1975.

O Bastonário da Ordem,
Mário Raposo

Tribuna livre

MANUEL AUGUSTO DE ARAÚJO

A HONRA DE AJUDAR A BOEING

Mal Melo Antunes tinha acabado o seu discurso na ONU, ainda não se tinham extinguido os aplausos, quando foi procurado por um emissário de Henry Kissinger que, em grande agitação, o informou que o secretário de Estado norte-americano lhe solicitava um encontro urgente com o presidente Gerald Ford.

Surpreendido, apesar do calo já adquirido nestas andanças pelos corredores diplomáticos, Melo Antunes cismou maduramente, nos rápidos segundos seguintes, no que lhe desejariam os dois representantes máximos do imperialismo. Sim senhores do imperialismo, olho o terceiro mundista de Melo Antunes chama as coisas pelos seus nomes. Mas raio que quereriam os camones? Talvez fosse para oferecer um empréstimo. Os americanos deviam saber que andava à procura de massas. Têm serviços especiais, de reconhecida competência, para andarem bem informados e actuarem em conhfortidade. Além disso os americanos são uns mãos largas a emprestar. Foi um hábito que lhes ficou desde o êxito que obtiveram com o programa de auxílio acelerado aos índios. E concordou, que sim senhor lá iria.

Enquanto esperava, Melo Antunes deitou contas à vida e verificou, modéstia à parte, como andava a agir correctamente. Agora mesmo que os americanos tivessem alguma intenção menos clara, o mau pensamento fê-lo cofar levemente, por exemplo beliscarem por brincadeira a independência nacional, já não tinham muitas hipóteses. Ele, ministro dos Negócios Estrangeiros de Portugal, dera-lhes sagazmente a volta. Tinha no papo outro empréstimo, arrancado a ferros, a um rival perigossissimo dos Estado Unidos: o Mercado Comum, vulgo CEE. Era um grande trunfo.

Lá foi e mal entrou ficou surpreendido pelo aparato que rodeava o presidente norte-americano. Estavam lá, além do imprescindível Henry, o Cisco e o Sonenfeld. E se Melo Antunes já estava curioso, ainda mais curioso ficou ao reparar no ar de certo modo contrito dos circunstantes. Estava um silêncio de concerto.

O tempo ia passando entremeado de sorrisos até que o Henry, com a prática dos pequenos passos arábicos rompeu a mudez.

— Hello! Querem uma coca-cola?

. A intimidade que o Henry põe nas conversações é deveras cativante. Melo Antunes referiria, mais tarde, esse encanto a um jornalista português curioso destas pequenas grandes coisas que distinguem os diplomatas.

O certo é que começaram logo a chewingumar uma conversa. Começaram a falar do tempo, passaram para o Love Story, do Love Story deram um salto às pernas da Barbra Streisand e daí embrenharam-se com elevação na filosofia do último Reader's, quando de repente o Henry, grande Henry, atirou uma direta:

. — Aqui o Ford anda muito apreensivo e queria-te falar de um pproblema que muito o preocupa.

Mais um interregno feito de silêncio. Mais um golo de coca-cola. Mais uma mascadela e vai daí o Ford dá uma palmada na perna do Melo Antunes e diz:

. — Sabes Ernesto, estou muito preocupado. Os rapazes da Boeing estão entalados. Andam à rasca. Tem 747 a dar com um pau. Foi uma patada do «marketing». Desculpa a rudeza da linguagem mas o Jumbo desata-me a língua. Tu não queres comprar o que vocês tinham encomendado e estão em vias de cancelar.

Melo Antunes boeing boeing coçou a cabeça. Fez um ar muito sério. Muito lusitanamente sério. Começou um discurso sobre as dificuldades que Portugal atravessa. Que Portugal já estava boeing boeing e que a TAP estava boeing boeing e os voos intercontinentais estavam boeing boeing e mesmo os continentais estavam a caminho do boeing boeing e o 747 não interessava mesmo nada e porque torna boeing e porque deixa boeing, nada feito.

O Ford ouviu-o com um «fair play» digno do molho inglês mas não desarmou.

— Mas ó Ernesto deves ser mais compreensivo, com vinagre não se apanham moscas. Se a Boeing está à rasca e os retornados de Angola fazem bicha para apanharem a ponte aérea era mais um Boeing, dos grandes estás a ver, para a ponte aérea.

E o Melo Antunes porque torna e porque deixa a ponte aérea estava a dar as últimas e a economia portuguesa boeing boeing e o Cisco a dizer que sim com a cabeça e o Sonenfeld a dizer que sim com a cabeça e o Henry a ouvir até que o Henry grande Henry, interrompe a conversa e afirma:

. Melo Antunes, tu já reparaste que desde Bona estou muito mais bem informado sobre Portugal e muito mais compreensivo. Sei bem das dificuldades do teu país na via do socialismo pluralista. Mas deixa que te diga que estás com muito má vontade. Então não pensas em Portugal e o futuro! Nem sequer te passa pela cabeça que qualquer dia, quando a via pluralista estiver consolidada, és capaz de ter, talvez já nem sejas tu, que organizar uma ponte aérea para os retornados de Portugal. O pá Portugal não será o Chile da Europa.

Ernesto, prevê o futuro, Ajuda os rapazes da Boeing e a malta dá-te uma mão. Facilita-te um empréstimo para pagares à Boeing, para os encargos bancários e para uns trocos para mostrares lá aos teus patrícios.

O Cisco e o Sonenfeld abraçaram Melo Antunes e agradeceram-lhe em nome dos patrões da Boeing. O Henry, grande Henry e grande coração, num gesto liberal e moscovita prometeu-lhe muito mais compreensão e umas cunhas para uns bancos amigos. O Ford agradeceu-lhe em nome do povo dos Estados Unidos da América, que o tinha escolhido por sufrágio universal, para seu representante, deu-lhe uma palmada nas costas e garantiu-lhe que na próxima visita dariam uma voltinha de barco no Hudson e seriam fotografados na Estátua da Liberdade. O Melo Antunes voltou para Portugal curvado ao peso da honra de ter auxiliado a Boeing e ser auxiliado pelos Estados Unidos para auxiliar a Boeing.

E andam por aí as más-línguas a dizer que auxílios destes não são precisos. Homessa e o prestígio internacional que se conquista! E o desbloqueamento psicológico que se consegue junto da banca internacional! Más línguas, inimigos da independência nacional que está na forja.

QUINTA—FEIRA

GRANDE "MANIF" POPULAR

Na sequência das manifeestações locais efectuadas nas últimas semanas pelos trabalhadores e massas populares empenhados em opor uma firme barreira à ofensiva das direitas, várias organizações de base deliberaram tomar a iniciativa da realização de uma grandiosa manifestação unitária e rigorosamente apartidária na próxima quinta-feira, 23 de Outubro, às 19 e 30, com concentração no Rossio.

Os promotores da manifestação apelam para que as comissões de moradores, comissores de trabalhadores, assembleias populares, A. D. U.'s, Sindicatos e todas as forças políticas revolucionárias da zona da Grande Lisboa adiram. As adesões deverão ser enviadas tão rapidamente quanto possível para a sede provisória do secretariado organizativo, Junta de Freguesia da Amadora, telefone 932035.

Promovem a manifestação as seguintes organizações: Sec. da A. P. da Amadora, Sec. Provisória das Comissões de Trabalhadores da Cintura Industrial de Lisboa, Assembleias Populares de S. Domingos de Rana e de Agualva/Cacém, Conselho de Trabalhadores e Conselho de Moradores de Carnaxide; Conselho de Moradores de Paço de Arcos, Comissão Organizadora Pró-Conselho de Trabalhadores da linha de Cascais; Comissão de Trabalhadores da Sociedade Estoril-Sol, Comissões de Moradores de S. Pedro do Estoril-Areias, Conselho de Moradores e Conselho Municipal de Oeiras, Comissão de Moradores do Bairro n.º 3 de Torres Vedras, Comissão de Moradores de Moscavide, Promotora de Vila Franca de Xira e Comissão de Moradores de Sacavém.

Entretanto, na reunião do secretariado das organizações populares da zona de Lisboa foram reveladas as seguintes adesões: seis Comissões de Moradores da Freguesia da Cova da Piedade, Comissão de Moradores de Porto Salvo e da Quinta das Palmeiras (Oeiras), Comissão de Trabalhadores da Cometna, Conselho de Tabalhadores de Paço d'Arcos e da Junta de Freguesia de Marvila.

Palavras de Ordem (algumas) da manifestação:

..«Avançar, avançar, Poder Popular», «Criar, organizar assembleias populares», «Governo de direita não, revolucionários ppara o Conselho da Revolução», «Reaccionários fora dos quartéis, já», «Força, força Norte, a Revolução será mais forte».

PARA QUANDO A C.A. DO PORTO?

P.C.P. DIZ QUE CAL BRANDÃO TEM "ESTREITEZA PARTIDÁRIA"

..PORTO, 20 — Ainda não se chegou a acordo quanto ao processo a adoptar na designação de uma comissão administrativa para a Câmara Municipal do Porto, vazia desde a demissão da equipa militar, que se seguiu ao não funcionamento da «coligação» inicialmente estabelecida. Assim, o governador civil continua a efectuar diligências, tendo-se reunido com os representantes do P. P. D. e do P. S., juntas de freguesia e rabalhadores da Câmara. Nesse encontro foi rejeitada (por inoportuna) uma proposta das juntas de freguesia para a alteração da estrutura da comissão instaladora. Durante a reunião, a comissão de trabalhadores da Câmara informou que não participará na nova comissão administrativa.

..Entretanto, em comunicado ontem distribuído, a D. O. R. N. do P. C. P. critica a atitude do governador civil em face do seu «total silêncio» quanto à participação dos partidos progressistas (cite-se concretamente o M. D. P./C. D. E.) cuja resposta ficou de ser dada ao P. C. P. pelo governador civil após entrevista realizada em 30 de Setembro. O comunicado, depois de afirmar ter sabido apenas pelos jornais do modo como iria decorrer o processo da nova comissão administrativa, para o qual «o Partido Comunista nem sequer foi chamado a pronunciar-se» e que a C. A. vai ser constituída por representantes do P. S. e do P. P. D., acrescenta: «A D. O. R. N. do P. C: C. P. denuncia mais uma vez estas manobras que visam pôr à frente da C. M. do Porto elementos que não pretendem defender os interesses dos trabalhadores, defender as organizações populares e a revolução e denuncia mais uma vez a estreiteza partidária do governador civil».

UM DOCUMENTO VIVO

Finalmente veio a público o **Diário**, de Mário Sacramento, obra póstuma sobre a qual se criou uma viva expectativa que agora se confirmou amplamente, justificada pelo interesse e variedade da temática nela tratada.

Anunciado em vida do autor sob o título de **Aqui Jaz Quem Me Matou**, o livro resulta da compilação de vários cadernos íntimos datados de Junho de 1967 a Fevereiro de 1969 e qualquer deles referenciados pela designação **Envelhecer**. E com efeito o tempo e a morte são os denominadores dos textos deste jornal, em múltiplas expressões de lúcida e veemente comunicação. A par disso, o que prende e impressiona nesta obra é a inquieta sinceridade da exposição, a coragem confessional com que Mário Sacramento se auto-analiza e, através dele, toda a panorâmica humana, política e cultural do País durante tão breve espaço de tempo.

Caxias, o fascismo, os reflexos internacionais que pressionaram a vida portuguesa estão presentes aqui, neste **Diário**, dão-nos admiravelmente um clima psicológico intensamente vivido e que era indispensável registar. Mas não só isso. Para a história da vida literária nacional, os apontamentos críticos, as meditações, os retratos de escritores e de personagens, todo esse desabafar a sós e em segredo constituem um valiosíssimo documento, elaborado, de resto, com impressionante objectividade.

A Cultura portuguesa esclarece-se e assume uma dimensão mais humana com o **Diário** de Mário Sacramento, mas simultaneamente também a figura deste cidadão e escritor se ergue destas páginas com uma nitidez que a riqueza da sua obra e da sua argumentação polémica muitas vezes tornava distante e quase inacessível.

A editora Inova, com a cuidadosa edição que agora apresenta, não só colabora num valioso trabalho cultural como presta a mais justa homenagem a um dos intelectuais mais exemplares e de maior intervenção na vida nacional: Mário Sacramento, o homem que até à morte triunfou do envelhecer.

FALECEU O DR. FERNANDO CASTRO AMARO

Faleceu no passado dia 15 o dr. Fernando Castro Amaro, um dos médicos mais apreciados e respeitados de Lisboa, conhecido de vastas e diversas camadas de população.

Foi, sem favor, figura destacada da geração de clínicos que prestigiou a Medicina portuguesa nas últimas quatro décadas. Durante esse período de tempo cultivou e exerceu com exemplaridade um profissionalismo autêntico, que o consagrou. Doentes e colegas encontravam nele sempre segurança de atitudes e de acção, pois cada presença e cada acto seus eram firmados com o timbre da clara inteligência e depurada técnica, e afiançados por um carácter tão forte como estável.

O dr. Fernando Castro Amaro desenvolveu notável actividade hospitalar desde o internato nos H. C. L. até à que exercia actualmente no Hospital Egas Moniz. Teve oportunidade de colaborar no ensino médico como adjunto do prof. Fernando Fonseca, de quem foi um dos mais próximos discípulos. Com ele, aliás, trabalhou nos domínios da investigação sobre doenças infecto-contagiosas. Dedicou-se em seguida à Medicina interna e especializou-se posteriormente em Gastro-Enterologia.

Pode dizer-se que a sua personalidade médica se integrou, rara perfeição, no homem verdadeiro que ele era e que se revelou tanto na inteireza das virtudes cívicas quanto na justeza das relações extra-profissionais.

O extinto era casado com a sra. D. Maria de Lurdes Campos Amaral Mântua e Castro Amaro, pai das sras. D. Maria da Conceição Braga de Castro Amaro e D. Maria da Luz Mântua de Castro Amaro, e do sr. Fernando Braga de Castro Amaro, e irmão da sra. D. Magda de Castro Freire e do sr. Carlos de Castro Amaro. À família enlutada apresenta o «Diário de Lisboa» sentidas condolências.

Dr. Castro Amaro.

DR. FERNANDO DE CASTRO AMARO

Missa de 7.º dia

. . Maria de Lurdes Campos Amaral Mântua e Castro Amaro, Maria da Conceição Braga de Castro Amaro e filhos, Fernando Braga de Castro Amaro, sua mulher e filhas, Maria de Luz Mântua de Castro Amaro, Carlos de Castro Amaro, sua mulher e filhos, Magda de Castro Freire e filhos e mais família, participam o falecimento de seu marido, pai, sogro, avô, irmão, tio e parente e que será rezada missa de 7.º dia às 16 h de dia 21, na Igreja de S. João de Brito.

MANUEL GERALDO

O repórter de serviço

UIVOS E CINZAS EM QUICUA

A guerra colonial-fascista foi marcada por numerosos massacres das populações civis de sanzalas, musseques e mutambas, situadas nas zonas de luta em que os avanços guerrilheiros se tornavam mais incisivos. Um dos mais odiosos foi o de Wiriamu, em Moçambique. Entre outros, de um tivemos contacto directo em Angola, junto à sanzala de Quicua, no sector militar de Sanza Pombo, onde estava estacionada uma companhia operacional.

Mas quando ali chegámos, em Setembro de 67, as cubatas encontravam-se reduzidas a cinzas — e dos trezentos e tal negros que nos diziam lá viver não vimos nem um. Apenas cães tinhosos uivavam entre os escombros...

E o motivo da nossa deslocação (reforço e intervenção numa zona tida como agitada), acabaria por não ser justificar, já que ao longo dos quinze dias da nossa permanência não demos nem recebemos um tiro. E regressámos a Catete com a impressão de termos participado um plano estratégico de circunstância.

Quando perguntávamos pelos negros da sanzala aos elementos da companhia-residente, uns diziam-nos:

«Fugiram com medo!»

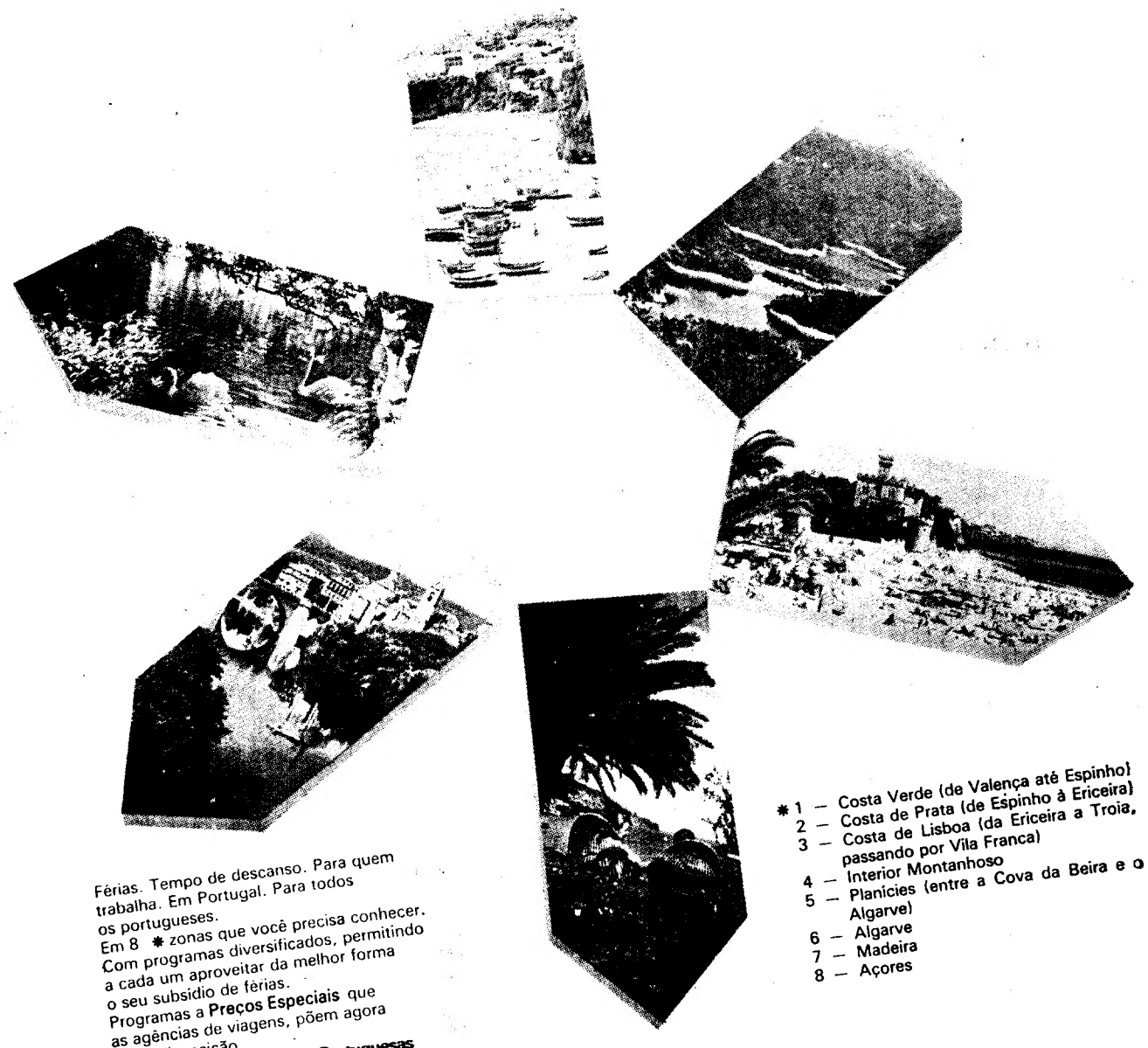
Outros acrescentavam: «Quiseram levantar cabelo e tivemos de lhes dar uma lição!»

Mas sobre o tipo de lição que lhes teriam dado chegou-nos uma frase proferida quase a medo:

. . «Nunca pensei que seres humanos suportassem tais sevícias, com tanta coragem, quase sem um queixume. A morte não lhes metia medo...»

E à semelhança de Wiriamu também, em devido tempo, a História exigirá o julgamento dos instigadores e responsáveis pelo massacres selvático de Quicus.

PARA SI,
O QUE SÃO FÉRIAS?



Férias. Tempo de descanso. Para quem trabalha. Em Portugal. Para todos os portugueses.
Em 8 ✱ zonas que você precisa conhecer.
Com programas diversificados, permitindo a cada um aproveitar da melhor forma o seu subsídio de férias.
Programas a **Preços Especiais** que as agências de viagens, põem agora à sua disposição.
Peça o **Catálogo de Férias Portuguesas** em qualquer agência de viagens, que o ajudará a escolher a melhor forma de aproveitar os seus tempos de descanso.
Sejam as férias familiares, de fim de semana ou o aproveitamento de um feriado.
Gozar o Sol de Verão, a calma da Primavera ou do Outono ou o descanso reconfortante do Inverno.

✱ 1 — Costa Verde (de Valença até Espinho)
2 — Costa de Prata (de Espinho à Ericeira)
3 — Costa de Lisboa (da Ericeira a Troia, passando por Vila Franca)
4 — Interior Montanhoso
5 — Planícies (entre a Cova da Beira e o Algarve)
6 — Algarve
7 — Madeira
8 — Açores

Faça férias Portuguesas!
TODO O ANO

SISTEMA

Trabalho

CONSTRUÇÃO CIVIL

VAI INICIAR-SE A DISCUSSÃO DO CONTRATO COLECTIVO

Por sugestão do Ministério do Trabalho, realiza-se hoje uma reunião em que participam representantes dos trabalhadores da contrução civil e do patronato, para discussão das regras e dos prazos a observar na nova fase de regulamentação das condições de trabalho do sector, a nível nacional. Em comunicado dirigido aos trabalhadores da construção civil, o Ministério revela as suas intenções quanto à contratação colectiva no sector:

«1. Em 21 de Junho de 1975, assinava o então ministro do Trabalho, major Costa Martins, uma portaria em que se procurava atender às reivindicações dos trabalhadores da construção civil no que respeita a férias e respectivo subsídio. Eram, ainda, fixados os termos em que, no futuro se poderiam vir a regulamentar as restantes condições de trabalho neste importante sector da economia nacional.

Os considerandos da referida portaria previam, desde logo, «o lançamento de uma política de emergência para o sector, em ordem à estabilização das relações de trabalho, à criação de novos postos de trabalho para combate ao desemprego e à dinamização de outras actividades económicas subsidiárias ou complementares».

Era assim, prevista a tomada de medidas de austeridade, e chegava mesmo a afirmar-se que a «declaração do sector em crise será certamente o primeiro passo dessa política que não se afigura compatível com a manutenção da contratação colectiva livre de quaisquer condicionamentos legais».

Por fim, a portaria, de Junho estabelecia o seguintte, na sua base VI: «Sem prejuízo de outras medidas a tomar pelo Governo, não poderão ser introduzidas quaisquer novas alterações às condições de trabalho,a nível do sector ou de empresa, enquanto uma comissão técnica composta por representantes de todos os Ministérios interessados não proceder ao estudo exaustivo das consequências da proposta de Contrato Colectivo de Trabalho apresentada pelos sindicatos, cujas conclusões deverão ser submetidas a deliberação do Governo».

2. O funcionamento da comissão técnica, então criada sofreu com as vicissitudes que rodezram o final do IV Governo Provisório e todo o período do V Govèrno, não tendo os seus trabalhos avançado com a celeridade exigida pela defesa intransigente e realista dos interesses dos trabalhadores.

3. A importância do sector da construção civil para a economia nacional, a gravidade da crise que o atinge (com importantes repercussões em toda a economia), a posição desde sempre tomada pelas entidades patronais, dificultam a hipótese de um processo de contratação colectiva livre. O Ministério do Trabalho, porém, diligenciará no sentido de se iniciar tal processo de negociação entre as partes.

De qualquer modo, é perfeitamente viável a elaboração de uma nova portaria que complete a anterior, revogando o C. C. T. ainda em vigor (homologado em 20. 8. 75) e, atendendo à situação de necessidade mais premente, como a dos serventes. É claro que as novas condições a fixar não dependem apenas deste Ministério, mas também do Ministério do Equipamento Social, ao qual compete fixar a orientação governamental no que respeita à capacidade do sector para suportar novas condições de remuneração e de trabalho.

A nova portaria, a ser preparada, deveria sê-lo já, não por uma comissão de técnicos de vários Ministérios, mas por uma comissão de cooperação entre o Governo e os Sindicatos. Esta comissão deveria incluir representantes de todos os Ministérios e Sindicatos interessados e basear os seus trabalhos no estudo técnico atrás referido.

4. O Ministério do Trabalho está consciente da possibilidade de determinadas forças políticas se aproveitarem do justo descontentamento dos trabalhadores da construção civil para os virarem contra o VI Governo Provisório, que na verdade em nada contribuiu para a situação que os afecta.

Os trabalhadores, no entanto, saberão distinguir a luta pelas suas justas reivindicações, das manobras políticas que se procuram aproveitar dela. E, consciente deste facto, o Ministério do Trabalho apresenta desde já formas concretas para se alcançarem os seus objectivos.

5. De acordo com o que acabamos de expor, informa-se os trabalhadores da construção civil de que o Ministério do Trabalho já convocou os Sindicatos e os Grémios interessados no contrato vertical para uma reunião a realizar no próximo dia 20, pelas 15 horas, neste Ministério.

Nesta reunião, discutir-se-ão as regras e os prazos que deverão ser observados na nova fase de regulamentação das condições de trabalho, a nível nacional, que agora se inicia.»

Não obstante, logo que entrou em funções a actual equipa do Ministério do Trabalho, este foi um dos assuntos cujo andamento foi acelerado, ao ponto de a comissão técnica se considerar, neste momento, em condições para apresentar os primeiros resultados do seu trabalho.

Deste modo, é possível passar desde já a nova fase do processo de regulamentação das condições de trabalho no sector.

NUNCA PENSEI QUE ISTO ESTAVA ASSIM TÃO FACILITADO!

Homem! Nunca me passou pela cabeça, não senhor! Eu cá mais a rapaziada já tínhamos aí falado, uma ocasião destas, do Crédito Agrícola. E vai daí, meti-me ao caminho, e fui falar com a Comissão Liquidatária. E então não é que já cá tenho o que preciso para o cultivo?! Agora, é só pagar na venda da colheita, com juro de 6,5% ao ano. E sem papelada nenhuma! Sem hipotecas, sem cauções, sem fianças, sem nada, c'os diabos! Foi só dar lá o nome. E os tipos da Liquidatária são tudo gente simpática. Explicam tudo! Até está lá um tipo dos bancos que põe tudo em claro! Rapazes, desta vez é que isto vai!

banca AO SERVIÇO DO TRABALHO

Crédito Agrícola para Produção maior

75-CA-06

Trabalho

DEPOIS DOS S.U.V.'s, EIS OS T.U.V.'s!

PROPOSTA DE ACÇÃO E ORGANIZAÇÃO DOS TRABALHADORES DA CINTURA INDUSTRIAL DE LISBOA

Integrando-se no movimento de organização das comissões de trabalhadores, da cintura industrial de Lisboa, iniciativa que visa o reforço do Poder e da unidade das classes trabalhadgas, um grupo de trabalhadores de 23 empresas elaborou um manifesto, proposta de acção e estruturação, qque subscreveu com a sigla — Trabalhados Unidos Vencerão (TUVs).

O documento foi ditado pela «gravidade do actual momento», que «impõe um esforço no sentido de unir e organizar os órgãos unitários dos trabalhadores fardados e não fardados, das cidades e dos campos», de modo a «1conduzir o actual processo revolucionário atè á vitória».

Os TUVs pretendem organizar, nos locais de trabalho, o conntrolo operário sobre a produção, por forma a fazer face à crise económica provocada pelos capitalistas, demonstrando «que é impossivel responder à crise mantendo os capitalistas nos postos de comando das empreesas e fábricas».

Para isso, adianta-se um programa de objectivos de luta imediata, contra as desigualdades e privilégios, por melhores condições de trabalho, contra as desigualdades e privilégios, por melhores condições de trabalho, contra o desemprego, por um horário de trabalho justo. As comissões de trabalhadores sã os organismos adequados para exercer o controlo operário, que é necessário reforçar e impôr, lutando contra os mmétodos repressivos e «pelo avanço impiedoso dos saneamentos».

Desta forma se pretende obter o controlo total da actividade da empjsa, «desde as formas de financiamento, o que passa pelo controlo da banca, até ao controlo da venda de matérias primas, dos processos de fabricação, dos processos e preços de venda, dos lucros e dos investimentos», sem esquecer o controlo da organização do trabalho (admissões, promoções, etc.).

No domínio militar, os TUVs consideram que, para as armas estarem do lado do povo, não basta estabelecer uma LIGAÇÃO CORRECTA ENTRE PS TRABALHADORES E OS SOLDADOS», pois é preciso organizar o «armamento directo dos

traabalhadores». Na actual fase do processo, tal iniciativa deve estar «sempre debaixo da alçada das comissões de trabalhadores e não de órgãos especiais paralelos que não estejam submetidos às comissões de trabalhadores», subordinado a actividade militar aos objectivos pollíticos.

Os TUVs atribuem às comissões de trabalhadores, e aos órgãos de poder popular, a tarefa de «favorecerem a consciência revolucionária das massas». Nesse sentido, há que fortalecer a causa da unidade dos trabalhadores, através da «realização de amplas discussões acerca das questões fundamentais, tanto da empresa como mais gerais», contra o isolamento das lutas, intensificando as actividades culturais, «facilitando e promovendo o aparecimento e desenvolvimento da cultura popular ligada sempre aos problemas do povo trabalhador.»

. «A exploração não acaba à porta da fábrica», e por isso os TUVs consideram unsuficiente a luta nos locais de trabalho, que «não pode perder de vosta as exigências e objectivos imediatos dos trabalhadores», enquanto moradores e consumidores, nomeadamente no que respeita a problemas de habitação, transportes e preços.

Os camponeses e todo o povo trabalhador devem unir-se em torno da classe operária — lembram os TUVs. «É fundamental defender as justas aspirações das massas populares nos campos», afirma o manifesto, procurando modos concretos de cooperação: acção das comissões de trabalhadores dos bancos na facilidade de créditos, etc..

Os TUVs não esquecem os traabalhadores fardados, e os seus problemas, defendendo aa solidariedade para com as suas lutas, pelo aumento do pré, transportes grátis, abolição do RDM e democratização dos quartéis.

No plano político, considera-se imprescindível um único programa, capaz de transformar em realidades as aspirações de todos os trabalhadores. «A ofensiva burguesa é necessário responder com uma poderosa ofensiva popular» — lê-se no manifesto. Este objectivo passa pelo «reforço e incremento das assembleias populares locais, que são desde já órgãos do novo poder do futuro Estado dos trabalhadores», e pelo reforço, nessas estruturas, das comissões de trabalhadores.

Os TUVs propugnam a luta contra o VI Governo e defendem a «formação de um Governo revolucionário, que seja capaz de combater com firmeza os capitalistas e que sseja capaz de exprimir o poder revolucionário do povo».

O manifesto adianta uma proposta organizativa das comissões de ttrabalhadores da cintura industrial de Lisboa, com vista ao próximo plenário, em fase de organização, promovido pelo secretariado provisório que organizou a manifestação de 18 de Setembro.

A proposta de acção e organização dos TUVs foi elaborada por um grupo de trabalhadores de 23 empresas da zona de Lisboa, e aprovada pela comissão de trabalhadores da fábrica Manuel Lopes Henriques.

BOICOTE, INCIDENTES, PROVOCAÇÕES

TRABALHADORES DA FUNÇÃO PÚBLICA CONTINUAM SEM SINDICATO

. Não chagaram a ser votados sábado à tarde na F.I.L. os estatutos do Sindicato da Função Pública, que deverá abranger mais de 300 mil trabalhadores dos distritos de Beja, Castelo Branco, Évora Faro Lisboa, Portalegre, Satarém e Setúbal.

Incidentes graves, desunião entre os milhares de trabalhadores que se aglomeravam junto ás instalações da F.I.L., levou a que não se votasse nem «sim» nem «não» à criação do sindicato e escolha de estatutos.

A Lista B, defensora do «direito de tendência e do pluralismo sindical» teria estado na base do conflito, ao tentar que a votação se fizesse de imediato, não respeitando um acordo prévio, segundo o qual haveria um período inicial consagrado a informações, no decorrer do qual cada lista apresentaria pormenorizadamente os aspectos mais relevantes do seu programa. Só depois se realizaria a votação. «Votação! Votação já» gritavam os simpatizantes da Lista C, aos quais se vieram juntar os adeptos da Lista D. E foi impossível prosseguir os trabalhos. Os insultos, as provocações não deixaram que a mesa usassse da palavra. E a assembleia demitiu a mesa. Aumentou a divisão.

Pouco antes das 20 horas, a presidência da mesa solicitou a representantes dos diversos grupos proponentes que expusessem as suas posições perante a conjuntura. Um elemento da Comissão Directiva Regional Provisória que representava a Lista A, concordou em que seria impossível prosseguir os trabalhos. «Forças contrárias aos interesses dos trabalhadores não estão interessadas em que os trabalhadores da Função Pública tenham o seu sindicato. Desenvolveram as suas manobras eleitoralistas e impuseram desde o início, que nesta assembleia não houvesse discussão». E reafirmou, mais tarde, num comunicado: «Em 18 de Outubro a reacção conseguiu adiar a constituição do Sindicato da Função Pública. A resposta enérgica dos trabalhadores e da C.D.R.P. como sua mandatária, é reforçar a organização e intensificar a luta contra a reacção, é reforçar a vigilância revolucionária e a unidade com toda a classe».

«TEREMOS O SINDICATO»

O Grupo de Intervenção Sindical (proponente do projecto de estatuto B para o Sindicato da Função Pública) fez também uma declaração ao plenário. As listas C e D também se dirigiram aos trabalhadores que se encontravam na F.I.L. Um elemento da Lista C para se queixar das «manobras partidárias».

A Lista B, num comunicado, depois de atacar a Comissão Directiva Provisória, esclarece: «Vendo-se envolvidos na escalada pelo controlo do seu aparelho sindical, os trabalhadores responderam com a mais viva repulsa às manobras levadas a cabo por forças que, no seu seio, procuram utilizá-lo como «carne para canhão» e não hesitaram em impedir que no dia 18 tivessemos constituído o nosso sindicato, O Grupo de Intervenção Sindical proponente do projecto do estatuto B, alerta todos os camaradas para as manobras que, neste momento, continuam a ser tramadas nas nossas costas, no sentido de nos impedirem de virmos a erguer o nosso sindicato, dividindo-nos por vários sindicatos, com o fim de quebrar a nossa união».

E os milhares de trabalhadores abandonaram a F.I.L. Desiludidos alguns, outros, mais combativos, gritavam: «Teremos o nosso sindicato! Teremos o nosso sindicato».

VENDER JORNAIS, A PEDIDO

«De lamentar é que haja de facto jornais diários, da tarde, que peçam aos simpatizantes de certo partido que os vendam. Isso é que não podemos consentir. Mas, o mais importante de tudo, agora, é criar a Associação dos Vendedores de Jornais. Temos de lhe dar força, unimo-nos todos à volta dela e, depois, então, com uma organização forte, é que vamos falar com as empresas jornalísticas» — esta foi a tónica do plenário de vendedores de jornais, realizado ontem,.de manhã, no Clube Atlético da Mouraria.

Os vendedores de jornais, que desde o 25 de Abril se encontram empenhados na criação de um Sindicato que lhes defenda os seus legítimos interesses, continuam, no entanto, a encontrar dificuldades dado o desinteresse que determinados sectores da classe vêm manifesstando. Daí que se pronunciem pela necessidade de união. «Mas, a unidade e a força conseguem-se com seriedade» — salienta

E, no sábado, dia 25, há nova reunião, às 21 e 30, ainda é uma vez mais, no Grupo Desportivo da Mouraria.

«E LÁ SE FORAM OS 3 MIL CONTOS»

Os trabalhadores do Banco Espírito Santo decidiram em plenário por maioria não emprestar os 3 mil contos aos trabalhadores rurais do Alentejo. Idêntica decisão em relação ao donativo de 100 contos para o jornal «República» e 100 contos para a Rádio Renascença.

Na altura das sementeiras e da arrancada para a produção do próximo ano, os trabalhadores alentejanos bem podem «dizer adeus» ao empréstimo de 3 mil contos. Assim como os trabalhadores da República e Rádio Renascença terão de «pôr de parte» a idéia de 100 contos. Claro , que ninguém tem dúvidas do apoio dos bancários do B.E.S.C.L. à Reforma Agrária, à República e à Rádio Renascença. Referimo-nos aos que votaram contra o empréstimo. Mas 3 mil contos, sempre é dinheiro, não é?

CONFLITO NO ENSINO PARTICULAR

Na Escola de S. Francisco Xavier, onde duzentas crianças aprendem o **b-a-ba**, as coisas não caminham muito bem, arrastando-se a situação de oposição entre os trabalhadores e a respectiva proprietária, sem que até agora se encontre solução.

«Desde as primeiras reuniões para a discussão dos problemas do colégio que fomos boicotados pela directora, porque não gostava de reuniões sem a sua presença. Ao serem pedidos melhoramentos e reajustamentos salariais, a directora troçou das nossas pretensões, o que veio a agudizar toda uma situação que culminou com o despedimento de dois trabalhadores, por razões salariais» — afirmou um dos catorze trabalhadores suspensos do externato, numa conferência de Imprensa realizada no Sindicato dos Professores.

Desde a ocupação, com conhecimento dos pais dos alunos, até nomeação de um administrador do Ministério do Trabalho que se aguenta 18 dias, passando pela negativa da patroa em assinar sem a presença de advogado e da irmã, tem havido de tudo. «Contudo, esperamos uma resposta do M.E.I.C. e do Ministério do Trabalho — salientam os professores — para resolução deste problema que envolve trabalhadores com dezanove e vinte anos de serviço»

QUEM VAI SACRIFICAR-SE?

«Os directores e administradores, esses ganham 35 contos e são portanto esses que se devem sacrificar e não nós, que não somos os culpados da situação económica das empresas» — disse alguém durante um plenário dos motoristas do distrito do Porto, durante a discussão dos novos salários para a classe e na qual foi decidido que, ou o ordenado mínimo passava para os 8500 escudos, ou haveria greve no dia 2 de Novembro, à meia-noite.

A entidade patronal recusa-se a discutir a tabela salarial, argumentando que o Governo lhes teria prometido uma regalia que lhes podia permitir a possibilidade de negociação. Como a resposta do Governo não os satisfez, recusam-se, portanto, a negociar».

Nacional

ANDRADE E SILVA NA REFORMA AGRÁRIA

Estar com quem trabalha a terra alentejana

No Alentejo, Andrade e Silva, jovem capitão do Exército, quase se tornou um mito. Para os camponeses que lutam contra a exploração latifundista este homem é **de confiança.** Por opção colocou-se ao lado dos oprimidos. Em certa altura de uma conversa informal que com ele travámos afirmou: «Em mim desapareceu bastente do pequeno burguês que eu era». Conhecedor dos problemas levantados pela Reforma Agrária «em marcha», e sobretudo dos trabalhadores rurais, com quem no dia a dia lida, procura dar uma contribuição firme para o avanço da Revolução. Há gente que detesta a sua maneira de agir. Os latifundiários e alguns militares gostariam de o afastar do Alentejo. Ou pelo menos neutralizá-lo. Nesse sentido já se forjaram tentativas. Andrade e Silva é uma pessoa incómoda. Em contrapartida, os trabalhadores consideram-no um aliado. Um amigo. Terra ocupada no concelho de Montemor tem o seu nome. Ao constituirem uma cooperativa agrícola os camponeses prestaram-lhe homenagem.

«O meu objectivo principal é lutar contra a exploração e a miséria. Vi que nos campos onde os trabalhadores eram mais desfavoracidos podia travar uma batalha importante. Agora estou metido nisto até à cabeça, não só por sentimento político, mas também por amizade».

Confessou Andrade e Silva numa conversa informal (repetimos) sobre Reforma Agrária, estratégia política, ocupações de terra. De si próprio também falou um pouco. Aliás o capitão não é de forma nenhuma um político dotado «daquela» habilidade que caracteriza os políticos. Muito menos um teórico. Ou um literato. É simplesmente um homem de acção. Que aderiu à luta dos trabalhadores mais por emoção do que por uma atitude intelectual. Vive, age como sente. As suas análises são produto de um quotidiano, da experiência de uma realidade palpável. Nessa perspectiva, baseada no concreto, ele define o processo da luta dos trabalhadores alentejanos.

«Divido a luta em várias fases: «A primeira começa com as reivindicações políticas em que os trabalhadores animados por alguns partidos se lançaram na ocupação de terras. Depois verificou-se uma certa acalmia quando o Governo prometeu avançar com a Reforma Agrária. Aconteceu que os proprietários se vão demitindo de cultivar as terras. As leis não surgem. Os trabalhadores, aí, entram numa luta não só de carácter político, mas sobretudo de sobrevivência. Actualmente já se capacitaram que a única maneira de conseguirem uma sociedade justa é lutar pelo avanço da Reforma Agrária: um passo para o socialismo. No entanto, ainda existem zonas, no Alentejo, onde não chegou o esclarecimento político, quer do M.F.A., quer dos partidos. Nesses sitíos os trabalhadores, desligados do processo, têm medo de enfrentar uma situação de insegurança social».

CONSOLIDAÇÃO DO PODER POPULAR

Referimo-nos ao perigo de uma Reforma Agrária que possa facilmente ser recuperada pelo capitalismo social-democrata.

«Aqui parece-me que isso seria impensável, pois a Reforma Agrária está a ser conduzida pelos trabalhadores que, conscientes da sua condição de classe, não permitirão interferências. Todavia, defendo como princípio que a consolidação da vitória dos trabalhadores passe pela consolidação do poder popular. Penso também que a revolução tem de ser conduzida pelos operários agrícolas e fabris. Todos aqueles que os quiserem acompanhar serão apenas aliados no processo. É o caso da pequena burguesia. Damos todo o apoio à criação dos órgãos de poder popular. Por exemplo: os concelhos de aldeia têm a sua palavra a dizer na realização da Reforma Agrária.»

Citamos os entraves postos pelo aparelho estatal à concretização da Reforma Agrária, nomeadamente a falta de créditos, de maquinaria agrícola, a sabotagem feita por elementos reaccionários implantados em diversos organismos, a inoperância dos técnicos, a demora das medidas a tomar que ficam retidas nos centros de decisão.

«De facto tanto a nível militar como civil sentem-se as dificuldades. Julgo, porém que não serão suficientes para entravar o processo revolucionário porque as classes trabalhadoras e as forças de esquerda estão cada vez mais a cerrar fileiras. Penso que há força revolucionária capaz de impedir que, por processos administrativos ou repressivos, a direito leve a melhor. Inclusivamente, no campo militar, assiste-se à tomada de consciência dos soldados, o que a curto prazo funcionará como garantia da impossibilidade da direita recuperar o País.

Este Governo faz promessas. Muitas promessas. Entretanto, há trabalhadores que continuam sem receber salários. Você sabe perfeitamente porque todos os dias é solicitado para resolver conflitos de trabalho (falta de pagamentos, despedimentos), sabe das barreiras que os trabalhadores rurais têm de vencer para que os grandes agrários não os voltem a subjugar. Por outro lado, se as unidades colectivas não tiveram apoio financeiro e técnico, muitas delas, vão estoirar. E depois?«Na minha opinião, o Governo, se quiser demonstrar a sua capacidade de governar em termos socialistas, terá de tomar medidas urgentes. Se não apoiar o processo que hoje se trava no Alentejo, os trabalhadores dificilmente o aceitarão como direcção política»

O capitão Andrade e Silva: um homem ocupadíssimo. De uma actividade espantosa. Atende diariamente variadíssimas delegações de trabalhadores. Participa em sessões de esclarecimento, em assembleias populares, encontros. Anda num vai-vém constante.

«Os trabalhadores começam por expor os seus problemas aos Sindicatos, mas a estes às vezes falta-lhes força que nós, M.F.A., podemos utilizar. Assim intervimos para fazer cumprir os actos de justiça a que os patrões se escusam. Actos esses que os trabalhadores só poderiam ver realizados se utilizassem processos violentos. Isto sucede porque as leis neste País ainda estão, quase na sua totalidade, ao serviço da classe que dominou até ao 25 de Abril — e que, neste momento, procura tirar proveito desta nossa contradição. Os tribunais contemplam os patrões em vez de defenderem os trabalhadores. A nossa função é ultrapassar a burocracia e o legalismo: descobrir de que lado está a verdade e a justiça e actuar segundo essa descoberta. Funcionamos como meio termo entre os tribunais legalmente constituidos e os tribunais populares. Entre aquilo que existe e o que ainda não existe».

DENEGRIR O PROCESSO

Alguns políticos costumam apelidar de «selvagens» as ocupações feitas pelos trabalhadores alentejanos. No norte do País, onde prevalece no espírito dos camponeses um arreigado sentimento da propriedade privada, os politiqueiros legalistas encontram o terreno fértil para fazer vingar essas aleivosias de retórica tipicamente burguesa.

«Por desconhecimento, e até por má-fé, a nível militar e civil, há pessoas que rotulam de selvagens quase todas as ocupações que aqui se fizeram. Tais pessoas tentam demonstrar, agarrando-se a gráficos deste ou daquele banco a impossibilidade da realização com êxito das ocupações. Chegam mesmo a afirmar que os trabalhadores não sabem administrar, nem gerir. Que não sabem nada. Se os trabalhadores encontram, nas unidades colectivas, dificuldades em matéria de gerência, há que reconhecer que de igual modo os agrários, além de péssimos gestores, desviavam verbas dos bancos para investir na agricultura — e o dinheiro deles investiam-no em bons carros, palácios e viagens ao estrangeiro. Quanto às ocupações selvagens posso adiantar que durante toda a minha experiência nunca as localizei em sítio algum. Todas as ocupações que conheci e apoiei caracterizavam-se por uma grande capacidade de luta dos trabalhadores, por um plano de ocupação organizativo. Havia subjacentemente, a necessidade de lutar pela sobrevivência física e ainda o ardor revolucionário de destruir de uma vez

Ensino superior: a herança do V Governo

II - O governo das escolas

. Todas as soluções — a que ontem me referi — que iam sendo postas em prática no domínio do acesso à Universidade tinham a sua matriz legal num importante decreto do Conselho da Revolução (Decreto-Lei 363/75 de 11 de Julho), em que se estabeleciam as orientações gerais da futura reforma do ensino superior.

Uma dessas orientações era a da «gestão socialista da Escola», ou seja, a de que «nos órgãos de Governo das Universidades responsáveis pelas linhas gerais da vida da instituição, deverão ter assento, em termos que lhes garantam um peso significativo na tomada de decisão, representantes dos interesses sociais extra-universitários designados (...) pelas organizações sindicais, pelos órgãos de administração regional e pelos departamentos estaduais responsáveis pelo planeamento económico, social e científico». Do mesmo modo, e agora ao nível das Faculdades, previa-se a revisão do decreto de gestão (806/74) de Dezembro de 1974), de modo a garantir a participação no Governo destes estabelecimentos de ensino de «representantes das organizações profissionais ou sindicais dos sectores de actividade social com os quais a acção educativa da escola mantenha uma ligação efectiva».

Sentia-se, na verdade, que o decreto de gestão das Faculdades tinha que ser alterado. Ele correspondera a uma certa fase da nossa revolução (a do desmantelamento das estruturas fascistas de Poder) e, nessa fase, desempenhará a sua função de forma satisfatória: criar nas escolas um contrapoder efectivo (por vezes, também «afectivo», emocional...) que desorganizou e desarmou o poder dos elementos mais reaccionários das Faculdades e que teria criado muitas dificuldades a qualquer inflexão direitista da política universitária.

Todavia, a partir de certa altura, começou a ficar claro que o sistema democrático de gestão estava a funcionar de forma destoante, não só em relação à evolução da situação política global, mas ainda — e desde logo — em relação aos próprios argumentos políticos que lhe subjaziam. Senão vejamos:

O VULCÃO DE UM VULCÃO

Logo após o 25 de Abril, a Universidade foi um vulcão; ou melhor, o vulcão de um vulcão. Tudo surgiu, todos surgiram (muitas vezes, mesmo aqueles que nunca tinham surgido antes do 25 de Abril...), a espiral dos acontecimentos desenhava-se vertiginosamente. Perante isto, os dois primeiros Ministérios foram, por razões naturais, incapazes de responder ao fluxo de solicitações das Escolas. Estas tinham os seus processos, que consideravam desburocratizados, de trabalhar — para elas, a lei era um «pedaço de papel», a Contabilidade Pública «um tigre de papel», o M.E.C. um «poço de papel»; nas escolas as coisas progrediam ao ritmo das A.G.E.'s — que, nesta altura eram a actividade dominante de estudantes e professores — e, como ainda não se tinha perdido na universidade o «élan» revolucionário, como as querelas das seitas ainda eram apenas um ténue ruído de fundo (comparativamente ao que foram depois), como se estava na fase fácil da desmontagem e da elaboração abstracta de programas, o «governo desburocratizado» das escolas ia funcionando menos mal no que diz respeito a burocracia.

Assim, mais se radicou nas Escolas a ideia de que eram auto-suficientes, e de que se podiam autogovernar com vantagem em relação à subserviência perante um Ministério imobilista, complicado e incapaz, repassado e dominado por uma «burocracia emperrante e viscosa» (expressão de Fraústo da Silva que fez carreira entre os esquerdistas).

Ora, o combate antiburocrático tem muitos méritos. Eu, que estive mergulhado na burocracia durante um ano e meio e que a conheço por dentro, sou — certamente com muitos burocratas... — o seu primeiro inimigo. Sei perfeitamente o que ela representa de perda inútil de tempo (quantas horas, quantos dias, se gastam no percurso kafkiano dum labirinto burocrático!...). Sei — e isto é, para mim, o fundamental — num processo revolucionário socialista — de que modo ela pode representar um obstáculo à participação e à gestão colectiva e, a curto prazo, o abandono do poder aos «clercs» de escrivaninha, quase todas da «antiga senhora». No entanto, por detrás do combate antiburocrático, há muitas vezes, uma série de equívocos. Por um lado, o equívoco «voluntarista» de pensar que se acaba com a burocracia ao... **querer** acabar-se com a burocracia; ou que é possível de um momento para o outro, acabar com a burocracia na administração universitária, não se preocupando com a sua existência noutros sectores do aparelho do Estado; ora a burocracia não é um acaso, faz parte da condição de países que saíram donde nós saímos. E isto vem em todos os livros. Por isso, para lhe pôr termo, não basta o romântico «querer», são necessárias profundas reformas **globais** do aparelho de Estado, realizadas de acordo com processos políticos e **técnicos** que estão estudados, mas de que os antiburocratas de serviço não têm, muitas vezes, a menor ideia. Por outro lado, não se pode chamar de «centralismo burocrático» a preocupação, por parte dos órgãos centrais do Estado, de encontrar critérios gerais, de coordenar actividades, de procurar uma ponderação justa dos interesses inter-sectoriais em presença. A menos que queiramos viver num mosaico...

A NOVA BUROCRACIA

Mas, acima de tudo — e desfeitos estes equívocos — fiquemos em que «abaixo a burocracia» é uma justa luta.

Só que, o que se passou nas Escolas foi que, sobretudo a partir de Janeiro (ou seja, do efectivo começo de actividades), uma nova burocracia começou a nascer que, tal como a antiga paralisava (paralisou) a acção e alienava (alienou) os interessados do exercício do poder: foi a burocracia das A.G.E.'s, dos plenários, das reuniões abertas, permanentes, alargadas, das intercomissões, das R.G.A.'s das R.G.D.'s e R.G.T.'s, tudo isto surgido — temos que o dizer — com base na estrutura democrática de Governo avalisada pelo decreto de gestão (embora, diga-se também muitas destas instituições fossem, na sua constituição, alegais e, nos poderes a que se arrogavam, ilegais...).

No meio de tudo isto — agravado pelo rápido crescendo das querelas das seitas, que as eleições de Março ainda atiçaram mais — algumas escolas paralisaram. A verdade é esta: algumas escolas **paralisaram;** o movimento que nelas se notava era um movimento fribiliar de reuniões e comissões que, como nos organismos vivos, não é sinal de vida mas de morte. A paralisação trouxe de tudo: trouxe o desânimo dos que queriam trabalhar, trouxe o ócio aos que não queriam trabalhar (garantindo, aindapor cima, o vencimento ou a passagem de ano...), trouxe o vagar para a luta política, trouxe os «plenariocratas», esses novos mandarins da instituição universitária, trouxe a monumental demobilização de estudantes e professores e — o que é mais grave — trouxe o descrédito dos processos democráticos.

ENGULINDO SAPOS VIVOS

No Ministério estava-se consciente de tudo isto e procurou-se evitar, até onde foi possível, a degradação da ordem democrática nas escolas. Procurou garantir-se, sobretudo, a legalidade da escolha dos órgãos directivos porque, em últimas contas, eram eles os responsáveis perante o Es-

ENTREVISTA DE LURDES FÉRIA

para sempre os sugadores do sangue e do suor dos trabalhadores do campo. Isto é a prova mais gritante de que os trabalhadores não ocuparam as terras de ânimo leve, mobilizados por esta ou aquela força política. Fizeram-no com perfeito conhecimento do acto que realizavam. No fundo, é o resultado da luta difícil que ao longo deste tempo eles têm levado a cabo. Julgo que se fala de «ocupações selvagens» para denegrir o processo revolucionário. Segundo dados concretos, fornecidos pelo Centro da Reforma Agrária, em 300 e tal ocupações feitas num total de 120 mil hectares, apenas um número irrisório de terra teria sido ocupado por oportunistas».

Acusam-no de apoiar qualquer tipo de ocupação sem ter em conta, às vezes, as condições objectivas da situação. Não fazendo distinção entre os grandes agrários e os pequenos agricultores...

«Isso não é verdade. Considero que esta luta não deve ser feita contra os interesses dos pequenos e médios agricultores ou dos rendeiros. Defendo que a luta terá de ser contra os latifundiários, os verdadeiros inimigos dos trabalhadores. No entanto, é preciso frisar que muitas vezes os problemas que surgem entre trabalhadores e pequenos agricultores, são derivados da obsessão que estes últimos têm em relação à propriedade. Contribui em grande parte para a falta de esclarecimento político dos pequenos agricultores, sobretudo do norte, as declarações públicas de certos dirigentes políticos e de alguns órgãos da informação que oferecem aos leitores uma imagem sombria da luta dos trabalhadores alentejanos. Quanto a mim, esta desinformação é altamente responsável pelo desentendimento que este momento assola o País, dividindo os trabalhadores do norte e do sul. Todavia, eles, na sua vida concreta, são bastante semelhantes. Baseio esta minha afirmação no conhecimento que tenho dos trabalhadores do norte através dos soldados que nas unidades do sul travam, em muitos sítios, ao lado dos trabalhadores alentejanos, a batalha da Reforma Agrária.

CONVICÇÕES ABALADAS

O capitão Andrade e Silva é uma figura controversa. De certo modo polémica. Até pelo seu temperamento. Para os partidos políticos burgueses adquiriu o estatuto de «Persona non grata». Certos grupos esquerdizantes tentam aproveitar-se dele. Outros aceitam-no com reservas. As actuações directas, sem sinuosidades, assustam os estrategos. No entanto, reconhecem que as suas posições de esquerda são irreversíveis. No meio de tudo isto são os trabalhadores aqueles que melhor entendem a sua linguagem. Uma linguagem rude, verdadeira.

«Naturalmente devo ser uma figura controversa, atendendo a que não afino o meu passo pelos compêndios, mas sim pela luta concreta que os trabalhadores desenrolam. Acerto o meu passo pelo deles. E isso nem sempre é muito ortodoxo. Considero que todas as forças revolucionárias têm um papel importante a desempenhar na revolução. Acho que se devia fazer uma ampla frente revolucionária de esquerda onde exista uma unidade efectiva, porque de outra maneira a nossa Revolução corre graves riscos. Os partidos de esquerda deviam ter por norma a crítica e a autocrítica.»

. Vamos falar do homem que foi Andrade e Silva. Do que ele é neste momento. Entre o jovem aluno da Academia Militar, recém-chegado da Madeira, terra onde nasceu, e o homem que temos na nossa frente vai uma enorme distância. Uma exacta distância.

Filho de militar, educado segundo princípios rígidos (e falsos), católico praticante, filiado na Mocidade Portuguesa com uma certa convicção, inicia a aprendizagem de uma carreira que escolheu...

«Vinha da minha terra onde apenas chegavam os ecos da política oficial. Escolhi a tropa porque era filho de um militar honesto e nele via o reflexo da carreira que escolhi de livre vontade. Por outro lado, gostava da vida dinâmica, do contacto com a natureza. E também de comandar. Julgava, ingenuamente, que a tropa era um mundo de liberdade. Sempre detestei estar fechado em salas. Praticava campismo...

Andrade e Silva relata, com o ar mais natural do Mundo, com aquele sorriso de carácter permanente, as ilusões, os horizontes que marcaram a sua vida de adolescente.

«Gosto do combate, da luta. Sempre arranjei problemas nos lugares onde passei. Sou bastante irreverente, ainda hoje. Sempre tentei vencer os meios onde me encontro. No primeiro ano em que entrei para a Academia, nem sequer tive tempo de pensar. Só de sofrer... Mais tarde conheci pessoas politizadas com quem tive discussões. Porém quando saí da Academia já trazia as minhas convicções um pouco abaladas. Fui educado nos princípios da hierarquia, da autoridade. Estava convencido que os chefes que a nação tinha eram homens honestos. Até li um livro de Marcelo Caetano intitulado «A missão de um dirigente» em que expunha conceitos que, na altura, me pareciam correctos. Eu defendia os princípios: «Deus, pátria e família»...

Portanto os pilares do fascismo. Os conceitos teóricos em que o fascismo se apoia...

«Sim, mas de uma forma inconsciente. Tinha aprendido isso por educação... Acreditei neles até ter prova em contrário. Na Escola Prática de Artilharia, em Vendas Novas, havia um curso de Auxiliares e depressa me apercebi que apenas tinham acesso a esse curso os filhos de juízes, de capitalistas, de gente «bem». Começo a ver que havia uma corrupção que eu desconhecia. Em África descobri a escravaturas a que os negros estavam submetidos e pensei que se estivesse no lugar deles também pegaria em armas para lutar contra os opressores».

E depois?

«Aderi ao Movimento dos capitães. Participei da primeira à última reunião...»

Que espécie de militar é você, actualmente?

«Como comandante de tropa e instrutor, sou muito exigente, sobretudo no respeitante a disciplina operacional e preparação física. Penso que a nossa revolução precisa de um exército bem preparado para estar em condições de a defender. Nas minhas relações normais sempre convivi com os soldados. Com a maior naturalidade. Nem sequer tive de arranjar formas sofisticadas de convívio.»

. O capitão é mesmo assim. Um homem que facilmente se percebe. E com quem facilmente se convive. Que o digam os camponeses...

Pelo dr. António Hespanha

tado — nomeadamente perante o Ministério e perante a Contabilidade Pública — do decurso de vida pedagógica, administrativa e financeira da Escola.

Nem isso sempre se conseguiu. E não se conseguiu porque poucos foram os que apoiaram a legalidade. Mesmo as organizações ligadas a **partidos com responsabilidade no Governo** passaram a ser — a partir de certa altura (a partir da altura em que o M.E.I.C. foi identificado como «social-fascista»...) — os naturais aliados de todos os que deitavam o decreto da gestão para o caixote do lixo que elegiam os Conselhos Directivos em votações de braço no ar, que elegiam para estes Conselhos «estudantes do 1.º ano», que, em poucas palavras, se borrifavam para as directivas do Ministério. Sim, estou a referir-me àqueles mesmos partidos que hoje apelam para a «ordem e disciplina» e que se referem agora, muito escandalizados, ao caos universitário que o V Governo (porquê o V, se foi um Governo de férias?...) deixou de herança. Que belo «livro branco» se faria com documentos que para aí há!...

Por outro lado, o ensino universitário não é ainda sentido como um problema nacional pela generalidade dos portugueses, o que não é de estranhar, porque a generalidade dos portugueses não tem ligação nenhuma com a universidade, a não ser — talvez — a de sempre na vida ter sido pontapeado pelos universitários. E agora, ao ouvirem falar de problemas universitários encolhem os ombros e pensam que «quem outrora lhe comeu a carne que lhe roa agora os ossos». E assim, os (II, III, IV e V) Governos tiveram (tiveram que ter, fizeram-nos ter...) consciência disto: a marcha da revolução, no sector universitário, sempre foi um efeito determinado e nunca um factor determinante; foi condicionada por tudo e nunca pôde condicionar nada. Se se pensava tomar uma decisão mais inovadora, mais ousada ou mais enérgica, sempre se tinha que pensar na «conjuntura geral do País», e, ou porque a Rádio Renascença estava ocupada, ou porque estava em vias de ser desocupada, ou porque o Raul Rego fora expulso da «República», ou porque a «República» estava para ser expulsa pelo Raul Rego, ou porque se estava na campanha eleitoral, ou porque já não se estava em campanha eleitoral, a resposta foi muitas vezes a mesma: «guardem isso para outra altura, porque agora não é oportuno».

E assim, medidas decisivas que estavam prontas desde Março e Abril aguardaram na gaveta a oportunidade que só o V Governo lhes concedeu. Entretanto, e até lá no Ministério, fomos engulindo sapos vivos, enquanto que outros — menos felizes — iam sofrendo nas escolas vexames bem piores, que chegavam à agressão física. O seu crime era, geralmente, o de apoiar — lealmente e sem compromissos ideológicos ou políticos de espécie alguma — a equipa do Ministério; escola houve essa mesma em que o Centro de Cálculo (incluído computador) esteve paralisado durante uma semana para reunião permanente de trabalhadores — em que funcionários que necessitavam de se deslocar a Lisboa para reuniões de trabalho (técnico) na Direcção-Geral tinham que justificar a falta com atestado médico, não fosse descobrir-se que... tinham estado no M.E.I.C. Enfim, a luta antiburocrática, anticentralista e anti-sectária (em que embarcaram, repito, muitos dos actuais defensores da «ordem e disciplina»), tem razões que a razão desconhece...

A GESTÃO SOCIALISTA DA ESCOLA

Entretanto a Revolução ia avançando. Susteve-se o 11 de Março, fizeram-se as nacionalizações exigidas pela defesa da Revolução, encetou-se a reforma agrária, o Povo votou de forma concludente no «socialismo marxista» contido nas propostas programáticas do P.S., do P.C.P. e de outros agrupamentos de esquerda, instituiu-se o poder popular. Vasco Gonçalves, à frente do Governo era uma garantia do curso revolucionário (e parece que o vai sendo cada vez para mais...) e, nomeadamente nas suas intervenções do Porto, do Sabugo e na intervenção televisionada de 21 de Novembro, nunca deixou de colocar o problema universitário nos termos, a meu ver, mais correctos dentro de uma perspectiva revolucionária: **A Universidade não é uma república de sábios, mas antes o instrumento de um povo a caminho do Socialismo**, povo, que, por isso, deve ter a última palavra na condução da política universitária. E disse: «Os estudantes devem ser eles próprios a ter brio e honra nos conhecimentos que aprendem na Universidade, devem ter consciência de que são também trabalhadores e quando estão na Universidade a trabalhar, o povo aguarda que eles saiam cá para fora homens competentes e capazes... Aprovámos decretos sobre a gestão na Universidade e das escolas que são dos mais democráticos da Europa e que têm em consideração a participação dos estudantes e dos professores; mas esses decretos são para gente capaz, para gente consciente, para gente sensata» (Sabugo, 21 de Fevereiro).

Foi esta linha de pensamento — que orientava também os responsáveis pelo Ministério — que obteve tradução no decreto do Conselho da Revolução citado a princípio, aprovado quase contemporaneamente com o P.A.P. (onde se instituía o poder popular) e, que está para a fase socialista da nossa revolução como o decreto 806/74 estava para a sua fase democrática.

A partir de então, o princípio da «gestão socialista da escola» estava estabelecido; do que se trataria, agora, era de através da reforma do estatuto universitário, já em preparação adiantada — lhe dar execução progressiva, tarefa que põe, de resto, problemas técnicos difíceis, como seja o da identificação, em concreto, dos órgãos sindicais, profissionais, regionais e de poder popular que devem estar presentes a cada nível da administração universitária. Há, todavia, exemplos estrangeiros, tão diversos como os da Jugoslávia, da Argélia ou da Suécia, a que se pode lançar mão.

Deste modo, os trabalhadores — se não estão ainda nos bancos da escola superior — poderão passar, a breve trecho a participar no seu governo. E isto, não numa perspectiva reformista e de integração de classes, como na Suécia, mas numa perspectiva revolucionária que ultrapasse a estreme (meritocracia) dos professores, por um lado, e o voluntarismo a-científico do «poder estudantil», por outro.

Claro que o anúncio de «Sindicatos no governo das Universidades» (tal era a «caixa alta» de «Diário de Lisboa» ao anunciar o decreto do Conselho Superior da Revolução) assustou muita gente. Já não falo dos que são, por ideologia, contra a construção do poder dos trabalhadores. Não falo também — é quase indecente referi-lo... — de organizações juvenis de partidos que se dizem «Dos trabalhadores» que reagiram a esta medida considerando-a reaccionária e comparando a presença dos trabalhadores nas Universidades com a presença nestas dos... «gorilas» de antes de 25 de Abril. Refiro-me, isso sim, aos que temem que assim se instaure o predomínio dos ineptos e dos ignaros. Sobre isto muito haveria que dizer, mesmo em relação à discussão fundamental sobre o que é a inaptidão ou a ignorância. Mas, mais limitadamente, bastará esclarecer que o papel dos trabalhadores num Conselho Universitário não é, evidentemente, a direcção técnica ou a discussão detalhada da vida pedagógica ou administrativa da Escola, mas sim a sensibilização da assembleia para a problemática política global que deve estar por detrás da equacionação da política sectorial e da resolução dos problemas miúdos.

Estrangeiro

BRASIL: A "DESNACIONALIZAÇÃO" DO PETRÓLEO

CHARLES VANHECKE

RIO DE JANEIRO — As companhias petrolíferas estrangeiras podem de futuro fazer a prospecção do subsolo brasileiro, anunciou a 9 de Outubro o presidente Ernesto Geisel, num discurso televisionado. Esta decisão, tomada após um ano de debates, vai criar agitação em certos meios políticos e militares. Na verdade ela é contrária a um dos tabus do nacionalismo brasileiro: a lei de 1953 que tornara a prospecção e a produção petrolíferas monopólio do Estado. O presidente Geisel afirma que uma tal medida não afectará em nada o monopólio: a companhia de Estado Petrobras é que delimitará as zonas abertas ao capital estrangeiro, e fixará o nivel dos investimentos tal como os prazos de exploração. Mas os adversários ao projecto já declararam que não tinham ilusões: o monopólio será sem dúvida abandonado.

Esta decisão, que custa caro ao orgulho nacional, foi tomada, e o presidente explicou-a longamente, com as crescentes dificuldades financeiras do Brasil. A alocução de 9 de Outubro foi consagrada na sua maior parte a uma exposição de tais dificuldades. Desde que os preços do petróleo aumentaram que o Brasil perde mais dólares do que ganha no seu comércio com o estrangeiro. Este ano, o «deficit» da balança comercial situar-se-á entre 3 e 4 biliões de dólares. A dívida externa é de 21 biliões de dólares, o montante das reservas oscila entre 3 e 4 biliões, e a capacidade de exportação é de 8 a 9 biliões.

O Governo achou que era altura de deter a sangria de divisas, e adoptou algumas medidas que não são, em todo o caso, draconianas.

No entanto, as compras de petróleo vão custar-lhe este ano 3 biliões e 200 milhões de dólares. Pode custar-lhe 300 milhões a mais no ano próximo, após o último aumento fixado pela O. P. E. P. Nem por isso o Governo se resolve ao racionamento. O general Geisel considera a medida dificilmente aplicável: **Como somos os únicos no mundo a aplicá-la, a nossa imagem ficará prejudicada no exterior.**

Prevê-se que o consumo seja reduzido em pouco tempo, por fortes aumentos de preço. A meio termo, pela adição de álcool (na proporção de 20 por cento) ao carburante vendido nas bombas de gasolina. Para reduzir ao máximo o «deficit» da balança comercial, disse o presidente, será feito um corte nas importações: através da restrição de compras, de um aumento de tarifas alfandegárias (100 por cento pelos bens supérfluos, 30 por cento por certos bens intermediários) e da preferência dada aos que são fabricados no país.

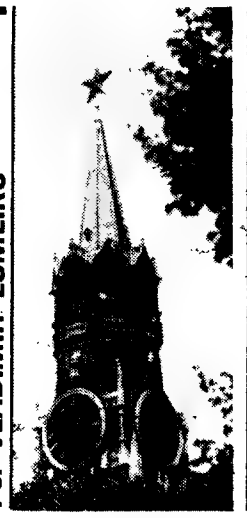
O plano de austeridade anunciado peio presidente parece pois bastante fraco. O objectivo é de aliviar a balança dos pagamentos, sem refrear o crescimento, mesmo que o Governo reconheça que a percentagem de 10 por cento ao ano obtido nestes últimos anos, está agora fora de alcance. Foi depois de ter evocado as restrições previstas para 1976 e 77 que o chefe do Estado indicou que era tempo de dar ao país **novas possibilidades** para a exploração do seu petróleo. Há, com efeito, disse ele, uma desproporção entre as possibilidades financeiras e técnicas do país e a imensidade da zona a ser prospectada, e que é sobretudo submarina. Segundo o general Geisel, a única solução consiste em apelar para as empresas estrangeiras. A fórmula projectada é a dos **contratos com risco**. As companhias contratantes não são indemnizadas no caso de as buscas não darem nada. Se, pelo contrário, encontrarem petróleo o general Geisel diz que elas terão **certas vantagens.**

É precisamente à volta dessas vantagens que se situam os debates destes últimos meses. Os partidários do monopólio aceitam muito bem um pagamento em dinheiro, mas não em petróleo. Qual será a fórmula adoptada? O presidente então respondeu, o que dá a entender que o pagamento se fará em petróleo. Para mais, ele próprio reconhece que o apelo ao capital estrangeiro não permitirá aumentar a produção petrolífera durante o último decénio. Não permitirá pois ajudar no imediato as finanças externas do país.

Tudo isto irrita os que se opõem ao projecto e que têm uma opinião sobre as verdadeiras razões da iniciativa governamental: dadas as suas dívidas sempre crescentes, o Brasil é hoje obrigado, dizem, a dar o seu petróleo às companhias estrangeiras, para comprar a confiança dos seus credores internacionais.

CORRESPONDÊNCIA DE MOSCOVO

Por VLADIMIR LOMEIKO



Entrevista que Sakharov podia ter dado

Lê-se na declaração da comissão Nobel sobre a atribuição do Prémio Nobel da Paz de 1975: «Os esforços pessoais e corajosos de Sakhárov na luta pela causa da paz são um poderosos estímulo para todos os que se esforçam para estabelecer um clima de paz em todo o mundo».

Tendo tido notícia da atribuição do Prémio Nobel a Skharov, tentei telefonrar para Jukovka, localidade a 30 quilómetros de Moscovo, onde se encontra hospedado. Ninguém respondeu, provavelmente porque a sua esposa, que o costuma proteger contra os jornalistas, se encontra actualmente em Itália. Esta a razão pela qual a presente entrevista se compõe das minhas perguntas e das respectivas respostas dadas por Sakhárov, publicadas na imprensa ocidental.

Qual a sua opinião sobre o desanuviamento que se está a preparar em todo o mundo?

. «O desanuviamento é um sério perigo para a paz, na sua globalidade, respondeu, tendo sublinhado qué esta sua opinião havia já sido publicada pelo «New York Times» de 4 de Novembro de 1973. «Os países ocidentais arriscam-se a encontrarem-se frente a uma União Soviética armada até aos dentes, caso aceitem a coexistência pacífica nas condições proposta pelo Kremlin», declarou, desenvolvendo uma pareciação formulada em Agosto de 1973 face a diversos correspondentes estrangeiros.

— **Qual a sua atitude para a conferência sobre a segurança e cooperação na Europa, que acaba de se efectuar em Helsínquia?**

. «Expressei já uma opinião negativa sobre tal facto no meu ensaio «O meu país e o mundo». Aliás, se você escutar a BBC, ele foi objecto de uma emissão em russo, transmitida a 26 de Agosto, às 17,45h.»

— **Na sua opinião, qual a contribuição que a vitória dos povos do Vietname trouxe para a causa da paz?**

. «Trata-se de um recuo perante o comunismo», declarou categoricamente, remetendo-nos de novo para o seu ensaio onde este ponto de vista se encontra mais pormenorizado.

— **Lê-se na decisão da comissão Nobel que «o fim da sua luta é a desmilitarização, a democratização em todos os países e a aceleração do progresso social». A este respeito, o que pensa sobre a Revolução em Portugal?**

. «Tal como a vitória da Frente de Libertação Nacional no Vietname, a Revolução em Portugal constitui um recuo perante o comunismo.»

— **A revista dos emigrantes russos «Possev» escreveu no artigo «Sakhárov em luta pela paz» que as suas ideias são, para a humanidade, de um valor inestimável. Numerosos são os que, no Ocidente, destacam o seu papel na luta pela defesa dos direitos do homem. Sob esta óptica, como encara os acontecimentos ocorridos no Chile: o assassinato de um presidente eleito por via legal, a proibição dos partidos comunista e socialista, as prisões e execuções em massa praticadas pela junta fascista?**

. «O Chile fica demasiado longe, por isso não posso expressar a minha atitude pessoal. No entanto, na altura solicitei à Junta que libertasse o poeta Pablo Neruda, escrevendo na carta que enderecei a Pinochet: «A perda deste grande homem ensombraria por muito tempo a época de renascimento pretendida e proclamada pelo vosso Governo.

— **Existe, na sua opinião, alguma relação entre a luta que trava a nível mundial pelos seus ideiais e a atribuição que lhe foi feita do Prémio Nobel, ou a causa principal dessa atribuição estará no desejo de certas forças ocidentais refrearem o processo de desanuviamento internacional, desencadeando em torno de si uma campanha política, baseada nas suas simpatias pró-ocidentais e na sua crítica ao socialismo?**

. «Quanto ao perigo do desanuviamento, já expressei a minha opinião. No que respeita ao socialismo, tomo em face dele uma posição geralmente céptica. Não acho que ele tenha trazido o que quer que seja de novo no plano teórico, ou criado um regime social melhor. O «New York Times» e outros jornais referiram já por diversas vezes as minhas apreciações a este respeito.

. **Uma última questão. Se a maioria da comissão norueguesa não tivesse apoiado a sua candidatura, que possibilidades existiriam, na sua opinião de o Prémio Nobel ser atribuído a Hans Oster, coronel bem conhecido da Alemanha nazi?**

. Infelizmente, a última pergunta não obteve resposta. Até ver.

ÍNDIA

REFORMA PARA MELHORAR A SORTE DOS ANTIGOS INTOCÁVEIS

Por JEAN DE LA GUÉRIVIÈRE

NOVA DELI — Entre as reformas que a senhora Gandhi quer realizar durante o estado de emergência a que diz respeito aos antigos intocáveis, hoje chamados na India harijans, os «filhos de Deus» fórmula lançada por Gandhi tem um lugar importante, o julgar pelas declarações e decisões dos últimos dias.

A intocabilidade, que os ingleses tinham tolerado, foi suprimida na India independente pelo Intouchability Act de 1955. Cento e cinquenta e um parlamentares indianos são antigos intocáveis; é o caso do actual ministro da agricultura, Jagjivan Ram. A constituição comporta disposições especiais a favor das cartas inferiores — as **scheluded castes** acerca das quais há textos anexos na lei fundamental, — assim como das populações tribais.

Pensa-se hoje que só os harijans sejam oitenta milhões, e que as populações tribais contem quarenta milhões de pessoas. Metade dos intocáveis tem um rendimento mensal inferior a quinhentos escudos. A percentagem de alfabetização é entre eles de 15 por cento, ao passo que na totalidade do país é de 32 por cento.

Para essas massas deserdadas, trata-se periodicamente de aumentar bolsas de estudo, de acelerar a distribuição de terras (em geral 1/2 hectar por família) e de construir casas baratas. Em alguns Estados (no Kenala, no Tamil-Nadu, no Gondjerat) obtiveram-se bons resultados.

Mas no plano nacional, o que se fez até agora é muito pouco.

A principal disposição a favor dos harijans é o **reservation system**, que lhes atribui uma percentagem fixa de empregos administrativos, muitas vezes no mais baixo escalão da hierarquia: varredores, mandaretes. Um comité especial presidido por Indira Gandhi decidiu a 17 de Setembro aumentar esses empregos.

Este sistema suscita certo descontentamento nas outras castas. O desemprego é grave, na India, e os lugares de funcionário, mesmo modesto, são muito procurados. Já houve mesmo quem apresentasse falsos certificados em que se dizia pertencer às **scheduled castes**, para conseguir emprego.

Critica-se o facto de um harijan poder ser contratado ou promovido a um escalão superior, sem para tal fazer exame. Os jornais publicam muitas vezes cartas de leitores em que estes protestam contra esse **privilégios dos oprimidos.** O Supremo Tribunal acaba, no entanto, de declarar constitucionais as medidas tomadas em favor dos funcionários harijans no Estado do Kenala. Foi lançada também uma campanha a favor da promoção social dos antigos intocáveis. Num anúncio para hospedarias do ar publicado nos jornais, a Companhia Air India escreve que **será dada preferência às candidatas das scheduled castes.** (Mas entre as qualidades fisicas exigidas no anúncio, trata-se de **tez clara**, o que é bastante raro nas castas inferiores). Seis Estados decidiram há alguns dias aumentar as **bolsas para instalação** que já concediam aos recém-casados pertencentes a castas diferentes.

Durante as horas de trabalho, nas empresas ou administrações de Nova Delpi, é muito difícil a um estrangeiro distinguir um antigo intocável de outro cidadão qualquer. Mas basta observar o que se passa nas paragens de autocarro ao fim da tarde, para os identificar. Numerosos harijans, às vezes bem vestidos, dirigem-se para «ilhas» formadas de palhotas, verdadeiras réplicas das aldeias de onde são naturais, «ilhas» essas que, situadas entre os bairros residenciais, dão um aspecto muito característico às grandes cidades indianas.

A maior parte dos harijans ainda vive nos campos onde o habitat continua a ser muito condicionado pelo «sistema» das castas. Há aldeias de antigos intocáveis onde eles ainda se encontram isolados dos outros habitentes. Painéis à entrada de certas localidades indicam que todos os habitantes podem utilizar a água da comuna. Mas há por vezes querelas por causa de poços, entre os harijans e o resto da população, que não quer que a sua água seja «suja».

DÍVIDAS E PROSTITUIÇÃO

Camponeses sem terra, os harijans vivem o dia que passa. Um estudo publicado em Julho indica que 65 por cento deles têm dívidas. Em 70 por cento dos casos, os empréstimos não são feitos num banco mas no usurário local, que é proprietário de terras ou comerciante. A dívida contraída por um marido sem possibilidades de a pagar, é por vezes reembolsada com os ganhos da mulher ou a prostituição da filha. Um dos principais quotidianos indianos, o **Hindustan Times**, escrevia recentemente, servindo-se de um inquérito feito pelo Uttar Pradesh: **As casas de prostituição de Delhi têm um stock» sempre renovado de jovens. Essas mulheres pertencem a maior parte das vezes a famílias de harijans, e voltam a casa ao fim de três ou quatro anos. Foram vendidas pelos maridos, geralmente porque estes tinham dívidas. Há predisposições sociológicas que explicam a prostituição nas famílias de harijans. Aldeias de Uttar Pradesh ainda vivem num sistema de proliandria. Um harijan não pode dar-se ao luxo de ter uma mulher só para si. É admitido que quando a família tem dificuldades a solução reside na prostituição das mulheres.**

Trata-se evidentemente de casos limite e não de práticas generalizadas na India, onde a prostituição é a maior parte das vezes clandestina.

Alguns Estados já proibiram o empréstimo a percentagem de usura. Mas os usurários não hesitam em utilizar a intimidação. Não têm conta os harijans sovados, por vezes mortalmente, pelos gorilas dos credores. Estes casos juntam-se às lutas entre harijans e membros das outras comunidades. Quando há lutas entre vizinhos, as habitações dos harijans são muitas vezes queimadas.

Em 1974, em Uttan Pradesh, foram objecto de instrução judiciária cinco mil oitocentos e cinquenta e oito casos de «atrocidades» contra os harijans. Este ano, o número de crimes e delitos cujas vitimas são antigos intocáveis aumentou por toda a India em proporções alarmantes. A 23 de Setembro, o Governo decidiu colocar forças especiais de policia nas regiões mais afectadas.

As autoridades responsáveis atribuem a recrudescência do ódio entre castas ao facto de **graças às medidas tomadas pelo Governo, os harijans terem menos medo e começarem a ter mais confiança em si próprios.** Com efeito, parece que os jovens harijans já não aceitam tão facilmente como os velhos a sua «maldição» Em certos casos a iniciativa da violência partiu deles, após incidentes sem grande importância. De vez em quando fala-se de bandos que se dizem naxalitas ou de uma organização de «panteras» que tomou por modelo a revolta dos Black Panthers americanos.

De momento trata-se de movimentos marginais. Mas a senhora Gandhi parece convencida que é tempo de dar maior rapidez ao seu lento reformismo.

C. LE MONDE

Estrangeiro

MARROCOS INSISTE:

A marcha sobre o Sahara não é uma invasão

NAÇÕES UNIDAS (NOVA IORQUE, 20 — (ANOP e R) — Marrocos insistiu ontem em que a sua planeada marcha «pacífica» de 350.000 marroquinos para o vizinho Saara Ocidental nao deve ser considerada como invasão daquele território, administrado pela Espanha.

Marrocos divulgou o texto de uma carta enviada ao Conselho de Segurrança das Nações Unidas protestando contra a terminologia utilizada pela Espanha no seu apelo ao Conselho.

No seu pedido de acção para evitar a marcha, a Espanha afirma que a anunciada «invasão» cria «uma situação de fricção internacional que faz perigar a paz e segurança internacionais».

O enviado de Marrocos na ONU Drisse Slaoui, protesta contra o uso da palavra «invasão», classificando-o de perversão dos factos, que demonstra a política espanhola de «perverter a natureza das reivindicações marroquinas e das métodos pacíficos que Marrocos sempre preferiu utilizar.

Driss Slaoui afirma que o rei Hassan planeia «uma marcha de cidadãos civis desarmados, homens e mulheres, que receberam instruções para não responder a qualquer ataque dos militares espanhois, deste modo responsabilizando plenamente o Governo de Madrid pelas suas reacções».

O Conselho reune-se hoje em resposta ao pedido espanhol.

Entretanto, o presidente da Assembleia Nacional do Sara Ocidental uma espécie de representação popular do território administrado pela Espanha, anunciou já publicamente que os seus compatriotas marcharão tambem em direcção à fronteira com o Estado vizinho de Marrocos, a fim de defender o seu país, caso os marroquinos intentem prosseguir com o seu plano.

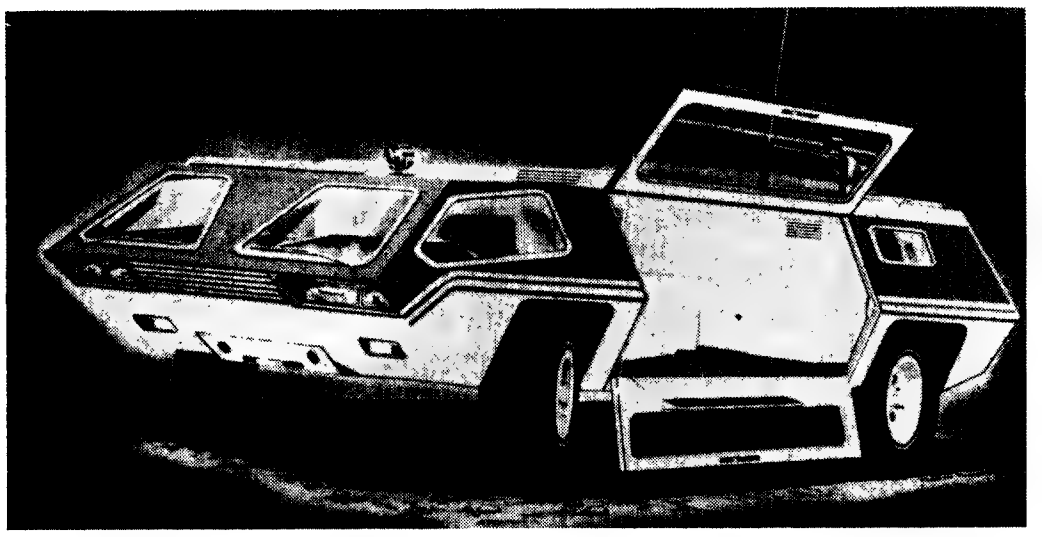
Numa entrevista concedida à agência noticiosa espanhola Europa Press, o presidente da Assembleia do Sara, Yatri Uld, declarou que a população lhe tinha pedido para interceder junto das autoridades espanholas no sentido de obter armas para defender a fronteira contra Marrocos», o único inimigo do povo sariano».

A decisão dos juizes do tribunal internacional de justiça, embora reconhecendo laços entre Marrocos e algumas tribus do Sara, é favorável à realização de um plebiscito.

Tal plebiscito, segundo opinião de muitos observadores políticos, mostrar-se-ia desfavorável às pretensões das autoridades de Rabat, já que sondagens indicam que a população do Sara Ocidental optaria de preferencia pela independência, não desejando perder a sua identidade política ao tornar-se marroquina.

Por seu lado, a Espanha entende que não pode continuar a manter a sua última colónia africana, pelo que a independência formal resultante de um referendo é vista pelas autoridades de Madrid, como a única via para assegurar os interesses políticos e económicos da Espanha naquele território da costa ocidental africana, escassamente povoado e rico em fosfatos.

Visto que o território não dispõe do pessoal técnico e administrativo necessário, à governação do país, aquele deveria se fornecido pela Espanha — comentam os observadores.



O automóvel mais caro do Mundo vai ser construído em Inglaterra para o dirigente de um país árabe rico em petróleo. O veículo custará cerca de 3600 contos e será à prova de bala. Além disso, terá uma metralhadora montada no tejadilho. Mas interiormente, haverá todas as comodidades para seis passageiros, desde ar condicionado até TV e bar. Um compartimento à retaguarda abrigará guarda-costa, dispondo ainda o carro de equipamento de raios infra-vermelhos, para a condução nocturna

VIAGEM A PRETÓRIA

Ian Smith tenta resolver a disputa còm Vorster

PRETÓRIA, 20 — (R.) — O primeiro-ministro rodeisano, Ian Smith, chegou hoje a Pretória para tentar resolver uma disputa com o seu homólogo sul-africano John Vorster, o único grande aliado que tem no mundo.

Fontes bem informadas de Pretória, disseram que Smith receberá a maior repreensão da sua carreira política pelas observações que fez acerca das iniciativas da África do Sul para conseguir um desanuviamento numa entrevista transmitida, há uma semana nas televisões britânica e rodesiana.

As relações entre os dois últimos Governos brancos da África Austral, já tensas devido à retirada pela África do Sul das suas unidades de Polícia Paramilitar da Rodésia, onde estavam empenhadas em operações contra guerrilheiros ficaram mais azedas devido a essas observações.

Smith declarou na entrevista que Vorster e outros dirigentes sul-africanos tinham estragado as hipóteses da Rodésia de chegar, em breve, a um acordo constitucional com o Conselho Nacional Africano (CNA).

As suas observações incluiram o comentário: «Vou tão longe como afirmar que creio que se esta nova iniciativa não fosse tomada por Vorster e pelos quatro presidentes do norte (negros africanos), teria chegado já a um acordo».

Ao fazer esse comentário e ao acusar posteriormente, jornais de distorcerem o significado das suas palavras, Smith indignou todo o Gabinete sul-africano e causou dores de cabeça a muitos dos seus próprios partidários na Rodésia.

As mesmas fontes de Pretória notaram que Vorster rejeitara a afirmação de Smith de que as suas observações foram mal interpretadas e ordenara virtualmente ao primeiro-ministro rodesiano para vir a esta cidade e apresentar uma explicação.

Anunciou-se que alguns ministros sul-africanos exigem uma retratação pública de Smith e foi mesmo feita a sugestão de que quaisquer futuras iniciativas de Pretória para se conseguir uma solução do problema da Rodésia não deveriam ser comunicadas ao dirigente rodesiano.

Espera-se que, como preço por indignar o seu poderoso aliado, seja pedido a Smith para iniciar imediatamente conversações sobre o futuro da Rodésia com a faccão de Joshua Nkomo, do dividido CNA.

Nkomo, eleito recentemente presidente do CNA por uma facção do partido cuja força principal se encontra dentro da Rodésia, exige um Governo de maioria negra, a ser constituido imediatamente, como condição prévia para conversações com o Governo rodesiano sobre a disputa constitucional, que dura há dez anos.

Julga-se, porém, em Pretória, que Nkomo é considerado como um chefe aceitável dos negros da Rodésia, tanto por Vorster como pelo presidente Kenneth Kaunda da Zâmbia, que tem mostrado tambem um vivo interesse por ver resolvida a crise rodesiana.

MISSÃO EM PEQUIM

Kissinger iniciou conversações com dirigentes chineses

PEQUIM, 20 — (R) — O secretario de Estado americano, Henry Kissinger, iniciou hoje conversações com dirigentes chineses no Grande Palácio, do Povo de Pequim.

Kissinger chegou ontem numa missão de quatro dias cujo objectivo principal é combinar a agenda para a visita a efectuar ainda este ano à China pelo presidente Gerald Ford.

Espera-se que as conversações incluam um demorado estudo da situação internacional, especialmente no Sueste da Ásia, a seguir às vitórias comunistas no Camboja e no Vietname.

O lado chines é chefiado pelo vice-primeiro-ministro Teng Hsiao-Ping, que assumiu muitos dos deveres do primeiro-ministro Chu En-Lai, que se encontra doente, e é geralmente considerado como o seu sucessor lógico.

O ministro dos Negócios Estrangeiros, Chiao Kuan-Hua, e dois subsecretários dessa pasta assistem também às discussões, o que sublinha a importância com que Pequim as encara.

Ontem, à noite, discursando num banquete em sua homenagem no Grande Palácio do Povo, Kissinger declarou enfaticamente que os Estados Unidos ligavam a maior importância às suas relações com a China.

O ministro chinês, dos Negócios Estrangeiros, Chiao Kuan-Hua, disse no seu discurso: «No seu todo, as relações sino-americanas progrediram nos últimos anos». Embora existam diferenças essenciais, os povos americano e chinês esperam que relações bilaterais possam continuar a melhorar.

Contudo, o discurso de Chiao continha implicitamente críticas ao papel de Kissinger como arquitecto do desanuviamento entre o Leste e o Oeste. «A verdade nua e crua não é de que o desanuviamento atingiu uma nova fase, mas a de que aumenta o perigo de uma nova guerra mundial. Não acreditamos que haja uma paz duradoura» — acrescentou Chiao.

Durante o banquete, o vice-primeiro-ministro Teng sublinhou ter passado ontem o quadragésimo aniversário da épica longa marcha do Exército Vermelho de Mão Tsé-Tung.

Aludindo às oito viagens que o chefe da diplomacia americana fez a Pequim, Teng acrescentou: «Espero que a longa marcha que tendes feito terá também um 19 de Outubro».

A comitiva americana considerou a observação como um sinal de que os chineses esperam conversações úteis e frutuosas.

Os chineses ainda não revelaram se Kissinger será recebido pelo presidente Mao Tsé-Tung ou por Chu durante a sua visita. O primeiro-ministro chinês encontra-se muito doente para receber visitantes estrangeiros, desde 7 de Setembro, mas ao, de 81 anos, continua a encontrar-se com individualidades de destaque.

A China produz mais petróleo

NOVA IORQUE, 20 — (ANOP) — A revista norte-americana «Newsweek» escreve na sua edição de ontem que, dentro de duas décadas, a China tomará o seu lugar entre os primeiros produtores mundiais de petróleo, competindo directamente com a Arábia Saudita, o principal produtor de hoje.

Assim, a China deverá extrair ainda este ano cerca de 80 milhões de toneladas de petróleo em bruto, elevando a sua produção para cerca de 200 milhões de toneladas em 1980, e igualando a actual produção de petróleo da Arábia Saudita, mais de 400 milhões de toneladas anuais, em 1988 — conclui o estudo divulgado pela «Newsweek».

Explosões e tiroteio na capital libanesa

BEIRUTE, 20 — (ANOP/R) — Beirute foi abalada pelas explosões de granadas de morteiros e de foguetões quando a luta entre facções rivais recomeçou, mais uma vez, às primeiras horas de hoje.

Ouviam-se rajadas de metralhadora em toda a capital e, a certe altura, jovens, com altifalantes, percorreram as ruas a pedir aos habiatantes para abandonarem andares altos como medida de precaução.

Rádio Beirute informou, depois, que forças de segurança libanesas tinham intervindo na luta.

Cerca de 60 por cento da população muçulmana do Líbano protesta contra os privilégios que disfruta a minoria cristã, que detê postos-chave como a Presidência, o comando das Forças Armadas e uma maioria no Parlamento.

Caleidoscópio

■ MADRID, 20 — (R.) — A tensão voltou a agravar-se nas províncias bascas este fim-de-semana com a morte de um oficial da Polícia e um incidente na fronteira franco-espanhola.

Homens armados abateram com três tiros Lopez Trivino, de 48 anos, agente secreto da Guarda Civil, quando regressava a casa, na vila basca de Zarauz.

Horas antes, dois membros da Guarda Civil, em patrulha na margem ocidental do Bidassoa, perto da vila fronteiriça de Behovia, foram alvejados por disparos vindos do lado francês do rio, tendo um deles ficado ligeiramente ferido na perna.

■ LONDRES, 20 — (R.) — O «Financial Times» afirma hoje que ««coisas estranhas» aconteceram em Moscovo, durante a visita do presidente Giscard d'Estaing, da França.

Num editorial, esse jornal diz que havia algo que sugeria que a União Soviética estava a encorajar o Partido Comunista Francês para assumir uma atitude mais agressiva para com o Governo da França, o que poderia ter contribuído para a forma como o presidente Giscard d'Estaing foi tratado.

O periódico nota que, ao mesmo tempo, foi subitamente encurtada uma visita de altos funcionários soviéticos à República Federal Alemã.

«Não foram ainda detectados sinais insofismáveis de mudança da política soviética nem do aparecimento de um sucessor para ocupar o lugar de Brejnev. Contudo, o Ocidente nem sempre sabe dessas coisas senão quando elas acontecem» — conclui o «Financial Times».

■ LONDRES, 20 — (F. P.) — Dessapareceu a pasta «confidencial» da Scotland Yard contendo as conclusões dos inquéritos aos oito assaltos de que foi vítima o primeiro-ministro britânico Harold Wilson — revela hoje o «Daily Express», diário nacionaliista.

O jornal esclarece que o desaparecimento foi constatado depois da declaração na terça-feira de Harold Wilson na Câmara dos Comuns. O primeiro-ministro revelara que por oito vezes lhe roubaram documentos pessoais em diversos locais, mas sublinhou que em nenhum dos casos ficou em risco a segurança do Estado.

A Scotland Yard abriu um inquérito nos seus próprios serviços.

Espectáculos

POLÓNIA: O TEATRO E A CRÍTICA TRATADOS A SÉRIO — 1

Mesa-redonda com o crítico Roman Szydlowski

. Reunidos na Sociedade Portuguesa de Autores alguns críticos de teatro que puseram variadas questões ao crítico polaco Roman Szydlowski, Presidente da Associação Internacional de Críticos de Teatro. Roman Szydlowski esteve entre nós para participar nas reuniões da CISAC que se efectuaram em Lisboa por iniciativa da SPA. Participaram nessa mesa-redonda informal: Luís Francisco Rebelo (SPA), Maria Helena Dá Mesquita («A Capital»), Fernando Midões («Diário Popular»), Carlos Porto («Diário de Lisboa»), e, durante algum tempo, Urbano Tavares Rodrigues («O Século»). Eis alguns dos trechos com mais interesse que gravámos.

114 CRÍTICOS

Roman Szydlowski — A crítica teatral teve na Polónia um papel, digamos de jornalismo político, pois, como não podíamos escrever livremente sobre temas políticos, a crítica teatral desempenhava de certo modo esse papel. Actualmente, sentimo-nos, como críticos, responsáveis pela actividade teatral e por isso compete à crítica um papel assaz importante. Temos uma certa tradição de crítica. Entre as duas guerras mundiais tivemos um crítico eminente que era também um escritor bastante conhecido. Era um homem verdadeiramente notável que tinha uma grande autoridade em todo o País, e não apenas no sector teatral. Foi assassinado pelos nazis durante a guerra. Por isso, todos os anos atribuímos um prémio de crítica que tem o seu nome.

— Em que consiste esse prémio?

. R. S. — Um juri, formado por críticos, destaca aquilo que lhe parece ter sido mais importante no decorrer de uma temporada: uma interpretação, uma encenação, um cenário.

— Quantos críticos de teatro há na Polónia?

. R.S. — Neste momento somos 114 em todo o país; é claro que nem todos são suficientemente activos o que nos obriga, na Associação de Críticos, a exercer um certo estímulo nesse sentido. Há em Varsóvia, mais ou menos 40 ou 45 críticos e o resto espalhados pelo país pois temos uma descentralização da vida teatral que nos parece importante. Houve um tempo em que a vida teatral estava concentrada em Varsóvia e Cracóvia. Desde há 20 anos que a situação mudou e agora podemos descobrir espectáculos com interesse em toda a província. Acontece mesmo que os jovens encenadores preferem trabalhar na província pois aí têm mais possibilidades de experimentar e de descobrir novas formas teatrais. Pensamos que é nosso dever analisar esses trabalhos. No início da nossa Associação havia certa dificuldade em conseguir críticas desses espectáculos e, por isso, tomámos a iniciativa de organizar uma série de sessões em pequenas cidades. Assim, todos os meses reunimos 15 ou 20 pessoas que vão à província ver espectáculos que depois debatem nesses locais. Trata-se de uma das formas do nosso trabalho associativo.

O Prémio da Crítica é bastante apreciado exactamente por se destinar a uma criação teatral. E por ser apenas para um criador. Estamos também, desde há 15 anos, a dar prémios a críticos. Existem três prémios que dividimos por Varsóvia e pela província.

O público é influenciado pela crítica?

. R. S. — É conforme. Diz-se que há uma certa influência de críticas que têm autoridade. Também é de considerar a influência do próprio jornal.

A QUALIFICAÇÃO DOS CRITICOS

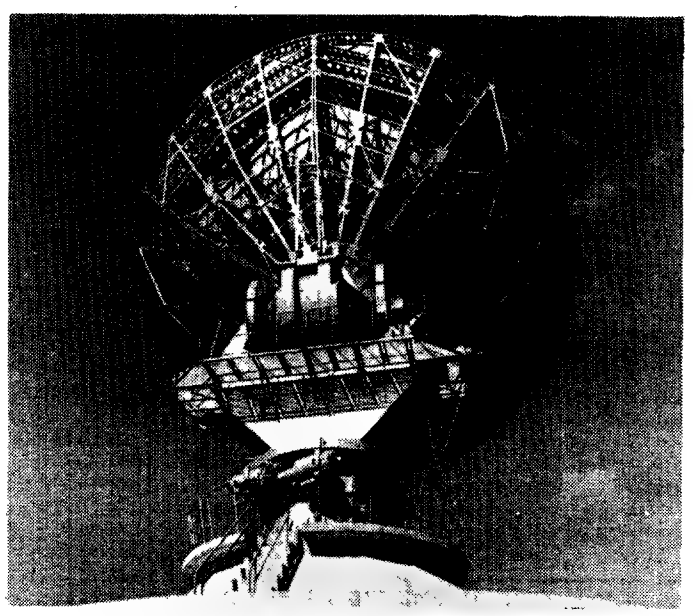
— Os críticos são qualificados para fazer o seu trabalho?

. R. S. — Trata-se de um problema de certa gravidade. Não há escolas para críticos e, por isso, a maior parte deles não têm nenhuma preparação especial. Fazem um curso de Letras ou de Direito e depois disso, por vezes, trabalham no teatro, e então começam a escrever. Este ano abriu, integrada na Escola de Teatro de Varsóvia, uma Faculdade de Ciência Teatral. Mas será possível formar escolarmente críticos? Um meu colega, que já morreu, fazia regularmente na União dos Escritores, um seminário para os críticos mais jovens com o qual obtinha muito êxito. Os críticos da geração que se situa entre nós e a geração mais recente foram na sua maioria formados por ele.

(Continua)

SERRAT E O REGIME ESPANHOL

. «Nenhum tipo de repressão me fará alterar a minha posição justa e honesta em relação ao actual regime espanhol», declarou Serrat na cidade do México, depois de saber que tinha sido expulso do Sindicato dos Artistas e poribido de actuar na Rádio e Tv do seu país.



RÁDIO E TV CUBANAS AO SERVIÇO DO POVO

Num artigo intitulado «O Sesenvolvimento da Radiodifusão em Cuba», divulgado pela Prensa Latina, Gregório Hernandez afirma que hoje, na pátria de Fidel, «a rádio e a televisão são meios que servem, não apenas para divertir, mas também para levar a educação e a cultura ao povo e criar nele sentimentos de solidariedade com toda a Humanidade».

Este objectivo, simples no seu enunciado, mas difícil de pôr em prática, foi alcançado em Cuba. O que nos faz pensar no que se passa em Portugal, onde se encerra uma estação de rádio que estava do lado dos trabalhadores e onde se pretende impor um controlo burguês aos órgãos de Informação. Mas, em Cuba, os objectivos da Revolução foram definidos há muito...

No primeiro país socialista da América, o Instituto Cubano de Radiodifusão e o Ministério das Comunicações estão do mesmo lado da barricada. Aqui...

Por exemplo: «em 1958 (escreve Gregório Hernandez) existiam em Cuba 156 trasmissores de radiodifusão por ondas médias, com uma potência de 348,1 kw, das quais 64 por cento estavam instaladas na província de Havana.

«Actualmente existem, no país, 108 transmissores de rádio com uma potência de 897,50 kw, ou seja, em comparação com 1958, apesar do número de emissores ser inferior, a capacidade instalada em potência aumentou 157,8 por cento e aumentou, na mesma proporção, a área de cobertura, que atingiu zonas, fundamentalmente no campo onde antes não chegava».

Mais: passou-se, no essencial, o mesmo com a TV. Isto porque «o triunfo da Revolução originou uma política de racionalização de trabalho, tanto em rádio como em televisão».

E que rádio, e que televisão é esta, que leva «a educação e a cultura ao povo» e lhe cria «sentimentos de solidariedade com toda a Humanidade»? Exactamente a mesma (melhorada, desenvolvida) que, antes, levava ao povo cubano um «imposição de preferências», quanto a artigos comerciais e a ideias (a)políticas, «deformando a realidade da grande diferença entre os estratos sociais, discriminação, formação de complexos em grupos populacionais, etc.»

. . Mas, em Cuba, a revolução escreve-se com «R» grande. Escreve-se Revolução.

Não sei, sequer, se alguém terá pensado, em Cuba, numa «via original» para o «socialismo»...

N. G. S.

A SEVERA

RUA DAS GÁVEAS, 51 — Tel.: 364006/328314

Ao comemorar hoje o seu 20.º ANIVERSÁRIO saúda todos os Clientes e Colaboradores

São artistas privativos:

ALICE MARIA ☆ MANUEL FERNANDES

MARIA DA FÉ

CARVALHINHO ☆ PROENÇA

conjunto de danças

MACEDO ☆ TININHA ☆ FERNANDO

ALMOÇE, JANTE E CEIE NA SEVERA

CRÍTICA DE CINEMA "OS CAFAGESTES", FINALMENTE...

LAURO ANTÓNIO

Título original: OS CAFAGESTES
Realização: Ruy Guerra, 1962 (Brasil)
Argumento: Miguel Torres e Ruy Guerra;
Fotografia: Toni Rabatoni;
Música: Luis Bonfá;
Intérpretes. Jece Valadão, Norma Benguel, Daniel Filho, Luci Carvalho, Glauce Rocha, etc.
Distribuição: Filmes Castello Lopes;
Estreia: Cinema Alvalade

Ruy Guerra nasceu em Lourenço Marques, a 22 de Agosto de 1931. Estudou em Portugal e em França (I.D.H.E.C.) e foi assistente de realização de homens como Georges Rouqier, Jean Dellanoy e Patrice Dally. Em 1958 parte para o Brasil, onde se radica durante alguns anos, sendo um dos percursores e impulsionadores do movimento do cinema novo, ao lado de Glauber Rocha, Nelson Pereira dos Santos, Joaquim Pedro de Andrade, Carlos Diegues e alguns mais.

Os principais filmes de Ruy Guerra eram já conhecidos do público mais atento da capital, aquele que teve oportunidade de assistir às sessões da **Semana de Cinema Brasileiro** efectuadas em 1971, durante a qual foram exibidos **Os Cafagestes**(1962) e **Os Deuses e os Mortos** (1970). Entretanto, já este ano, no **Universal**, estrear-se-ia. **OOs Fuzis**, filme que se encontra enquadrado cronologicamente entre as duas obras atrás citadas, datando de 1964.

Iniciando agora a sua distribuição normal no mercado português, **Os Cafagestes** documetam a importância histórica e sociológica que esta obra assumiu em 1962, numa altura em que do cinema brasileiro nada mais se conhecia internacionalmente que não fosse o exotismo de **O Pagador de Promessas** ou de **O Cangaceiro.**

Num país portanto quase sem cinema, Ruy Guerra veio abrir uma brecha na muralha, dirigindo um filme que assenta fundamentalmente sobre duas longas sequências e que se estriba no aproveitamento (inteligente e justificado) de duas constantes da mentalidade tropical, até ali quase ignoradas do público: a violência nas relações humanas e o erotismo como forma de fuga a uma participação activa na vida da sociedade. **«Os Cafagestes»** surge assim como um filme **escândalo** que provocará mais sucesso comercial do cinema brasileiro até essa altura. Sucesso que iria abrir as portas ao **Cinema Novo** e aos seus autores. Por isso mesmo se poderá considerar **«Os Cafagestes»** uma obra de alguma concessão num plano comercial. Concessão que porém se faz com muita austeridade de processo e com mais do que evidentes provas de inteligência e sensibilidade.

A história do filme é muito simples, ainda que surja sincopada e pouco explícita: dois amigos, um escroque meio rufia e um jovem burguês necessitando de dinheiro, associam-se para a organização de chantagem à base de fotografias nuas de duas raparigas que eles conseguem desviar para a praia. A ideia falha, porque enquanto a primeira jovem não terá ninguém que justifique a chantagem, a segunda acabará por entrar no jogo, passando de vítima passiva a comparsa activa. A desolação dos **décors** (dunas de praias desertas e nocturnas), o comportamento agressivo das figuras, que conduz a confrontos que oscilam do amor ao ódio são alguns aspectos que fazem de **«Os Cafagestes»** um filme excessivo, mas rigoroso.

A sequência dáraia (famosa em todo o mundo) com Norma Benguell apertada nos círculos concêntricos de um carro que se aproxima perigosamente do modelo a fotografar (tendo como banda sonora o ruído da uma buzina e os gritos histéricos dos chantagistas) é realmente um **tour de force** excepcional que marca definitivamente o talento de um autor que não se andará longe da verdade, se se disser possuidor de uma centelha de génio. Mas se essa primeira sequência é realmente brilhante, não lhe ficará atrás toda a sequência final com dois casais perdidos na areia de uma praia que a noite lentamente devora. Tudo isto que está à beira do gratuito e fácil, é para Ruy Guerra exercício de sensibilidade e de pudor, tratado com uma espontaneidade e uma desenvoltura assinaláveis. Como assinalável é a excelente fotografia e a interpretação de Norma Benguell e de Jece Valadão.

EM DEFESA DE DINIS DE ALMEIDA

. Desmentindo um escrito de Fernando Barradas em «O Comércio do Porto» acerca do major Dinis de Almeida, comandante operacional do Ralis, emitiu o Estado-Maior-General das Forças Armadas o seguinte esclarecimento:

. «1. Esteve preso em Dezembro de 1973, conjuntamente com o capitão Vasco Lourenço, por suspeita de estar implicado na preparação de um pronunciamento militar.

2. Ao ser notada a sua actividade em Lisboa, onde estava apresentado no Depósito de Indisponíveis por motivo de tratamento hospitalar, foi-lhe dada alta compulsivamente e colocado no RAL 5, em Penafiel.

3. Passado pouco tempo colocou a unidade de Penafiel, o RAL 5, à disposição do M.F.A., depois de o ter preparado psicologicamente.

4. No dia 16 de Março entrou em contacto telefónico com o CICA 1 e CIOE, oferecendo-se para arrancar imediatamente com a sua unidade. O major Murta, 2.º comandante de Penafiel, tomou nessa altura medidas para lhe cortar a possibilidade de continuar os seus contactos.

5. Perante o fracasso do 16 de Março insistiu junto da sua unidade na defesa intransigente dos seus camaradas presos, ao que o major Murta lhe retorquiu «não ter nada a ver com isso».

6. Foi sistematicamente impedido pelos 1.º e 2.º comandantes da sua Unidade, coronel Cirne Pacheco e major Murta, de escutar os programas da BBC.

7. Por alturas do 16 de Março deslocou-se a Lisboa, devidamente autorizado pelo Comando da sua unidade, onde colaborou com outros camaradas do M.F.A. no apoio e protecção ao local de refúgio do capitão Vasco Lourenço, vítima de perseguição do Governo do antigo regime.

8. Nesse fim-de-semana foi surpreendido em Lisboa pela entrada de prevenção de todas as unidades militares, tendo-se apresentado no Depósito Geral de Adidos. Logo que lhe foi dada ordem para regressar a Penafiel, apresentou-se no RAL 5, onde para surpresa sua já se encontrava na situação de ausência sem licença. Rapidamente, por ordem do Quartel-General do Porto, lhe foi instaurado um processo com a nítida finalidade de ser neutralizada a sua acção conspirativa.

9. Punido injustamente com três dias de prisão por ausência ilegítima, sem que o seu comandante tivesse tomado uma posição junto do Quartel-General quanto a esta ilegalidade, foi conduzido pelo major Murta à Casa de Reclusão do Porto com a recomendação de que era um elemento perigoso.

10. Cumprida a pena foi transferido da unidade, sendo colocado na Figueira da Foz (RAP 3) sob especial vigilância.

Ao ser contactado pelo então major Otelo Saraiva de Carvalho, prometeu que dentro de poucos dias a sua nova unidade estaria pronta para arrancar.

11. No dia 25 de Abril, conforme o planeado, arrancou à frente da sua unidade com destino a Lisboa, sendo o único oficial do QP a arrancar, tendo ficado o RAP 3 comandado pelo capitão Almeida Pereira, seu grande colaborador nesta unidade.

Chegado a Lisboa cumpriu todas as missões que lhe tinham sido confiadas pelo M.F.A.».

P.P.D. e P.S. "cozinham" a nova Junta da Madeira

. A nova Junta Regional da Madeira deverá estar constituída dentro de poucos dias. O presidente da J. R. M. será nomeado pelo Primeiro-Ministro, de quem dependerá directamente, e acumulará aquelas funções com as de governador civil.

A Junta, que parece estar a ser «cozinhada» pelo P. P. D. e pelo P. S. (os «maioritários» da Constituinte) integrará seis vogais para os seguintes sectores: Planeamento e Finanças; Comércio Turismo e Informação aos Emigrantes; Equipamento Social, Ambiente, Transportes e Comunicações; Assuntos Sociais, Trabalho e Emigração; Educação, Investigação Científica, Cultura; Comunicação Social.

Os vogais terão poderes a nível de secretário de Estado.

Dependentes do Governo Central, manter-se-ão os sectores Defesa, Justiça, Política Externa, Política Monetária, Correio, Telecomunicações, Instituto Geográfico e Cadastral e Transportes e Comunicações ao âmbito nacional.

CAVALO PROCURA-SE

. Cavalo procura-se! A raça e a cor são problemas que não assumem, neste caso, importância maior. Que o animal seja puro-sangue ou pileca, alazão ou cavalo de tiro, preto ou branco, castanho ou «azul às riscas»... não importa. O que se deseja é um cavalo. Um simples cavalo.

O nome do dito é que, eventualmente, pode criar um certo número de problemas. Mas, sejamos práticos: se o cavalo não tiver o nome que se pretende então... **rebaptizá-lo-emos** !

. Fundamentalmente o que certos dizem necessitar é, pura e simplesmente, de um cavalo. De um simples cavalo, já, imediatamente!

. Esta urgente necessidade não se encontra de maneira alguma vinculada ao facto de alguém sentir o desejo de montar um negócio de diligências (nesta altura em que se fala tanto em «cowboyadas») ou porque se possua uma égua que para fins compreensíveis, respeitáveis e humanos, precise de um cavalo...

Seria injusto e errado pensar que o motivo que nos leva a pedir, com tanta insistência, um cavalo, seja a necessidade de o substituir vantajosamente por um carro — que não temos! — para melhor nos podermos movimentar nas ruas desta Lisboa tão saturadas em trânsito. Não, a razão não se encontra relacionada com esta situação.

O motivo que nos leva a pedir, com urgência, um cavalo, um cavalinho ou um cavalão, deve-se às declarações fornecidas a dois jornalistas estrangeiros por uma personalidade castiça, garrida e altamente conhecida neste País à beira-mar plantado.

Pensa-se, em muitos lados, que se deve meter o mais depressa possível, um cavalo chamado «Poder» ali para os lados do Alto do Duque, a fim de que um certo general se decida a trocá-lo por um «chaimite» e a montá-lo de uma vez para sempre.

Se esse general, que muitos teimam em considerar progressista e revolucionário hesitar e não quiser — uma vez mais ! — montar, não esqueça que existem momentos em que devemos, **revolucionariamente**, montar e galopar quando certas **cavalgaduras** estão empenhadas, por intermédio das campanhas mais abjectas, em empregar, em nome do **Socialismo**, cavalos de Troia no seio do avanço e das conquistas populares.

Tentar encontrar um cavalo chamado «Poder» para um general, não significa que se necessite ou se pretenda um guia e um «leader». **O proletariado e o campesinato, os soldados e marinheiros, não necessitam de guias que os levem às «cavalitas»...** Necessitam sim, de aliados que os sigam mas nunca de aliados que os guiem.

Aqueles que apostam em pessoas como quem aposta em cavalos, estão condenados, **eternamente**, a escolher o mau cavalo...

MANUEL ANTA

CARRO AO MAR!

. Quando executava, no seu automóvel, uma manobra de marcha a trás, um erro de cálculo levou José Franco a precipitar-se, dentro do carro, no Cais Molhe da Pontinha (Funchal).

A viatura, com o seu único ocupante, caiu entre o Molhe e o patrulha «Rovuma» da Armada portuguesa. Segundos depois, o automobilista aparecia à superfície. Tinha conseguido esgueirar-se por uma janela aberta.

José Franco é guarda-redes do Sport Clube Marítimo e esta terá sido a maior «defesa» da sua vida.

Angola-Seguros de Automóveis

A Comissão de Coordenação e Reestruturação da Indústria Seguradora informa todos os proprietários ou utentes de veículos automóveis circulando actualmente em Portugal com contratos de seguro emitidos em Angola que se deverão dirigir às Companhias de Seguros no prazo máximo de 30 dias, a fim de regularizarem a sua situação.

À CLASSE MÉDICA

Somos especializados em BATAS profissionais

TINTURARIA GUANABARA

DEPART. DE CONFECÇÕES

Av. João XXI, 5-D—R. Infantaria 16, 55-C—LISBOA

Aumente as suas vendas
Distribua...
BALÕES PUBLICITÁRIOS
Fábrica Nacional: LATEX - DOURO, LDA.
R. Central Francos, 779
Telef. 65370 — PORTO

NÃO PINTE OS CABELOS
USE RESTAURADOR OLEX
E OS SEUS CABELOS VOLTARÃO À SUA COR PRIMITIVA
Couto, Lda PORTO
L. S. Domingos, 106

CANAL DA CRÍTICA — MÁRIO CASTRIM

O nosso camarada de Redacção Mário Castrim iniciou hoje um período de férias que se prolongará por duas semanas. Assim o **Canal da Crítica** regressará às colunas do **Diário de Lisboa** nos primeiros dias de Novembro.

PASSAGENS
PARA QUALQUER PARTE DO MUNDO
DE AVIÃO, DE BARCO, DE COMBÓIO, OU AUTOCARRO, RIGOROSAMENTE AOS **PREÇOS OFICIAIS**
ALUGUER DE AUTOMÓVEIS COM OU SEM CONDUTOR, EM PORTUGAL E NO ESTRANGEIRO
RESERVA E EMISSÃO IMEDIATA
UMA FACILIDADE
QUE POMOS AO SEU SERVIÇO, POUPANDO-LHE TEMPO E INCÓMODOS
PAGUE SUAVEMENTE COM CREDI STAR
PAGUE SUAVEMENTE COM O CREDI STAR
STAR
A MAIOR AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA

Hoje

Uma cena de filmagens de «Angústia para o Jantar»

I PROGRAMA

19.00 Abertura e **«Aventuras do Rucas»** e **«Nodi e o Cãozinho Pinotes»**
19.25 **Teledesporto** — as actividades desportivas.
19.55 **Cinema Ano II** — um programa apresentado por Alfredo Tropa.
20.30 **Telejornal** — 2.ª edição — noticiário do País e do estrangeiro.
21.00 **«Angústia para o Jantar»** — produção da Planigrafe. Realização de Jaime Silva, Director de produção: João Martins. Produtor delegado da RTP: Figueiredo de Barros. Intérpretes do 3.º episódio: Laura Soveral, Geny Constant, Bryan, Maria Schultz, Jorge Brum do Canto, Carlos Veríssimo, Victor de Sousa, Benjamim Falcão, Victor Neves, Rui de Carvalho, Maria Helena Matos, Fernanda Lapa, Madalena Braga e Octávio Borges.
22.00 **A Agricultura na República Popular da Bulgária** — documentário.
23.00 **Telejornal** — 3.ª edição
23.15 Fecho

II PROGRAMA

21.00 Abertura e série **«Floris von Rosemund»**
21.30 **Telejornal** — em diferido a edição transmitida no I Programa às 20 e 30.
22.00 **Eurovisão** — 2.ª parte do último concerto da série Promenade.
23.15 Fecho

DESTAQUES

I PROGRAMA

Teatro — «Angústia para o Jantar» (21.00)

II PROGRAMA

Série «Floris von Rosemund» (21.00)

Amanhã

I PROGRAMA

. . . . **1.º Período** — **12.45**: Abertura e Documentário; **13.15**: Telejornal — 1.ª edição; **13.30**: «O Regador Mágico» («Pardon My Genie») — série filmada; **14.00**: Logo à Noite — cartaz dos teatros e cinemas — **Ciclo Preparatório TV** — **14.10**: Língua Portuguesa (2.º ano); **14.35**: Matemática (1.º ano); **15.00**: Francês (2.º ano); **15.25**: Ciências da Natureza (1.º ano); **15.50**: Educação Visual (2.º ano); **17.10**: Matemática (2.º ano); **17.35**: Língua Portuguesa (1.º ano); **18.00**: Trabalhos Manuais (2.º ano); **18.25**: Francês (1.º ano). **2.º Período** — **19.00**: Programa produzido pelo Departamento de Programas Juvenis e Infantis; **19.30**: Programa Musical; **20.00**: Das Artes e Ofícios; **20.30**: Telejornal — 2.ª edição — noticiário do País e do estrangeiro; **21.00**: A Gente que Nós Somos — rubrica do Departamento de Programas Político-Sociais; **22.00**: «Capitão Kloss» — série filmada de origem polaca; **23.00**: Telejornal — 3.ª adição; **23.15**: Fecho

II PROGRAMA

. . . . **21.00**: Abertura e a série «O Regador Mágico»; **21.30**: Telejornal — em diferido apresentada às 20 e 30 no I Programa; **22.00**: Teatro — «Sua Excelência» — uma peça de Gervásio Lobato. Adaptador: Artur Semedo. Realização: Pedro Martins, Intérpretes: Artur Semedo, Luís Filipe, Canto e Castro, Armando Cortez, Carlos Miguel, Carlos Valente, Victor de Sousa, Cunha Marques, Carlos César, José de Castro, Mariana Vilar, Ivone Silva, Guida Maria, Leonor Poeira, Fernanda Borsatti, Manuela Oscar Acúrcio e Pereira Saraiva; **23.40**: Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
CLÍNICA DE TELEVISÃO E ASTRONAUTA
COM RÁDIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
Deslocação e orçamento grátis
Telefs. 72 27 86 - 83 42 71
Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

Desporto

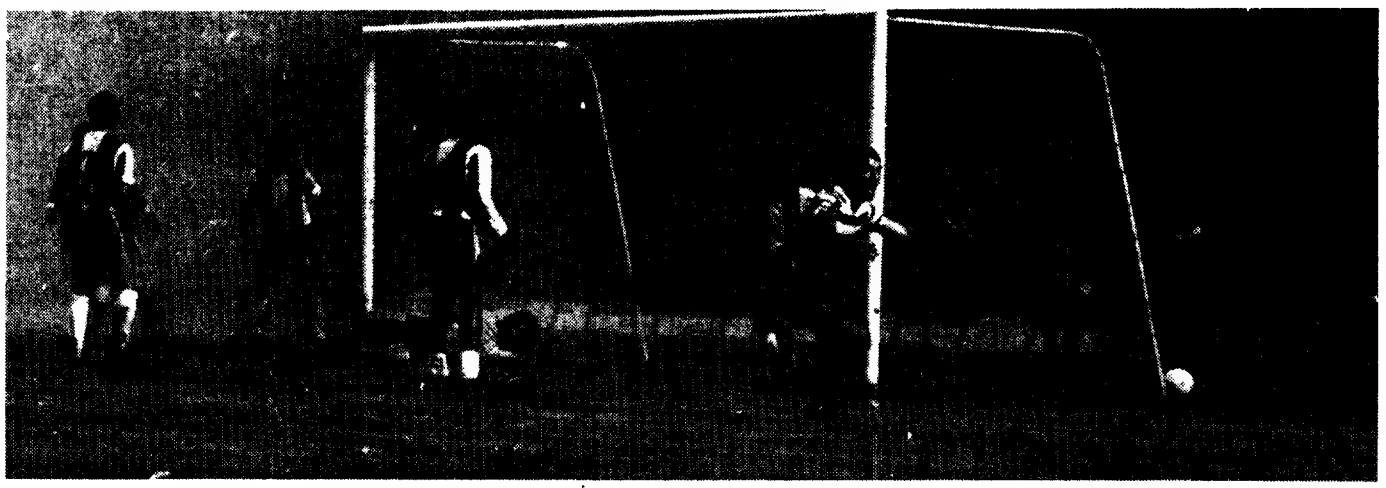
SPORTING TRIUNFA (3-2) EM CASA NORTENHA

NEVOEIRO NAS ANTAS: PORTO EM BRANCO

Comentário por NEVES DE SOUSA

Sétimo degrau no campeonato nacional de futebol escalão mor: confirmação e a desilusão.

Bola branca (especial, muito especial) para o belo triunfo do Sporting no duelo com os milionários das Antas, referência muito agradável para um Boavista (cheio de sorte) e para dois BB de Lisboa (Benfica e Belenenses) que, com maior ou menor facilidade, lá prosseguem no topo. Bola escura para a falência bracarense (em Coimbra) como para a queda brusca de um F. C. Porto, cada vez mais longe dos seus desejos de grandeza sem protestos. No meio deste leque, algumas considerações pertinentes e muito de prosa de circunstância. Como se poderá atentar no qué segue.



Foi o 3.º golo do Sporting: desta feita, Alder Dante não pode fazer nenhuma emenda...

O momento mais alto da ronda viveu-se nas Antas, onde o Sporting (muito engenhosamente) amealhou os dois pontos em equação, colocando em «estado de sitio» as hostes portistas que, minuto a minuto, vêem resvalar para o pó da estrada os sonhos de um título nacional.

Praticamente (havia 8 minutos) tinha começado o contacto com a bola quando veio o primeiro golo verde: «canto» marcado por Márinho e belo salto de Chico, a cabecear a bola para as malhas desprotegidas. Riposta o Porto, inconformado mas um pouco atónito com a réplica que estava a ser dada pelos lisboetas: Murça distingue-se nesse trabalho de duelo, mas seria Manuel Fernandes, aplicando um belo «chapéu» a Tibi, o autor do 0-2 e nova ovação «estranha». No superpovoado parque nortenho, um balde de água gelada.

Mas, aconteceu que o esforçado Murça (em nítido fora de jogo!) lograria um remate a desfeitear a bela aplicação de Damas: era o 1-2, a nova esperança «azul» a aproximar-se do «placard». Alder Dante, o juíz que viajava entre o ponto alto e o sopé, podia começar a imaginar-se um homem com a cabeça a prémio (tantos os assobios que estava a escutar) não fora este providencial virar da maré: mas, um dos seus maiores erros na noite nevoenta...

Contudo, o fracasso dos pontas-de-lança nortenhos era aflitivo, confrangedor. Dinis falhava tudo o que lhe davam, inclusive o derradeiro toque para uma rede de onde (como relâmpago, a desviar a bola com a ponta dos dedos) surgira Damas, o veloz. Stankovic, o imprescindível, em palpos de aranha, numa balança traiçoeira. O nevoeiro, irrompendo pela Porta da Maratona, sonegava a bola aos olhares portistas, parecendo somente tomada de amores pelos rapazes do sul.

Cubillas serve Ademir: remate sobre a barra. Inácio distingue-se em «cortes». Há um fora-de-jogo mal assinalado a Murça pelo fiscal de linha Baptista Fernandes: o árbitro emenda o auxiliar. E chega o intervalo, com os sportinguistas a interrogarem-se a respeito da gravidade da lesão do brasileiro Da Costa (que Tomé rendera, transitando Inácio para o flanco que melhor conhece) enquanto os portistas se entreolhavam, já distantes do confortável estado de euforia anterior.

Vem a segunda metade: Porto em ataque insistente. Dinis (porém) tudo emperrava, naquele seu vício de querer tentar sempre a finta impossível que só sai uma vez na vida. E o Sporting não é pera doce: Tomé-Márinho-Tomé-Manuel Fernandes e remate do ex-cufista a que Tibi corresponde com uma estirada de todo o tamanho. Mais uns foras-de-jogo assinalados ao acaso, Gomes e Júlio a renderem parceiros (Ademir e Dinis, cartão amarelo a Valter, uma bola pontapeada por Gomes que é motivo de controvérsia acesa e abespinhada. Esteve «lá dentro»? Foi retirada com oportunidade e discreção? Não chegou a entrar? Um «linner» (Eduardo Faria) garante que foi golo. Mentira: a bola (juro) não entrou. Seria o dois-dois, de tal modo contestado (com inteirinha razão) pelos sportinguistas que, nesse «fatídico minuto 13», ficaram em polvorosa os comandados por Juca. Os verdes sentam-se no relvado, não querem prosseguir. Há burburinho, sururu, berraria na arquibancada. Durante quatro largos minutos, o juiz Alder Dante andou num virote. E vieram as consequências: expulsão de Valter. Uma substituição, talvez a tentar assegurar o empate: troca de Manuel Fernandes pelo defesa-médio Baltasar. Afinal (a sorte a premiar os audaciosos, a cativar para o seu manto os mais esclarecidos, os menos precipitados) afinal, repetimos, seria o Sporting a desfazer o empate: 3-2, numa entrada de Baltasar em recarga a pontapé de «canto» que deixara especada toda a frágil e envidraçada defesa portista. Jogava-se havia 73 minutos e algumas coisas ainda ocorreriam (cartão amarelo ao irascível Gabriel, os lisboetas acantonados no seu quartel a manterem somente Márinho como dianteiro, o tempo a correr) mas o fim chegaria com uma grande verdade no marcador. O F. C. Porto de braços em baixo, sem ânimo nem entusiasmo. O Sporting a vergar o contrário com toda a naturalidade, como se os dez do seu «team» valessem pelos onze contrários mais a multidão de adeptos. Terá acabado, no sábado, o sonho belo do F. C. Porto? Uma história para o tempo confirmar: ou negar.

Em relação ao páreo de sábado e para que conste: uma tremenda «barraca» do santareno Alder Dante que, investido em funções arbitrais, validou dois golos mais que falsos. Ambos para o F. C. Porto, convém acrescentar: foi em «fora-de-jogo» que Murça fez um «tento» e, no chamado «golo» de Gomes, a bola nem sequer entrou na baliza. Uma dupla de erros que recomenda sombra, óculos e água fresca, por largo tempo, para o apitador escalabitano.

Quanto a destaques pessoais, palmas extra para alguns sportinguistas (Damas, Fraguito e Márinho) embora todo o valente «team» de Juca mereça um especial agradecimento dos seus patrões. Por banda portista, nem sequer o «engenho» táctico do jugoslavo Stankovic ajudou o árbitro... Afinal, depois de tantos erros do apitador e tantas falhas de uma turma paga a ouro, Deus escreveu a sua verdade: no «placard» de uma noite que foi de neblina para os horizontes portistas. E de parabéns para os «leões».

Nos outros jogos, algumas notas a destacar.

Luz, sábado à noite: 3-0 no alforje do Atlético. Dois golos de Sheu e outro de Vítor Baptista. Controvérsia agradável pelo movimento imprimido a algumas jogadas alcantarenses (Pietro, Costa) e pela segurança de um jovem que caminha a passos largos para o estrelado (Sheu). Um cartão amarelo a Barros: entrada ríspida a Pietro, com rasteira ao aluno de Carlos Silva em situação de emergência.

Domingo, dia de pratos complementares.

Em Guimarães, os golos a amontoarem-se dentro das malhas do grupo leixonense: nada menos de quatro, assinados por Abel (2), Abreu e Rui Lopes, com amortização a cargo de Raul, concretizando uma grande penalidade.

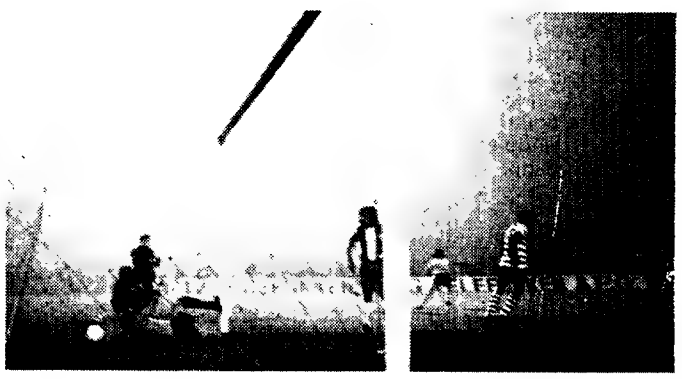
Setúbal, palco de discussão. Estava-se no zero-zero quando o árbitro Manuel Poeira assinalou um «penalty» sobre Celso, cometido por João Cardoso. Alves não perdoaria a «Chance», tal e qual como faria o 2-0 para as visitas axadrezadas, em lance de onde resultaria a sua lesão. Os setubalenses tentaram tudo por tudo, em busca do volte-face: Caíca e Matine foram substituídos por Lito e Carvalho e (78 m.) César ainda chega ao 1-2. Mas os dois pontos partiam para o Bessa.

No Restelo, nervos e intranquilidade. O árbitro Raul Nazaré assobiado com fartura, o Belenenses a saltar com dificuldade o obstáculo-Farense. Livre marcado por Godinho, com endosse a Gonzalez e «pum»: 1-0. Já se tinha processado uma substituição obrigatória (lesão de Quaresma e rendição por Esmoriz) e os ponteiros do relógio iam vogando a «claque» azul insatisfeita com a produção do seu «onze». Na segunda parte, porém, é que foram elas, com o quebra-cabeças Mirobaldo a semear faúlhas e perigo. Subitamente, o empate: por Jacques, a aproveitar um remate de Mirobaldo a que Melo correspondera com incompleta defesa a punhos. O que valeu (para os restelinhos, é bom de ver...) foi logo o paraguaio de ouro resolver a questão. O «livre» de que ele tanto gosta e bumba: 2-1. O jogo acabaria quase a seguir, com os corações a sossegarem um pouco após aquela hora e meia de sofrimento, ante uma bem organizada «tournée» farense.

Problemas insolúveis vieram para o Sporting de Braga, que baqueou perante os animosos académicos, na Coimbra das tricanas e das baladas de Afonso. «Placard» magro (1-0 para os caseiros, golo por Costa) mas suficiente para apear os alunos de José Carlos da fila de ataque da classificação.

Em Tomar, comprovando a sua queda para bons resultados extramuros do Lavradio, a Cuf obteve o empate (1-1, tentos por Arnaldo e Florival).

Por último, na Amoreira uma casca de banana quase a derrubar António Medeiros e sua gente: o Beira-Mar retirou para Aveiro desfeiteado pela diferença mínima (1-0, golo do «velho» José Torres para o Estoril Praia já quando se cumpria o segundo tempo). A prova-provada de que não há contendores fáceis e, também, de que os aveirenses (agora orientados por Fernando Vaz) ainda estão ali para algumas curvas. Para bem de um (muito) animado campeonato, diga-se para que conste.



Tento de Chico (lá ao fundo de costas): a cabeça do «leão» só foi travada por Tibi dentro da rede.

Manuel Fernandes aplica um «chapéu» a Tibi: 2-0.

Boletim

EVENTUALMENTE CHOCANTE

. Firmino Bernardino, 25 anos de idade, casado, um filho com 3 anos. Ciclista profissional (até aqui ao serviço do Sporting) está desempregado. Dizem os «leões» directivos: «É um ciclista que causou inúmeros problemas ao clube. Tanto no aspecto disciplinar, como na sua falta de brio profissional». Ponto de vista do principal visado: «Os seccionistas não percebem nada de ciclismo e só sabem dar castigos aos atletas. Por exemplo: o sr. Mário de Carvalho é advogado. Ele sabe de leis, mas de ciclismo não percebe nada». Adiante diz (para «A Bola») o ex-lugar tenente de Agostinho: «Eu punha já de parte o ciclismo se conseguisse arranjar um emprego, mas isso agora é impossível. Desempregado e sem dinheiro, não sei o que resolver (...) No Sporting querem-me pagar apenas metade dos ordenados que me devem. Eu não aceitei, disse que tinha direito a receber todos os ordenados em atraso e o sr. Mário de Carvalho disse-me que, se eu não aceitasse o que o Sporting me queria dar, que fazia mal, pois era capaz de me meter em tribunal e ainda era pior. (...) O Sporting ainda me deve uma certa verba da última «Volta a Portugal» (há mais de um ano) e ainda não me pagou as prometidas percentagens nos últimos circuitos, onde corri com o meu próprio material. Eles tinham-nos prometido 50 por cento dos prémios que ganhassemos. O sr. Coutinho (seccionista de Alvalade) levou os papéis para fazer as contas, e, até hoje, nada».

Afirmado numa reunião do Sindicato dos Jogadores Profissionais de Futebol, por Porfírio (futebolista do Montijo e delegado sindical):

. —«Ah, mim, deram-me para decidir, de um dia para o outro. Ou assinava o contrato e uma declaração a dizer que prescindia do 13.º mês e do subsídio de férias, ou não assinava nada. Claro: como sabia que a declaração não tinha valor jurídico nenhum, assinei as duas coisas...»

. É extremamente grave, esta declaração feita por um profissional de futebol, ante seus pares. A impor, imediatamente, um inquérito à direcção do Montijo. No mínimo, evidentemente...

Joaquim Agostinho, alegando falta de preparação pediu escusa de representar o seu patrão (o Sporting) nos campeonatos lisboetas de rampa.

COMENTÁRIO

. Declaração em boca de responsável pelo Barreirense.

— **Temos um défice previsto de 600 contos, até final da época em curso, depois de termos encurtado em 1500 contos o actual orçamento, em relação à época passada.**

Mais adiante:

. — **Acabaram os estágios, as deslocações são feitas no velho autocarro do clube, poupa-se nas diárias em viagem...**

Um desabafo:

. — **Um nosso junior (Paz Nobre) fracturou uma perna num jogo e já gastámos 40 contos com o seu tratamento. Como podemos suportar isto? Como é possível o clube viver se a receita bruta do nosso jogo com o Torriense, em casa, foi de 15 contos, o que deve apenas chegar para as despesas...**

(De «Record»).

OPINIÃO

. Joaquim Meirim entre a verdade dos seus pensamentos e o receio de não oscilar para o ridículo, é comedido numa entrevista dada a Serafim Ferreira, em «Record». Daí retiramos estes pedaços:

. — **Ao Salgueiros, falta muita coisa. Para se discutir um título, independentemente de factores marginais, é necessária uma verdadeira coesão entre todas as pessoas do clube. Essa, vem da organização da estruturação e do tempo, que eu considero importante (o caso do Riopele é flagrante, pois tem, praticamente, os mesmos jogadores vai para cinco anos) e das próprias dispensas e aquisições. Estas, terão de dar provas nos treinos, na vida privada e nos jogos. Só com o tempo é possível conhecerem-se. Embora com jogadores experientes, o Salgueiros é uma equipa em formação. Isso torna difícil o trabalho de qualquer técnico. É por isso que julgo que o Salgueiros não pode discutir o título.**

Depois:

— **Vamos procurar obter sempre os melhores resultados para defesa dos jogadores e do passado e prestígio do Sal-**

Continua na pág. 17

Desporto

Continuação da pág. 16

gueiros. É de toda a conveniência que a massa associativa esteja consciente e não pensar que é este ano que vamos à I Divisão. Os jogadores trabalham bastante para garantir o prestígio do Salgueiros. Mas não podem garantir mais nada. Fomos felizes no sorteio e nos jogos que já realizámos alguns jogadores excederam até o que deles seria de esperar. A classificação actual define a regularidade da equipa, mas mais nada. Em dois ou três jogos podemos passar para o útimo lugar...

A palavra para o jugoslavo Stankovic, que o F.C. do Porto colocou à frente da sua principal equipa futebolística, através de declarações proferidas para «A Bola»:

. — **Eu sei que nem toda a gente está satisfeita com a equipa. A começar por mim. Ela tem tido muitas oscilações: hoje, joga bem; amanhã, produz menos. Mas não chega a ser intrigante. A razão é simples: tem muitos jogadores novos — novos no clube e novos na idade. A falta de tempo para uma perfeita adaptação aos novos métodos de treinos à nova cidade para onde vieram viver, à nova táctica conduz a uma certa insegurança. Os resultados desfavoráveis têm acentuado essa intranquilidade, que será maior nos mais jovens, mas que não deixa de tocar a todos, de uma maneira geral. Não é só a falta de maturidade, é, também, carência de jogadores com grande poder de comando, dentro do rectângulo, na hora em que o jogo nos corre mal e é preciso saber reagir psicologicamente, lá dentro. São todos excelentes jogadores, mas muito jovens, não direi sem personalidade, mas sem poder de autoridade convincente, isto é, contagiante, sobre os demais. São problemas normais em equipas de pouca experiência internacional — o que faz muito para o caso — e mais normal ainda por atravessarmos um período de adaptação a novas condições de trabalho. Precisamos de tempo na nossa frente...**

A seguir, o técnico portista diz o seguinte:

. — **Os maus resultados de Coimbra e de Faro podem explicar-se carências de auto confiança. No treino tudo corre bem, fazem muito bom trabalho, mas saem do Porto e passam a render aí uns cinquenta por cento. É o que lhe dizia há pouco: faltam lá dentro jogadores de poder de comando, capazes de, pela sua larga experiência, não deixarem que o desânimo se meta com jogadores de tão boas condições técnicas. Eu gosto de jogadores que falam, que gritam, que não deixam os companheiros afundar-se, que exercem sobre eles uma acção de contágio positivo, de estímulo, digamos. Não é falar por falar, é comandar com a cabeça, com saber feito de experiência. É por isso que aguardo, com ansiedade, a entrada de Alhinho, porque tenho a sensação de que ele tem excelente poder de comando, capaz de arrumar a nossa acção defensiva. A defesa tem jogado muito nervosa.**

Prossegue:

. — **Não tenho problemas com os jogadores nem com os dirigentes do meu clube. Uns são profissionais exemplares, outros são «gentlemen». Os problemas que tenho são os da falta de tempo, para colhermos frutos amadurecidos tão depressa quanto esta boa gento do Porto deseja: o... título.** Toda a gente quer o título **logo nas primeiras jogadas. Não pode ser. Se a equipa fizer três ou quatro jogos bons, em jornadas consecutivas, tudo melhorará, porque, quanto a mim, tudo se resume, no fim de contas, numa questão psicológica.**

Mais adiante:

. — **Aqui no F.C.do Porto, luta-se com um fantasma há muitos anos: ganhar o Campeonato, ganhar o Campeonato. Que a muita gente se afigura um cometimento fantástico** dificílimo. Lá difícil é, mas não vamos pôr as coisas ais ferias do que elas estão.

PERGUNTAS

. A Federação de Futebol decretou: o Alhandra terá de vedar o seu terreno de jogos. Ora, por «terreno de jogos» entende-se o campo e os balneários. Como os balneários ficam do outro lado da linha dos combóios, fica no ar a dúvida: ou se veda o recinto e não haverá linha de caminho-de-ferro de S. Apolónia para o Porto ou fica tudo como dantes. Responda quem souber...

PORTUGAL

. Situação de impasse em relação a uma eventual transmissão do jogo de futebol Portugal-Checoslováquia, a desenrolar no próximo dia 12 de Novembro, nas Antas: a Federação pede à RTP a quantia de 500 contos (mais 50 que por uma final da Taça») e a organização do Lumiar contrapõe a insólita oferta de 100 contos. Última situação: a Federação pretende que a RTP se comprometa (apenas) com a garantia de uma lotação esgotada no parque portista, assegurando (portanto) a diferença entre os bilhetes vendidos e o montante da receita total possível nas Antas.

O embate futebolístico Portugal-Inglaterra terá lugar no Estádio de Alvalade.

AGENDA

. Nova assembleia geral dos associados do Cova da Piedade, marcada para a noite de amanhã, numa tentativa para debelar a crise que avassala a direcção daquele grémio clubista, especialmente no que toca à constituição do Conselho Fiscal.

RARIDADES

A equipa feminina de basquetebol do Barreirense tem um treinador gracioso. Além disso, todas as despesas com a manutenção do grupo são integralmente pagas pelas próprias jogadoras.

EDUCAÇÃO FÍSICA IMPLICA ESTUDO

. Dois professores de Educação Física (Luis Camacho Lobo e Pedro Soares Onofre) são os autores de um ensaio denominado «Animação e Descoberta do Movimento» (Significativa, pessoal, e intransmissível, dos objectos e do jogo). Incluindo a «Carta dos direitos da criança», o volume debruça-se sobre «Perspectivas pedagógicas», «Os objectos e o jogo». «Trajecto e evolução no jogo» e «Considerações pedagógicas». Socorrendo-se de vasta bibliografia, desde Freinet («L'Éducation du Travail») a Henri Wallon («L'Évolution Psychologique de L'enfant»), temos neste ensaio um repositório de observações e análises que muito podem apoiar os mestres da Educação Física.

2.ª DIVISÃO

Se a TV não se importa...

Ontem à noite, as gentes ficaram na dúvida: afinal de contas, qual teria sido o resultado final do Penafiel-Famalicão, a contar para a zona norte do nacional futebolistico da 2.ª divisão? Não que desses resultado dependesse a atribuição de um título: o interesse dizia apenas respeito ao facto do embate contar para o totobola da semana e a Rádio ter informado que o desfecho havia sido um empate e mais tarde, já depois das 21 e 30 horas, vir a Televisão dizer que o Panafiel havia ganho, tendo acrescentado até o símbolo «1» na chave perfeita. Ora, se a T. V. não se importa o resultado foi mesmo um empate: e só há a lamentar que pessoas não sintam a responsabilidade que têm sobre os ombros, ao atirarem para os ouvidos de quem neles confia, as primeiras coisas que ouvem dizer...

Mas, tudo isso nasceu de um «caso» que ensombrou o espectáculo de Penafiel: o jogo esteve parado, houve «bronca» quando o Penafiel chegou aos 2-1 (por grande penalidade) e, só depois de alguns minutos de interregno, é que recomeçou. Foi quando o Famalicão chegou à igualdade, pese isso (muito) aos senhores que se mostram a milhões...

Na zona norte da 2.ª divisão teremos de sublinhar (ainda) as duas únicas vitórias alcançadas fora de casa: a do Varzim na Sanjoanense (3-0) e a do União de Lamas na Régua (2-0). Elas provam (apenas) que o Varzim pensa mesmo no regresso à divisão maior e que o União de Lamas não fez mais do que bater o «lanterna vermelha» no seu próprio terreno.

Os resultados da jornada de ontem foram os seguintes: Riopele, 1-Fafe, 0; Alba, 0-Feirense, 0; Régua, 0-União de Lamas, 2; Salgueiros, 1-Sporting de Espinhho, 0; Paços de Ferreira, 2-Paredes, 1; Sanjoanense, 0-Varzim, 3; Lourosa, 1-Vilanovense, 0; Marinhense, 1-Chaves, 1; Covilhã, 0-Gil Vicente, 0 e Penafiel, 2-Famalicão, 2.

Na classificação geral, o Varzim é o guia (isolado) com 11 pontos, seguido do Salgueiros e Riopele (com 10) e do Famalicão (com 9). O último é o Régua, apenas com 3 pontos.

Na zona sul, somente uma equipa conseguiu triunfar extra-muros: foi o Montijo que, em Santarém, triunfou por 1-0, sobre o União. De resto, três empates e vitórias dos visitados. Os desfechos: Juventude, 3-Sintrense, 1; Esperança, 2-União de Leiria, 0; União de Santarém, 0-Montijo, 1; União de Montemore, 1-Oriental, 0; Peniche, 2-Torriense, 0; Marítimo, 1-Caldas, 0; Barreirense, 1-Estrela de Portalegre, 1; Sesimbra, 0-Torres Novas, 0; Olhanense, 1-Portimonense, 1 e Almada, 3-Lusitano, 0.

Na classificação, o Montijo e o Marítimo ultrapassaram o Caldas, sendo agora «leaders» isolados com 10 pontos; o Caldas deixou-se apanhar pelo Portimonense, Juventude e Almada (todos com 9 pontos); enquanto Barreirense, Olhanense e Esperança somam 8 pontos. A «lanterna vermelha» está dividida pelo Lusitano e Torres Novas, ambos com 3 pontos (só).

3.ª DIVISÃO

Na 3.ª divisão terenos de assinalar, na série «A», o facto do Vianense ter subido ao primeiro lugar, ao derrotar o Tirsense que era guia isolado; na série «B», os Marialvas perderam um ponto ao empatarem na Guarda, mas mantém o comando com 12 pontos; na série «C», o Odivelas agarrou o União de Almeirim (que baqueou, estrondosamente, no campo do Marrazes) e ele agora o «leader», com 12 pontos; finalmente, na série «D», o Vasco da Gama soma e segue, já que ganhou ontem nos Olivais e mantém o comando com 12 pontos.

ORLANDO DIAS AGUDO

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	B	P
BELENENSES	7	5	1	1	15-9	11
Benfica	7	5	1	1	25-7	11
Boavista	7	4	3	—	14-6	11
Sporting	6	4	2	—	9-4	10
Sporting de Braga	7	3	3	1	9-7	9
Vitória de Guimarães	7	3	3	1	14-7	9
F. C. Porto	7	3	2	2	15-7	8
Estoril	7	3	1	3	7-7	7
Vitória de Setúbal	7	2	2	3	8-7	6
Cuf	7	2	2	3	4-8	6
Farense	7	2	1	4	8-12	5
União de Tomar	7	1	3	3	9-17	5
Atlético	6	2	—	4	9-12	4
Leixões	7	1	2	4	6-20	4
Académico	7	1	1	5	6-15	3
Beira Mar	7	—	1	6	5-16	1

PRÓXIMOS JOGOS

. O Campeonato Nacional prossegue no próximo domingo, com a realização da oitava jornada, que comporta os seguintes desafios: Farense-Benfica, Sporting de Braga-Belenenses, CUF-Académico, Sporting-União de Tomar, Boavista-F.C. do Porto, Beira-Mar-Vitória de Guimarães e Atlético-Estoril. Entretanto, o jogo Leixões-Vitória de Setúbal é antecipado para sábado, às 16 horas, no Estádio do Mar.

Alves, luvas negras: dois tentos igual a dois pontos. Foi em Setúbal, como tem sido em outros palcos.

4.ª-FEIRA EUROPEIA À VISTA

Húngaros e escoceses: sortes diferentes

. Mais uma «4.ª feira europeia» está à vista, e quatro equipas do futebol português estão particularmente interessadas em conseguir bons resultados, para que continuem nas suas provas.

Como já se disse (e comentou) os adversários dos portugueses nesta segunda ronda europeia são húngaros e escoceses. Os primeiros tiveram dia de descanso no seu campeonato, porque a selecção húngara teve de defrontar, ontem, o Luxemburgo, em jogo a contar para o campeonato da Europa; para a selecção do seu país, tanto o Vasas como o Ujpest cederam os melhores atletas e o triunfo alcançado (8-1) deixa antever um domingo por de mais tranquilo. O mesmo não aconteceu aos escoseses, que vão embater com o Boavista e o F. C. do Porto: no sábado, tanto o Celtic como o Dundee United perderam nos seus relvados em jogos a contar para o campeonato local. O Celtic de Glasgow (que hoje deve chegar ao Porto) defrontou o Hibernian, e, aos 85 minutos de jogo, perdia por 0-2; mas o encontro foi interrompido nesta altura por causa do nevoeiro. Por sua vez o Dundee United esgrimiu no seu campo o outro Dundee e perdeu por 1-2; num jogo sem nevoeiro...

Entretanto, o F. C. do Porto viajou ontem para a Escócia: chegou a Dundee já muito tarde (depois da uma hora da manhã) e fizeram a viagem os seguintes elementos: Tibi, Rui, Murça, Teixeira, Simões, Gabriel, Octávio, Cubillas, Seninho, Oliveira, Gomes, Ademir, Dinis, Rodolfo, Júlio e Ronaldo. Uma nota insólita: a severa «apalpadela» a que, em Londres foi sujeita toda a comitiva «azul».

Por seu turno o Sporting só hoje parte para Budapeste com escala em Frankfurt. Fazem parte da comitiva «leonina» os seguintes futebolistas: Damas, Pinhal, Da Costa (recuperado), Vítor Gomes, Amândio, Inácio, Zésinho, José Mendes, Fraguito, Baltasar, Nelson, Márinho, Chico, Manuel Fernandes, Valter, Jesus e Tomé.

O Ujpest deverá chegar a Lisboa para, o duelo com o Benfica. Tudo se prepara, portanto, para mais uma jornada europeia ao alto nível futebolístico.

BOXE: "O PÃO DA MENTIRA"

. Uma noite destas, simbiose pouco homogénea entre amadores e profissionais, nas andanças de pugilismo que estão (uma vez por semana) a animar estranhamente, com fauna diferente dos hábitos teatreiros, o Parque Mayer lisboeta.

Aplaudi (cá para dentro, é bom que se entenda) o esforço, a raça, a coragem e o talento embrionário de alguns moços amadores do Sporting como da Sala Belarmino, com paragem no esforçado Estrela da Amadora, que está já implantado como uma potência nas andanças do murro a prémio. Mas, da pena à comiseração, do gozo à alegria circense, de tudo apareceria depois: quando quatro nobre-artistas, ditos «profissionais», andaram aos pulos e saltinhos no quadrilátero, até que o «cachet» de dois ficou a modos que justificado, perante a passividade constrangida de parceiros que pouca vontade tinham de dar o corpo ao manifesto, mas, pelo contrário, tinham asas nos pés para voarem até caselas.

Aconteceu quando o «nigeriano Patterson, 71 quilos e meio» perdeu todo o ar perante o «uruguaio Fleitas, 76 e 700». O público que pagara o bilhetinho por preço razoável, deu por si a entreolhar-se, atónito e semi pasmado. O «nigeriano» (seria «retornado»?) apanha dois safanõezitos, todo ele treme, abate-se duas vezes para a lona e cava dali: a toalha atirada pelo auxiliar era o carolário da tristíssima «actuação» do negro (apátrida? emigrado nas Europas? sacado nalgum barco de passagem pelo Tejo?). Um «triunfo» que nada acrescentava ao «palmarés» de Dino Fleitas, o tal uruguaio que, à falta de melhor, poderia ser uma espécie de íman para o luso pagode pagante.

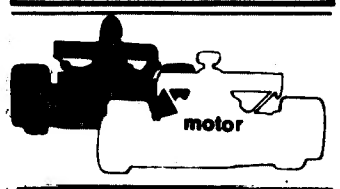
Na outra «luta», bis na cópia má: um chamado Toni Alfonso «uruguaio, 64 e meio» tem o pó limpo por um fraco soquinho de Carlos Anjos e logo se rebola pelo chão, como se tivesse sido apanhado por uma panela de água a escaldar. Levanta-se, dando ares de apalermado (forçado...) e repete o truque: outra vez na lona, mais uma contagem, a toalhinha pelo ar e ala para os lençóis, que já se faz tarde.

Foi, no cartaz e na razão que fica para o amanhã, outra dura machadada num espectáculo que tem milhares de entusiastas. Que, como todos os demais, organizado para dar lucro aos seus promotores, carece de um mínimo de coerência na obtenção dos seus desfechos. A série de sessões, lá no Parque dos tirinhos e das rábulas teatrais, não ia nada mal: só que, desta feita, o almirante foi ao fundo. E a gente interroga-se (macambúzia, ensimesmada, com desdém pelo roubador do seu tempo, sobre se seria para isto, para ver como é duro e acre o pão do palhaço pobre, que subiu a Avenida a caminho do circo?

NEVES DE SOUSA

TOTOBOLA BOLETIM COM "13"

Belenenses - Farense	1
Académico - Braga	1
União Tomar - CUF	X
Porto - Sporting	2
Setúbal - Boavista	2
Guimarães - Leixões	1
Estoril - Beira-Mar	1
Régua - União Lamas	2
Sanjoanense - Varzim	2
Penafiel - Famalicão	X
U. Montemor - Oriental	1
Marítimo - Caldas	1
Olhanense - Portimonen.	X



Geral

Respeitar Franco para exportar em paz

A exportação de peixe e marisco de Portugal para Espanha, França e Itália está comprometida enquanto se mantiver fechada a fronteira com o país vizinho. O problema poderá vir a ser resolvido com a deslocação, amanhã, do governador civil de Faro à Huelva.

Recorda-se que a fronteira foi encerrada por iniciativa das autoridades espanholas e a pretexto de «provocações», a partir de portugueses, ao regime de Franco.

Numa reunião da população de Vila Real de Santo António, convocada pelo M.F.A. e pela Comissão Administrativa da Câmara Municipal e levada a efeito ontem, viria a ser feito um apelo no sentido de se evitarem provocações. Aliás, a condição posta pelas autoridades espanholas para reabertura da fronteira prende-se com garantias, da parte portuguesa, de que não haverá mais «provocações».

"FIÉIS" INCENDIARAM UM CENTRO CULTURAL

PORTO, 20 — (Da nossa delegação) — O Centro Cultural e Social de Fanzeres (Gondomar) deixou de ter sede a partir das primeiras horas da manhã de ontem. Populares mal esclarecidos e manipulados por caciques, após saírem da missa das 7 horas invadiram aquele centro e incendiaram-no. Esta acção é resultante de um litígio que opõe o pároco local, rev. Rebimbas à comissão de moradores.

No edifício agora incendiado esteve em tempos instalada a antiga Casa Paroquial que era para ser demolida e, em seu lugar, criar-se-ia um parque de estacionamento automóvel paroquial. Aconteceu que a comissão de moradores, lutando com a falta de instalações, resolveu aproveitar o imóvel (que é pertença do povo de Fanzeres) para criar o seu centro e instalar nos seus anexos um jardim infantil. Assim, ocupou as velhas instalações. Isto foi o rastilho... Posteriormente surgiram campanhas de difamação contra os membros da direcção do centro, chegando-se mesmo ao ponto de afirmar que o edifício do centro era tudo menos um centro de cultura e convívio que a comissão era controlada por determinado partido, etc.

Há dias, e no prosseguimento da sua acção social, a respectiva comissão de moradores iniciou as obras do jardim infantil nos terrenos anexos. E o conflito estalou, agora, com mais violência, com a destruição pelo fogo da antiga Casa Paroquial.

Entretanto, a C. A. da Junta de Freguesia de Fanzeres, num comunicado distribuído à população acusa alguns caciques que não estão interessados no avanço do processo revolucionário «de impedirem que os bombeiros actuassem, chegando mesmo a agredir um bombeiro que foi forçado a receber tratamento hospitalar».

Por sua vez, a direcção do centro, reunida extraordinariamente, emitiu um comunicado em que depois de historiar toda a luta que tem por fulcro atitudes fomentadas pelo pároco local, exige o seu imediato saneamento, culpando-o de todos os incidentes ocorridos, dos quais resultaram diversos feridos e algumas dezenas de milhares de escudos de prejuízo (contribuição de populares).

Apelam por fim para unidade de todos para que «não haja mais lugar para reaccionários do tipo do abade Rebimbas e seus lacaios».

COIMBRA

Por um Conselho Municipal apartidário

COIMBRA, 20 — Numa reunião que teve a participação de cerca de trezentas pessoas e que decorreu no ginásio da Escola de Avelar Brotero, foi aprovada a criação do Conselho Municipal de Coimbra. Presentes, o governador civil do distriro, o presidente da Câmara Municipal e o Secretariado Inter-Juntas de Freguesia. Os presentes manifestaram-se no sentido de que o Conselho Municipal venha a ser constituído numa base perfeitamente apartidária.

Ficou assente a realização de nova reunião, na próxima sexta-feira, a fim de se decidir da forma de actuação do Conselho Municipal agora criado, e do qual, segundo se afirmou na reunião, podem resultar altos benefícios para a cidade e para as populações do concelho.

O projecto respectivo será, após a sua apresentação, submetido durante trinta dias à discussão das bases, estando a sua aprovação dependente de nova reunião extraordinária da Câmara Municipal.

Em LAGOS o DIARIO DE LISBOA vende-se no OUIOSOUE de LAGOS

tempo

Situação do tempo
09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado ou encoberto, o vento era fraco e caíam chuviscos na faixa costeira a norte do Cabo Mondego

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	14°
P. DOURADAS	
COIMBRA	12°
PORTALEGRE	17°
LISBOA	16
FARO	20°
FUNCHAL	

TEMPERATURAS EXTREMAS

TAVIRA
Máxima .... **22°**

PENHAS DA SAÚDE
Mínima .... **1,3°**

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar .... 15,5.°
Atmosfera .... 12,7 °

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
4.02	**3,9 m**	9.35	**0,9 m**
16.17	**3,9 m**	21.49	**0,9 m**
Dia 21			
4.32	**3,9 m**	10.06	**0,9 m**
16.47	**3,9 m**	22.19	**0,9 m**
Dia 22			
5.01	**3,9 m**	10.38	**0,9 m**
17.17	**3,8 m**	22.15	**0,9 m**

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

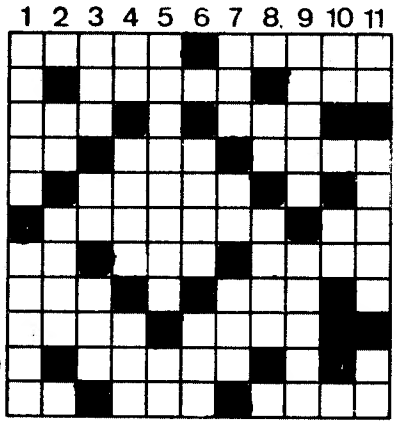
Céu geralmente muito nublado; vento fraco; períodos de chuva ou chuviscos em especial nas regiões de Norte e centro.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO
PROBLEMA N.° 11215

HORIZONTAIS:

1 Sussurro. Grupos de três.
2 Deliciosa. Maior.
3 Interjeição que exprime pancada rápida. Artigo indefinido.
4 Artigo definido. Bolo de farinha de arroz e azeite de coco usado na Ásia. Aniversário.
5 Objecto inanimado. Tempo do verbo ser.
6 Dera marradas. Antes de Cristo.
7 Alternativa. Extemidade do brraco (inv). Assassina.
8 Aperta molhos. Divisar.
9 Navio. Gastei.
10 Diferente. Tempo do verbo ser.
11 Letra grega. Pronome pessoal. Tosta.



VERTICAIS

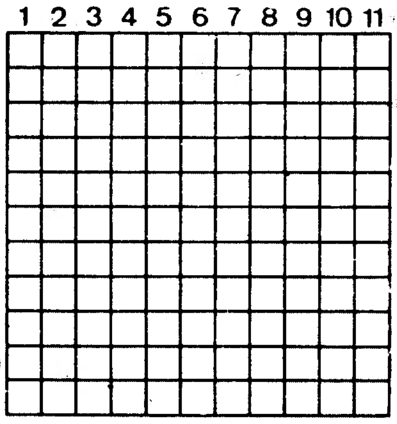
1 Bom senso. Escutar.
2 Artigo definido. Brame.
3 Conjuncão. Aqui. Para barlavento.
4 Ribeira da Ásia Russa. Gorgulho tropical. Cidade da Alemanha.
5 Vives. Tálio (s.q.).
6 Guarnecem de asas. Greda branca.
7 Letra grega. Viracão. Vai pelo ar com grande velocidade.
8 Miriare. Estimem.
9 Magnetize. Uma das constelacões zodiacais também
10 O sono das criancas. Átomo.
11 Senhor. Extrair. Bário (s.q.).

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVERBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.° 7374

HORIZONTAIS:

1 Pedregulho. Seguram.
2 Elemento que entra em algumas palavras com a significacão de ar. Copo.
3 Pequeno poema medieval narrativo ou lírico. Filtra. Ribeira de Portalegre.
4 Nome antigo da nota musical dó. Crómio (s.q.). Pronome pessoal. Zomba.
4 Irmão de Moisés. Encolerizara.
6 Vá para fora. A ramagem das plantas.
7 Reis. Isolado.
8 Animal doméstico. Agora. Curso de água natural e abundante.
9 Cidade da antiga Caldeia. Freguesia do concelho de Torres Novas. Amónio (s.q).
10 Letra grega. Claridade.
11 Causas amuo a. Tostou.



VERTICAIS:

1 Embarcacão parecida com o bote, usado no Rio Tejo. Obedeca.
2 Restabeleces. Lavrem.
3 Apelido. Invulgar. Lutécio (s.q).
4 Medida japonesa igual, a dois decilitros. Tombas. Freguesia do concelho de Alenquer.
5 Planta têxtil do Ceará. Panelas.
6 Letra grega. Reza.
7 Emir. Ópera de Verdi.
8 Item. Estavas. Suspiros.
9 Pelos de certos animais. Grande afeicão. Carta de jogar.
10 Acuda. Seguia.
11 Nome de mulher. Consumiu.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.° 11214

HORIZONTAIS:

1 Nas. Fiador.
2 Era. Ante. EC.
3 Cabaz. Aru.
4 Emas. A. Ba.
5 So. Apelaram.
6 Ores.
7 Irias. Isola.
9 Dias. Ibis.
9 Am. Sr. Unida.
10 Depões. Il.
11 Esbarra. Ias.

VERTICAIS:

1 NECESSIDADE.
2 Aramo. Rimes.
3 Saba. Fia. Pb.
4 Asa. Assoa.
5 FAZ. Pós. Rer.
6 In. Aer. Sr.
7 Ata. LEI.
8 Der. Assina.
9 Obi.
10 Re. Ba. Lidia.
11 Coam. Asais.

PROVÉRBIO: A necessidade faz lei.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.° 7373

HORIZONTAIS:

1 Casta. Fitar.
2 Areal. Amolo.
3 Trinado. Lis.
4 Rata. Gata.
5 Ema. AAA. Sãs.
6 Pomar.
7 Maias. Gap.
8 Erro. Cera.
9 Ria. Uacarau.
10 Ce. Ir. Orais.
11 Aleta. Massa.

VERTICAIS:

1 Catre. Merca.
2 Marra. Ariel.
3 Seita. Ira.
4 Tana. Pão. It.
5 Ala. Aos. Ura.
6 Doam. La.
7 Fão. Aar. Com.
8 Im. Cara.
9 Tolas. Geras.
10 Alita. Arais.
11 Rosas. Pausa.

BARS BOITES restaurantes típicos DANCINGS

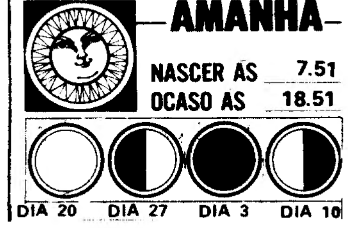
NINA — Danging com atraccões. **Rua Paiva de Andrade, 7-13 T.364859/368197**. YUKY STREAPTEASE JAPPONESA

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado.

Variedades internacionais. **T.261461/164526/264596°264621/264946**.

HIPOPÓTAMO — Conjunto Hipopótamo. Encerra aos domingos. **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. T.48384**.

—AMANHÃ—



NASCER ÀS 7.51
OCASO ÀS 18.51

DIA 20 — DIA 27 — DIA 3 — DIA 10

rádio

EMISSORA 1.° Programa

17.00 Rádio estudantil
18.00 Música variada
19.00 Informação de trânsito
19.05 Falar educação, um programa do I.T.E.
19.25 Fados de Coimbra
20.00 Jornal da noite
21.00 Painel da noite
21.45 Observação de teatro, por Joaquim da Assunção
22.05 Sindicalismo, por Helena Neves e Madeira Claudino
00.00 Último jornal
00.30 Retrospectiva
01.00 Saída e encerramento dos Regionais e dos MF 1 — música na noite
02.00 Música na noite

2.° Programa

17.05 6.° programa comemorativo do nascimento de Ravel e da morte de Luís de Freitas Branco
17.50 «Dois Apontamentos Bascos», de Pablo Sorozabal
18.00 Antologia sonora
18.30 Música de Beethoven
19.30 Suites para orquestra
20.00 Jornal da noite
21.00 Passagem do MF 2 a Estéreo — música ligeira variada
22.00 Audição integral dos quartetos de Beethoven
22.45 Intercâmbio musical
24.00 Fecho

Onda Média 2 — 397 m — 755 KHz

20.30 Música de piano
21 00 Concerto
22.15 Solos de cravo
22.30 Concerto em mi bemol maior, para piano e orquestra, de Ireland
23.00 O canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas
00.00 Música de Bach
01.00 Fecho

RÁDIO CLUBE

Onda Média

16.04 Programa C.D.C.
18.05 Movimento
21.03 A voz do Inatel
21.31 Quando o telefone toca
22.30 Quando o telefone toca
23.06 Hora luterana
23.30 No Mundo aconteceu
00.05 Alavanca
01.00 Madrugada
01.15 Rádio-teatro
06.03 Diário rural
08.30 Espaço R.C.P.

Modulação de Frequência

16.04 Programa C.D.C.
18.05 O nosso programa
19.05 Em órbita-1
20.30 Boa noite em FM
22.02 Auditório
00.05 Em órbita-2
01.05 Banda sonora Sonipol
02.05 Perspectiva
03.05 Madrugada
06.00 Diário rural
07.03 Hora sete

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

Clube Radiofónico de Portugal

Das **06.00** às **10.00** e das **19.30** às **22.00**

Rádio Peninsular

Das **11.00** às **17.00**

Rádio Voz de Lisboa

Das **17.00** às **19.30** e das **22.00** às **02.00**

revista motor

farmácias de serviço

TURNO E1
TODA A NOITE

ALVALADE
Belo, Avenida de Roma, 53-A, (Telef. 776314).
AVENIDAS NOVAS
Vale, Avenida Marquês de Tomar, 45-49, (Telef. 773043).
BAIRRO ALTO
Gonçalves, Rua da Rosa, 176-178, (Telef. 362687).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Ascenso, Praça Norte, 11-A, (Telef. 311216).
BAIXA
Simões Pires, Rua da Prata, 115, (Telef. 362350).
BENFICA
Macedo, Estrada do Poço do Chão, 69-C, (Telef. 703697).
CAMPOLIDE
Imperial, Rua General Taborda, 28 (Telef. 680931).
ESTRELA
Linaide, Rua Ferreira Borges, 30, (Telef. 660955).
GRAÇA
Morão, Largo da Graça, 63, (Telef. 860700).
LUMIAR
Douro, Alameda das Linhas de Torres, 93-A/B, (Telef. 791131).
PICHELEIRA
Marluz, Calçada da Picheleira, 140-A/C, (Telef. 720703-728395).
SANTO AMARO
Teles, Rua João de Barros, 2, frente, (Telef. 638176).
S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
S. Sebastião, Largo de S. Sebastião da Pedreira, 1-9, (Telef. 48642).

TURNO E-2
ATÉ ÀS 22 HORAS

ALTO DE S. JOÃO
Vitalis, Rua Morais Soares, 69, (Telef. 841779).
ANJOS
Guerra, Rua Andrade, 32-36, (Telef. 845513).
ALVALADE
Marbel, Avenida de Roma, 131-A, (Telef. 776235).
AMEIXOEIRA
S. Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1, (Galinheiras - Charneca), (Telef. 790969).
ANJOS
Magalhães, Avenida Almirante Reis, 4-D/F, (Telef. 49479).
AREEIRO
Garantia, Avenida Padre Manuel da Nóbrega, 5-A/B, (à Praça do Areeiro), (Telef. 727300).
AVENIDAS NOVAS
Saldanha, Avenida Praia da Vitória, 53, (Telef. 43938).
BENFICA
S. João, Estrada da Luz, 124-A, (Telef. 783179).
CAMINHOS-DE-FERRO
Frazão, Rua Cruz de Santa Apolónia, 90, (Telef. 847019).
ESTRELA
Andrade Ribeiro, Avenida Infante Santo, 66-B, (Telef. 666971).
OLIVAIS-SUL
Antunes Rosa, Praça da Cidade do Luso, Lote 199, (Telef. 313610).
REGO
Universitária, Rua Alfredo Roque Gameiro, 29-D, (ao Hospital de Santa Maria), (Telef. 778953).
RESTELO
Tanara, Rua Rodrigo Reinel, 3-A, (à encosta do Restelo, o próximo dos Moinhos), (Telef. 611814).
S. PAULO
Central, Rua de S. Paulo, 108, (Telef. 320389).

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Dias, Av. Marquês de Pombal, lote 9 (T.934589); **Campos**, R.Elias Garcia, 185 (T.930072); **Clabel**, R.António Sardinha, 23-D (T.938551)
DAMAIA
Confiança, E.Militar, lote D (T.9710231)
VENDA NOVA
Girassol R.Elias Garcia, 17-C (T.974161)
QUELUZ
Gil, Av. Miguel Bombarda, 28 (T.950117); **Simões Lopes**, Av. Elias Garcia, 51 (T.950123)
CACÉM
Central, R.Elias Garcia, 55 (T.2940034)
MEM MARTINS
Rodrigues Rato (T.2912038)
S.PEDRO DE SINTRA
Valentim (T.980456)
SINTRA
Marrazes, Estefânia (T.2930058)
COLARES
Abreja (T.299088)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Miramar, R.Ernesto Silva, 81 (T.212048)
PAÇO DE ARCOS
Pargana, Av. Eng. Bonneville Franco (T.2435147). Até às 22 horas
OEIRAS
Oeiras, L.Henrique Paiva Couceiro (T.2430485). Toda a noite
CARCAVELOS
Central. Até às 24 horas
PAREDE
Brandão, Av. da República, 77-C (T.2471054). Toda a noite
ESTORIL
Marques dos Santos, R.Ferreira J.A., 115 (T.260116). Até às 22 horas
MONTE ESTORIL
Ostende, R.de Espinho, 1 (T.260391). Toda a noite
CASCAIS
Marginal, Av. Marginal (T.280078). Até aàs 22 horas: **Nova**, E.de Alvide, Fontainhas (T.281044). Toda a noite

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, L.António dos Santos Jorge, 15 (T.234100)
ALHOS VEDROS
Gusmão, R.Cândido dos Reis, 30 (T.204020)
ALMADA
Central, R.de Olivença, 11-B (T.27550504)
BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, E.Nacional, 178-B (T.2040302)
BARREIRO
Normal, Av. Alfredo da Silva, 88 (T.2073212)
COVA DA PIEDADE
Morgado, R.Cabo da Boa Esperança, 25-A (T.2767356)
MOITA
União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga (T.239025)
MONTIJO
Moderna, R.Bulhão Pato, 60 (T..23310156)
SESIMBRA
Leão, Av. da Liberdade, 13 (T.223471)
SETÚBAL
Soromenho, P.Machado Santos (T.22691); **Alice**, P.do Quebedo (T.23743)
SEIXAL
Soromenho, R.Paiva Coelho, 38 (T.2218560)

PORTO

TURNO 26

ATÉ ÀS 22 HORAS

Vitarinha, Rua do Vitarinha, 161 **Bonfim**, Rua do Bonfim, 73; **Guerra**, Rua de Costa Cabral, 43; **Guimarães**, Rua de Francos, 37; **Lemos e Filhos**, Praça de Carlos Alberto, 31; **Liga das Ass. Soc. Mutuos**, Rua do Bonfim, 286; **Castro Carneiro**, R. de Pedro Cruz, 146; **Henrique**, Praça da Batalha, 64-A, **Moreno, Ld.ª**, Largo de S. Domingos, 44; **Bonfim, 73**; **Guimarães**, Rua de Francos, 37 e **Vasques**, Rua das Condominhas, 794

A PARTIR DAS 22 HORAS

Moreno, Ld.ª, Largo de S. Domingos, 44; **Bonfim, 73; Guimarães**, Rua de Francos, 37 e **Vasques**, Rua das Condominhas, 794

COIMBRA

Paiva, R.do Comércio, 58 (T.23231); **S.Sebastião**, R. António Jardim (T.28802); **Silcar**, R.Ferreira Borges, 88 (T.22923)

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

MARTIN MONIZ
21.30 (10 anos)
«O Crico do Povo»

ADÓQUE
20.30 e 22.30 (18 anos)
«A CIA dos Cardeais»

LAURA ALVES
20.30 e 22.45 (18 anos)
«A Mão no Ar e o Pé Atrás»

VILLARET
21.30 (13 anos)
«Pascoal»

CAPITÓLIO
21.15 (18 anos)
«Mostra-Me a Tua Piscina»

LISBOA/Cinemas

PARIS
21.00 (18 anos)
«Sexo Louco»

COLISEU
21.30 (18 anos)
«A Fúria do Campeão»

OLÍMPIA
21.15 (18 anos)
«Os Sinos da Morte»

PROMOTORA
21.15 (18 anos)
«Dias de Perigo»

MOSCAVIDE
21.15 (18 anos)
«O Tigre do Karate»

IDEAL
21.30 (18 anos)
«O Monte dos Vendavais»

JARDIM
21.15 (18 anos)
«Teorema»

LINHA DE CASCAIS

Oxford
21.15 (18 anos)
«Contos Imorais»

LINHA DE SINTRA

DAMAIA
D.João V
21.00 (13 anos)
«Um Homem Chamado Arizona»

SINTRA
Carlos Manuel
21.15 (18 anos)
«A Cólera do Vento»

OUTRA BANDA

COVA DA PIEDADE
Clube
21.30 (13 anos)
«Aeroporto»

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«Jules e Jim»

ALMADA
Academia
21.15 (18 anos)
«Minha Mulher é Doida»

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (18 anos)
«Uma Jovem como Eu»

PORTO/Teatros

CIRCO
22.00 (6 anos)
Circo Mexicano

PORTO/Cinemas

RIVOLI
21.15 (18 anos)
«O Tilre de Ouro»

OÍLMPIA
21.15 (18 anos)
«A Fúria do Desejo»

PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«A Mãe e a Puta»

ÁGUIA DE OURO
21.30 (18 anos)
«Os Vikings»

S. JOÃO
21.15 (13 anos)
«A Linda Pamela»

COLISEU
21.15 (13 anos)
«Semente de Tamarindo»

ESTÚDIO FOCO
21.15 (13 anos)
«Balbúrdia no Oeste»

TRINDADE
21.15 (18 anos)
«O Herói do Ano 2000»

JÚLIO DINIS
21.15 (18 anos)
«É o Amor Voltou»

VALE FORMOSO
21.15 (10 anos)
«Amor de Perdição»

ESTÚDIO
21.15 (18 anos)
«Por Ordem de Mussolini»

BATALHA
21.15 (18 anos)
«O Mocho e a Gatinha»

COIMBRA

GIL VICENTE
21.15 (18 anos)
«A Quimera do Ouro»

S.TEOTÓNIO
21.15 (18 anos)
«Viva la Muerte»

TIVOLI
21.15 (18 anos)
«Stravinsky»

AVENIDA
21.15 (18 anos)
«Tamanho Natural»

cinemas

BERNA
T. 776098 14.00, 16.30, 19.00, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
SPY'S
Espiões
N.B. Se anda satisfeito não venha ver este filme

APOLO 70
T. 763319 14, 16.30, 19, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
BALBÚRDIA NO OESTE
Hoje às 24 Grupo D M. 18 anos
A MULHER DE AZUL

ROXY
T. 48560 14, 16.30, 18.45, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
Colorido
PECADOS EM FAMÍLIA
13.ª Semana

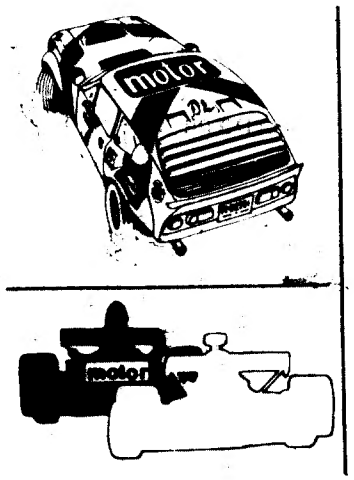
PATHÉ
T. 821933 14.15, 16.30, 19.00, 21.30
Não acons. a menores de 18 anos
A LINGUAGEM DO AMOR
Aviso ao público: Este filme contém cenas eventualmente chocantes
O MAIS OUSADO FILME SUECO SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL

ALVALADE
T. 897480 15.30, 18.30, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
OS CAFA JESTES

NIMAS
T. 574362 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
QUE VIVA A REVOLUÇÃO
c/Marcelo Mastroiani

CARLOS MANUEL (LINHA)
21.15
Não acons. a menores de 18 anos
A CÓLERA DO VENTO

D. JOÃO V (DAMAIA)
T. 971794 21.00
Grupo C (14 anos)
UM HOMEM CHAMADO ARIZONA



UNIVERSAL
T. 774402 15, 17, 19, 21, 23
Não acons. a menores de 13 anos
O DESTACAMENTO VERMELHO POPULAR
Um filme da República Popular da China

IMPÉRIO
T. 555134 15.15, 18.30, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
2.ª Semana
A BOFETADA
de C. Pinoteau
Sessão Clássica 4.ª-feira às 18.30
ESTADO DE SÍTIO

EDEN
T. 32076 14.00, 16.30, 19.00 e 21.15
(Int. a menores de 18 anos)
DUELO DE PUNHOS
c/ Ângela Mao, Jhom Rei
TAGKWONDO
O karate coreano, a mais terrível das artes marciais

TIVOLI
T. 570595 15.15, 18.30, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
SPY'S
Espiões
N.B. Se anda satisfeito não venha ver este filme

CASINO ESTORIL
T. 264621 17.00, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
RITUAL DE GUERRA

ROYAL
T. 665037 15.30, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
QUE NOITE DE NÚPCIAS

POLITEAMA
T. 326305 14.15, 16.30, 19.00, 21.30
Interdito a menores de 18 anos
KARATÉ EM HONG KONG

ROMA
T. 727778 15.30, 18.30, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
NOITES ÁRABES
3.ª Semana

VOX
T. 720808 15.15, 18.30, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
DISTO É QUE EU GOSTO

SATÉLITE
T. 562632 15 17 19 21.15
Interdito a menores de 18 anos
O CIO (HEAT)
2.ª Semana

MUNDIAL
T. 538743 15.15, 18.30 e 21.30
Não acons. a menores de 13 anos
ENQUANTO HÁ GUERRA HÁ ESPERANÇA

CINEBOLSO
T. 573407 14.30, 16.45, 19, 21.30
Não acons. a menores de 18 anos
FILME DE AMOR E ANARQUIA
Às 12.30 (Não acons. men. 13 anos)
BRANDOS COSTUMES

Em ALBUFEIRA, o DIÁRIO DE LISBOA encontra-se à venda no Largo Eng.º Duarte Pacheco (António Santos Labisa)

CALEIDOSCÓPIO
T. 795093 14.00, 16.30, 19.00, 21.45
Não acons. a menores de 13 anos
ANGELA
Um filme de Nicolai Van Der Heyde

CONDES
T. 322523 14.00, 16.30, 18.45 e 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
O riso dos anos 70, é...
O PROFESSOR NUDISTA
c/ Renata Pozetto, Magali Noel

ODEON
T. 326283 15.15, 18.15 e 21.30
Não acons. a menores de 18 anos
O primeiro filme africano apresentado em Portugal
UM HOMEM DO SENEGAL
A odisseia de um foragido com a vida sempre em perigo
1.º Prémio do Festival de Karloryvary (Checoslováquia) em 1974

LONDRES
T. 801313 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
LA BAMBINA
Uma nova forma de amor...

S. JORGE
T. 54153/4 15.15, 18.15, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
A ÚLTIMA GOLPADA
Um filme espantoso!

AVIS
T. 47163 15.30, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
O HOMEM ORQUESTRA
3.ª Semana
Um filme de Louis de Funès

CASTIL
T. 530194 15.30, 18.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
O VÍCIO (TRASH)
3.ª Semana

CINEARTE
T. 660446 21.15
Interdito a menores de 18 anos
AQUADRILHA SELVAGEM

ESTÚDIO
T. 555135 15.30, 18.30, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
EXTRADIÇÃO
c/ Roger Jendley, Anne Wiazemsky

ESTÚDIO 444
T. 779095 15.30 18.30 21.15
Interdito a menores de 18 anos
CONTOS IMORAIS
Este filme contém cenas eventualmente chocantes 21.ª Semana

EUROPA
T. 661016 15.15 e 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
AS NOVIÇAS
4.ª Semana

RESTELO
T. 610375 15. 21.00
Não acons. a menores de 18 anos
AS MIL E UMA NOITES

MONUMENTAL
T. 555131 15.15, 18.15, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
SEMENTE DE TAMARINO

DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TEELEF. 654531/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TÉCNI
E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
Telef. 321154/5, 320271/2/
RUA DA ROSA, 75
END TEL DIBOA TELEX
LISBOA-PORTUGAL

TIMOR

Fretilin recuperou Lebos e Maliana

..DILI, 20 — (R/ANOP/AP/«DL») — As Forças Armadas da Fretilin retomaram a localidade de Lebos, tendo provocado mais de cem baixas nas forças invasoras e apreendido grande quantidade de material de guerra pesado e ligeiro — revela, em comunicado, aquele movimento de libertação. Na localidade de Maliama, a contra-ofensiva da Fretilin causou 60 baixas. Em ambos os ataques, foram capturados soldados indonésios.

..O vice-presidente da Fretilin, Nicol Lobato, declarou ontem a correspondentes em Dili que o seu movimento considerava o que acontecera como uma invasão indonésia e «lutaria até à morte» contra ela.

23 PORTUGUESES SOB AMEAÇA

..O Movimento Anticomunista (M. A. C./ex-U. D. T.) de Timor ameaçou tomar severas medidas contra os 23 soldados portugueses que detém, se Portugal não deixar de considerar a sua libertação uma condição prévia para a realização de conversações para pôr fim à guerra civil em Timor — anunciou hoje a agência indonésia «Antara».

..A carta a este respeito enviada ao presidente português Francisco da Costa Gomes, não especifica quais as medidas que poderão vir a ser tomadas — acrescenta a agência, sublinhando:

«Francisco da Cruz, presidente do M. A. C., afirmou que libertaria os prisioneiros portugueses se Portugal pudesse exercer a sua autoridade na colónia e criar condições para um processo ordeiro de descolonização.»

MORRERAM OS REPÓRTERES DA TV AUSTRALIANA

..Os corpos de quatro brancos, certamente os da equipa da TV australiana dados como desaparecidos, foram descobertos hoje em Balibo, na fronteira portuguesa-indonésia da ilha de Timor. Os cadáveres foram encontrados nas ruínas de uma casa destruída pelos bombardeamentos das forças pró-indonésias, quando do recente ataque a esta povoação do Timor português.

..A Fretilin tinha-se prontificado a libertar 100 prisioneiros de guerra em troca dos repórteres estrangeiros da Televisão.

F.U.R., U.D.P., S.U.V. E A.E.P.P.A.

TODOS FALAM EM REPRESSÃO E APOIAM A RENASCENÇA

Aumentam os apoios à manifestação que amanhã vai exigir a reabertura da Rádio Renascença.

Ao mesmo tempo em que inúmeras 77ikComissões de Trabalhadores, Soldados e Moradores fazem chegar à Buraca ou à Rua Capelo moções de solidariedade e apoio, a F.U.R., a U.D.P. e a A.E.P.P.A., no sábado, e os S.U.V., no domingo, manifestaram-se publicamente, convocando os seus militantes, simpatizantes e todos aqueles que querem ouvir a Renascença ao serviço do povo, para estarem amanhã em Sete Rios, às 19.30 h.

O Secretariado Regional da F.U.R. emitiu um comunicado onde apela para os trabalhadores em geral, aos órgãos de poder popular e a todos os seus aderentes e simpatizantes para participarem na manifestação. Diz o comunicado:

. «Os trabalhadores não vão permitir que uma das conquistas mais importantes do processo revolucionário lhes seja subtraída pela contra-revolução (VI Governo, Conselho da Revolução, A.M.I., Episcopado). Os trabalhadores não vão permitir que sejam silenciados os microfones que durante meses foram apoio às mais variadas lutas do poder popular. Os trabalhadores não vão permitir as tácticas golpistas do VI Governo e dos seus aliados fascistas que, silenciando a Rádio Renascença, se preparam para organizar a repressão sistemática. Os trabalhadores responderão revolucionariamente a todas as tentativas da contra-revolução, fortificando a organização do poder popular. Os trabalhadores sairão à rua, exigindo a devolução da R. R. a quem pertence, isto é, ao povo trabalhador, do qual aquela Rádio tem sido uma das vozes».

DIZ A U.D.P.

Por sua vez, a Comissão Central da U.D.P. também emitiu o seu comunicado de apoio à luta dos trabalhadores da R.R., que começa dizendo: «A Cádio Renascença calada há semanas, há-de voltar para o ar, a breve prazo. A Rádio do povo, a que deu voz às Comissões de Trabalhadores, às Comissões de Trabalhadores da R.R., que começa dizendo: «A Rádio Renascença calada há semanas, há-de voltar para o ar, a breve prazo.»

. Mais adiante, diz a U.D.P.: «Dando cumprimento ao seu programa, veio o Governo silenciá-la. Não nos espantamos. Todos os Governos provisórios, todos os partidos da burguesia, se tinham levantado já contra ela e a favor do Patriarcado reaccionário. Uns, abertamente. Outros, disfarçadamente.

Apelando a todos os trabalhadores, soldados, marinheiros, intelectuais, estudantes, aos católicos progressistas e a todos os antifascistas para que apoiem a manifestação, a U.D.P. lembra as posições que as altas hierarquias da Igreja sempre tomaram em Portugal, auxiliando a perpetuar a opressão sobre o povo.

DIZ O S.U.V.

A abrir o comunicado com a palavra de ordem «A Rádio Renascença a funcionar, já», os S.U.V. convocaram ontem os soldados para estarem às 19 horas de amanhã, meia hora antes do início da manifestação, às portas das oficinas do Metropolitano, em Sete Rios.

Dizem depois: «Quando o VI Governo mandou ocupar as estações emissoras de Rádio e TV, a sua intenção era, não só estabelecer uma censura sobre as notícias difundidas nessas estações, como ainda por a R.R. a serviço do Patriarcado e da burguesia reaccionária». Em seguida, os S.U.V. advertem que depois de silenciada a Rádio Renascença, o próximo passo será a investida final contra o jornal «República». «É o começo da repressão do A.M.I. e da Polícia de Choque do sr. Melo Antunes». Denunciam que «esta repressão já se faz sentir entre nós» e dão como exemplo os acontecimentos do C.I.C.A.P. e o contínuo afastamento de militares progressistas. No final, diz o comunicado: «A R. R. é um problema que diz respeito a todos os trabalhadores (fardados ou não), a todos os oprimitos, a todos os explorados de Portugal.

LIBERTO MARCELINO DA MATA

..Enquanto os saneamentos à esquerda prosseguem, a libertação de contra-revolucionários e de fascistas ligados ao E. L. P. e ao M. D. L. P. continua. Ultimamente, o torcionário e fascista (bem conhecido) Marcelino Mata foi posto em liberdade, assim como toda a sua «equipe», composta por cinco elementos, em consequência de uma ordem emanada pela Polícia Judiciária Militar (comandada pelo major Costa Neves) e contra-assinada pelo Copcon.

..Segundo uma fonte fidedigna ligada a este comando, o Copcon, por intermédio do general Otelo, é **obrigado**, em consequência de uma decisão do chamado Conselho da Revolução, a contra-assinar todas as decisões da Polícia Judiciária Militar, mesmo quando se não encontra de acordo com as mesmas.

..Seria inútil comentar as decisões que consistem em libertar assassinos e reaccionários notórios e em tirar ao Copcon todo o poder de decisão em relação a estas libertações. A bom entendedor, meia-palavra basta...

CUNHAL CATEGÓRICO

P.C.P. no Governo para defender a Revolução

. «Os comunistas não estão no Governo para avalizarem a social-democracia, para sancionarem a política de uma coligação P. P. D.-P. S., para ficarem ligados a uma viragem à direita da política portuguesa» — disse Álvaro Cunhal ontem, em Torres Novas, num comício do P. C. P. — «No Governo, como fora dele, os comunistas combatem um rumo social-democrata que queiram dar à política portuguesa, combatem em defesa das conquistas da Revolução, combatem para que a Revolução portuguesa continue no caminho do socialismo».

Exposta assim a posição do P. C. no contexto da situação actual e em relação ao VI Governo Provisório, Cunhal versaria outros temas prementes. Diria, por exemplo, que a crise actual não pode ser vencida por uma remodelação dos órgãos do Poder de que resulte uma viragem à direita da política portuguesa. Reprovou que as «baterias» estejam a apontar-se para a esquerda, em vez de apontarem-se para a direita contra-revolucionária. Falou da ordem, da disciplina, tão faladas, uma e outra: «Para nós a ordem não é uma ideia abstracta» — disse — «A ordem no Portugal novo que estamos construindo só pode ser entendida como a ordem democrática, a ordem que coincide com os interesses dos trabalhadores, a ordem contra as forças reaccionárias, a ordem em defesa da liberdade e do processo revolucionário, a ordem imposta pelas forças revolucionárias contra os inimigos da Revolução portuguesa» — Quanto a disciplina nas Forças Armadas, Cunhal preconizou: «uma disciplina consciente ao serviço dos interesses do povo e da Revolução».

MÓVEIS
NÓRDICOS
MODERNOS
D. MARIA
LUIZ XV e XVI
IMPÉRIO
D. JOSÉ
D. JOÃO V
RENASCENÇA
SÉCULO XVII
Grande variedade em exposição
TROCAMOS MÓVEIS USADOS
Facilidades de pagamento
ARTIS
R. Maria Andrade, 64
(Perto da Igreja dos Anjos)

QUADROS A ÓLEO
Assim como estatuetas bibelots e vários artigos decorativos, encontrará enorme variedade se visitar a GALERIA ACTUAL.
Av.ª da República, 12 (junto estação metro Saldanha).

OS S.U.V. AOS JORNALISTAS

"PAGAM A MERCENÁRIOS E NÃO NOS SOBEM O PRÉ"

. Os S. U. V., em conferência de Imprensa dada ontem no Porto, anunciaram a realização de um plenário na sexta-feira próxima, no R. A. S. P., às 15 horas, com os soldados do C. I. C. A. P. Serão dadas informações sobre o problema da reabertura desta unidade e estudadas as respectivas condições. Entretanto, conforme solicitação dos S. U. V., os trabalhadores do Porto reunirão em frente daquela unidade, em Vila Nova de Gaia, em apoio do plenário.

Os três militares que falaram aos jornalistas encontravam-se mais uma vez com a cabeça coberta por um pano tendo justificado esta medida pelo facto de serem uma organização obrigada à clandestinidade que procura reunir todas as linhas políticas dos soldados num projecto autónomo de classe, dos soldados decididos a lutar pelos seus interesses e os interesses do povo contra a reacção nos quartéis. Analisados os resultados da luta travada até este momento naqueles os S. U. V. dizem ter havido aspectos positivos, enquanto se fez dentro do R. A. S. P. uma experiência piloto de democracia directa dentro do quartel, com comissões eleitas e responsáveis perante o plenário e revogáveis. Além disso foi feita uma ligação, através da comissão militar, a organismos populares de base. Os aspectos negativos decorreram da forma precipitada como teve que evoluir a luta face à estratégia dos seus inimigos. Esta caracterizou-se por um sistema de guerrilha permanente através de pressões como foi o caso da manifestação do P. P. D. A propósito deste problema foi distribuído um comunicado na conferência de Imprensa em que se afirma: «Esta manifestação veio a Vila Nova de Gaia com duas finalidades: primeiro, desalojar os trabalhadores e moradores que defendiam o R. A. S. P. com o seu próprio corpo; segundo, depois de «limpar» a entrada do R. A. S. P., os manifestantes dariam uma salva de palmas aos carros de combate que entrariam para «libertar» o R. A. S. P. mas todos nós sabemos o que aconteceu a este plano: meteu água. Os trabalhadores fardados e não fardados, sem aventureirismos e com toda a decisão que dá a luta por uma causa justa defenderam-se dentro e fora do R. A. S. P. contra as provocações e agressões».

Foi ainda dito que a solução encontrada para o C. I. C. A. P. foi uma derrota para o comandannte da Região que agora lançou uma ofensiva para neutralizar as medidas acordadas com o general Fabião. Assim, 14 militares (do Q. G., do Regimento de Cavalaria do Porto e da secção deste situado em Espinho, e do Hospital Militar Regional) foram enviados para casa.

A propósito do destacamento A. M. I. foi dito ser uma tentativa de criar um Exército profissional, obediente e sem pensar. Ao mesmo tempo, acrescentaram, que se saneiam militares progressistas, agenciam-se mercenários com o objectivo de separar os soldados do povo e criar unidades para reprimir trabalhadores. Depois de se referirem aos vencimentos que serão pagos aos mercenários do A. M. I. (enquanto se diz não haver dinheiro para aumentar o pré dos soldados) os militares do S. U. V. acrescentaram durante a conferência de Imprensa: «Nunca consentiremos que, de qualquer maneira, se tente transformar o 'Des acamento 25 de Abril' (ex C. I. C. A. P.) numa unidade do A. M. I., já que os soldados, trabalhadores fardados, não se viram contra os trabalhadores.

Foi ainda esclarecido, a perguntas feitas pelos jornalistas e a propósito da 'integração vertical' de que fala o general Fabião, que o S. U. V. nunca poderá ser integrado dessa forma já que é, pelo contrário, uma organização horizontal de classe em que todos os oficiais revolucionários e progressistas são recebidos de braços abertos.

A propósito do plenário de sexta-feira próxima, foi ainda informado que o comandante da Região tenta boicotá-lo e que já houve para o efeito uma reunião de oficiais do quadro permanente no Quartel-General. «Mas o plenário realizar-se-á», concluiram.

As aulas começam quando?

Marcada inicial e oficialmente para o dia 15 deste mês a abertura do ano lectivo do Ensino Secundário, previsto depois para hoje, o certo é que as aulas, em grande parte do País ainda se não iniciaram. Noutros casos, é mais aparente que real, a sua abertura. Causas que se apontam? Se de um lado o M.E.I.C. pensa não serem estranhos a ste atraso o ncêndio do edifício onde trabalhava a comissão central das Colocações e a reve dos serviços centrais do M.E.I.C., do outro lado, o Sindicato dos Professores que centra as razões do atraso da abertura das aulas na incapacidade do M.E.I.C. resolver o problema de carências de instalações. De realçar ainda que a demora na colocação dos professores, provisórios e eventuais, sobretudo. E mais: os programas do 7.º ano de escolaridade (1.º unificado do Ensino Secundário) só a partir de 16 de Outubro começaram a ser distribuídos. Entretanto professores apontam a ausência de livros e programas no Ensino Secundário.

As reuniões nos estabelecimentos de ensino para a abertura das aulas continuam a decorrer. O Sindicato dos Professores avançou mesmo, em recente nota, que em muitos casos a abertura de aulas se deve referencialmente o esforço dos professores e de comissões de moradores.

No Liceu Rainha D. Amélia de que chegou a anunciar-se que as aulas iriam abrir na data prevista, o ano lectivo vai iniciar-se no próximo dia 27, segundo nota da Direcção.

Estudantes do Liceu Padre António Vieira, convocam uma R.G.A. para amanhã, às 15 horas. Na convocatória, informam aqueles estudabtes: «Mui os de nós não e conseguiram inscrever, todos não vemos para breve a bertura das aulas. Não nos interessa resolver os problemas de alguns, mas lutar para ue todos tenham direito a ter aulas.